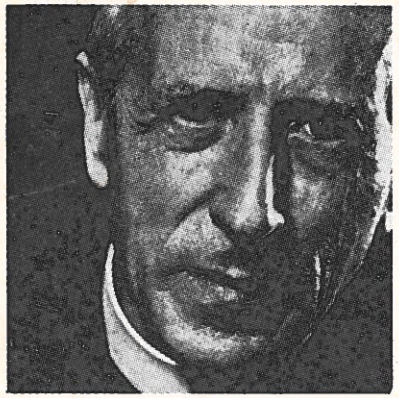


«O perigo das cartas é que trasmitem muitas vezes uma impressão de momento — e apenas de uma parte da alma nesse momento». Esta observação do Padre Teilhard de Chardin dirige-se muito particularmente ao leitor de hoje, introduzido na intimidade de uma correspondência de grande liberdade, cujo autor não podia suspeitar que viesse um dia a ser publicada.

De 1923 a 1939, esta correspondência cobre as grandes datas da vida e da obra de Teilhard de Chardin. Ao apresentá-la, Robert Garric e o P.e de Lubac explicam como este testemunho de Teilhard, sobre as suas reacções e sentimentos íntimos perante as crises que caracterizaram as suas relações com a sua Ordem e com a Igreja em geral, traz uma valiosíssima contribuição para o estudo de uma obra e de uma personalidade tão importantes e tão estudadas.

Aqui, Teilhard dirige-se e confia-se a uma mulher, uma intelectual de estirpe, profunda e apaixonadamente ligada à corrente feminista dos anos 20. Esta correspondência amiga e fiel permite a ambos, à militante e ao sábio cristão, porem em comum as suas preocupações, inquietações e esperanças. O Padre Teilhard revela-se aqui sob um aspecto pouco conhecido: como conselheiro atento e discreto director espiritual.

Mas, ao mesmo tempo, estas cartas são marcos de uma vida singularmente activa e tensa, e mostram-nos Pierre Teilhard, centrado sobre o nó mais íntimo da sua alma, procurando sempre retemperar as forças «na grande e pacificadora intensidade da omnipresença divina».

Pierre Teilhard de Chardin . Cartas a Léontine Zanta

TEILHARD de CHARDIN

CARTAS A LÉONTINE ZANTA

Livraria Morais Editora

Obras de Teilhard de Chardin
publicadas pela Livraria Morais Editora

GÉNESE DE UM PENSAMENTO
CARTAS A LÉONTINE ZANTA

em preparação:

O MEIO DIVINO
O FUTURO DO HOMEM
CARTAS DO EGIPTO

Pierre Teilhard de Chardin

CARTAS A LÉONTINE ZANTA

Introdução de
ROBERT GARRIC
e
HENRI DE LUBAC

Livraria Morais Editora

Título original
LETTRES À LÉONTINE ZANTA
© Desclée de Brouwer 1965

Tradução de
Belmiro Narino Figueira

Capa de
Alda Rosa e Duarte Nuno Simões

Direitos de tradução para a língua portuguesa reservados por *Livraria Morais Editora*
Lisboa 1967

INTRODUÇÃO

Robert Garric

O PADRE TEILHARD E MADEMOISELLE ZANTA

«Venha então almoçar na quarta-feira. Virá encontrar três padres que o irão com certeza interessar».

Foi com este convite de Mlle *Zanta que me dirigi a Neuilly, num lindo dia de Primavera de 1925, levado por uma certa curiosidade. Não pensava que esse encontro me iria influenciar profundamente.*

De facto, estavam presentes três sacerdotes. Um deles tinha um nome cheio de prestígio, o P.e Bremond; o segundo era um nome também muito conhecido, o P.e Mugnier; o terceiro... reservava-me a grande surpresa do dia.

O P.e Bremond não desiludia quem tivesse lido alguns dos seus livros. Começara a aparecer a sua Histoire littéraire du sentiment religieux, *uma obra que acabava de desvendar a toda a França tantas páginas de místicos desconhecidos, apresentados na sua bela linguagem, florida, matizada, poética. O P.e Bremond era um homem alto, magro, imenso; tinha um jeito de olhar de cima, com uns olhos vivos em que brilhava uma subtil malícia; de lábios finos e contraídos, intervinha com inteligentes observações, brilhava, guiava a conversa. Não esqueci que se falava dele como de um novo Sainte-Beuve, e essa ideia não deixou de me intimidar...*

O P.e Mugnier, muito pequeno ao lado dele, cheio de

bonomia e com um olhar cintilante de vivacidade, era um homem espirituoso que se fazia notar pelo tom benévolo e jovial dos seus ditos. Havia mesmo uma lenda à sua volta. Não fora ele o confidente de Huysmans, que tinha introduzido na catedral, o amigo e director de tantos artistas e poetas! Feito para escutar e alentar as almas atribuladas, ele mesmo era todo amor das artes e da poesia: gostava dos românticos, adorava Combourg e o seu mestre, e o seu olhar toldava-se de emoção e de fantasia quando alguém lhe falava dos seus grandes amigos e de uma obra que lhe fosse grata. Não acabava ele de descobrir Marie Noël e de a consagrar como grande poetisa, enquanto o P.e Bremond, por seu lado, a entusiasmava a prosseguir a sua vocação?

O terceiro sobressaía entre todos os comensais: alto também, elegante, falava pouco; o olhar, belo e profundo, perscrutava longe e parecia seguir um pensamento; não intervinha na conversa senão com muita reserva, e as suas palavras tinham qualquer coisa de grave, de incisivo; denotava ao mesmo tempo um ar de arrojo e de modéstia. E impunha-se pelo silêncio, como pelas suas rápidas observações: diante dele sentíamo-nos como diante de alguém a cuja influência ninguém se pode eximir e que em nós desperta repentinamente uma enorme simpatia. Alto porte de fidalgo religioso, ar e movimentos de desportista: a ascese burilava-lhe o rosto, todo iluminado de vida interior.

Desde esse dia se me fixou para sempre na lembrança, e isso não deixei de o notar à dona da casa, onde depois havia de o encontrar mais vezes: era o P.e Teilhard de Chardin, que regressava da sua primeira viagem à China.

Que residência era esta, tão amiga, onde se reuniam tantos artistas e filósofos? Quem era a dona da casa?

Mademoiselle Zanta, cujo nome e cuja obra eram já muito conhecidos, acabava de se revelar havia uma dezena de anos como um dos espíritos mais distintos do seu tempo, e a sua deslumbrante carreira tinha-lhe conquistado um grande número de admiradores.

Era um assunto de que se falava, essa jovem alsaciana, filha dum professor humanista, que tinha obrigado os pais a deixá-la prosseguir os estudos de filosofia, tirar o liceu numa altura em que as raparigas não o faziam, vir a Paris para poder seguir os cursos da Sorbonne.

Antes de se preparar para o exame da licenciatura, tinha habitado algum tempo no Egipto, em Ismaília, acompanhando a família de um engenheiro chefe do Canal de Suez, Le Masson, e ocupando-se durante alguns meses da educação dos seus três filhos. Regressada a Paris, dera lições e explicações, ajudando o seu pai no trabalho com os alunos e preparando os seus próprios exames, sendo a única estudante na secção de filosofia da Faculdade. Entusiasmava-se com os seus queridos filósofos, maravilhava-se com a obra de Platão e tinha uma secreta inclinação pelo Manual de Epitecto, que em dado momento sabia quase de cor. Seguia os cursos de Brochard, Émile Boutroux, Gabriel Séailles; e encontrou no seu caminho um mestre prestigioso que iria influenciar profundamente o seu pensamento, Henri Bergson.

Em 1898 vencia brilhantemente o exame de licenciatura em filosofia, e logo se lançava, cheia de entusiasmo, no ensino, para o que tinha uma vocação natural.

Viva, jovial, persuasiva, falando uma linguagem clara e cheia de calor, não lhe faltaria jamais esse dom de

tocar os seus auditórios de rapazes e raparigas. Tinha ensinado num instituto de estudos superiores, que pouco antes fora criado por Madame Paris, a «Mutualité Maintenon», verdadeira escola normal livre. Lá iria encontrar Samuel Rocheblave, a quem uma grande amizade a uniria por toda a vida, Paul Doumer, então governador geral da Indochina e presidente honorário do curso, Alfred Mézières.

Mas não esquecia o que continuava a ser a sua vocação essencial: preparava uma tese de filosofia, metendo-se por um caminho ainda pouco desbravado, mas com o apoio de Bergson, Séailles et Strowski. Tinha escolhido como tema O renascimento do estoicismo no século XVI; e, enquanto dava os seus cursos e dirigia os estudos de numerosos alunos, passava os momentos livres na Biblioteca Nacional e as noites a compor a sua primeira grande obra. Causava admiração a tenacidade sorridente que dela irradiava, esse dom que lhe era inato de vencer os obstáculos a brincar e, no dia 19 de Maio de 1914, uma data na história do feminismo francês dessa época, Léontine Zanta tornava-se doutora em filosofia, sendo a primeira mulher francesa a enfrentar essa prova.

1914: é a guerra, que Mlle Zanta, alsaciana, vai seguir apaixonadamente. Ensina filosofia num liceu de rapazes, o liceu Buffon; é eleita presidente da «Mutualité Maintenon» e vê ràpidamente alargar-se a sua influência; é levada, um pouco pelos acontecimentos, a desempenhar um papel de primeiro plano no meio do feminismo francês.

Chamada a falar em todas as conferências e congressos que se sucedem, depressa adquire grande reputação: não se deixa nunca levar pelas paixões violentas de

algumas das suas colegas, jornalistas e escritoras, pela política e a reivindicação dos direitos políticos. Mas reivindica para a mulher o direito de acesso a todas as profissões liberais. Escreveu, nos seus anos de intenso trabalho e de primeira glória, a Psicologia do feminismo, com um prefácio de Paul Bourget. Isto contribui para a tornar ainda mais conhecida. Seguem-se novos concursos, novas amizades, entre as quais se conta a de Colette Yver.

É na grande imprensa que ela defende agora estes direitos profissionais da mulher. Em breve se torna numa jornalista brilhante e sólida, e os seus artigos aparecem na primeira coluna dos grandes diários. Não se limita ao quadro dos seus primeiros artigos, e trata todos os problemas de pedagogia e de sociologia, os problemas do ensino e os problemas sociais: expõe claramente, toma posição, luta calorosamente pelas causas que defende. Trata a questão do trabalho feminino na oficina, a da escola livre; desolada, um dia, com as divisões do país, ela, cuja vocação é de unir e aproximar, escreve estas palavras cheias do estoicismo que lhe inunda o coração: «Encontro-me na minha mesa de trabalho, procurando robustecer a alma contra os infortúnios do tempo, a ler os nobres e melancólicos pensamentos de Marco Aurélio».

De futuro, chegam-lhe torrentes de cartas: numerosos leitores lhe confiarão, até ao fim da sua vida, reflexões e perguntas. Era um diálogo vivo entre ela e todo o país.

Entretanto, à medida que aumenta a sua fama de conferencista, Mlle Zanta é chamada ao estrangeiro. Primeiro, é a Holanda que a recebe: já em 1919 ela vai a Roterdão. E lá vai falando, ora no grande salão da pre-

sidente da «Alliance française», ora na sala dos Notários. Expõe então um grande tema: A mulher moderna e os problemas sociais do século XX. *Depois é chamada à Bélgica e às suas queridas províncias do leste da França, onde regressa com tanto prazer. Mas é sobretudo nas reuniões em que há discussão que se afirma com mais autoridade: a contradição suscita nela réplicas cheias de vida; sabe encontrar o caminho da confiança e desencadear correntes de entusiasmo numa sala de conferências.*

A sociedade solicita-a: tem de sair muito, de receber muito. Brilha nas reuniões parisienses, onde é festejada, mas nada lhe agrada tanto como encontrar-se no recolhimento da Avenida de Madrid, onde se veio instalar com os seus em 1900. O quadro é à sua medida: arranjou o gabinete de trabalho, que serve também de sala de visitas, e por onde passarão tantos e tão ilustres visitantes, de maneira a um tempo agradável e harmoniosa. Os retratos de Erasmo e de Justo Lípio parecem presidir a estes encontros humanistas; por cima da estante baixa, uma reprodução da Disputa do Santíssimo Sacramento *de Rafael. Junto da entrada, o Moisés de Miguel Ângelo. Não longe, o busto de Pascal.*

E da varanda, onde ela gosta de passar as tardes, descobre a ramaria do bosque de Bolonha e contempla «o lindo sol vermelho ou dourado inclinar-se» no horizonte.

Casa de sabedoria feita para a meditação, muitas vezes invadida pelo bando alegre dos sobrinhos e dos filhos destes, que ocupam o andar contíguo; casa frequentemente visitada pelos amigos, pois Mlle *Zanta soube desde nova rodear-se de verdadeiras amizades, que lhe serão fiéis até ao fim: a célebre médica Madame Darcanne, que foi uma das primeiras mulheres a ocupar*

o cargo de interna em França, Marguerite Teillard-Chambon, sua aluna e depois íntima amiga (a ela, de resto, ficou a dever o conhecimento do P.e Teilhard de Chardin), a condessa Melchior de Polignac, Madame Le Masson, que pouco tempo antes a recebia em Ismaília.

Casa em que os filósofos gostam de se reunir e que já se ilumina duma brilhante recordação: foi lá, com efeito, que durante a guerra, num almoço narrado por Maurice Donnay, Henri Bergson veio encontrar-se pela primeira vez com o P.e Sertillanges. Outros encontros deviam seguir-se a esta primeira apresentação, em que tomaram parte o P.e Mugnier e Maurice Donnay.

Não são em menor número os escritores do que os filósofos: romancistas, poetas, viajantes. São amigos da casa os irmãos Tharaud, como gostam de aí se encontrar René Boylesve, Paul Bourget e Maurice Barrès, que é seu vizinho. Mlle *Zanta faz parte do júri do Prémio Fémina, e os jovens escritores frequentam também a sua casa. Recordo-me da vinda de Joseph Kessel, uma tarde: o seu ardor era extraordinário à mesa de* Mlle *Zanta, que não era menos viva e entusiasta do que ele.*

Em 1925, já passara os cinquenta anos: é duma beleza inegável, enriquecida agora, com a idade, de algo de mais grave e mais sereno. Comparam-na a uma princesa da Renascença, pela graça das atitudes e o encanto da expressão, que faria inveja a qualquer pintor; não é ela, de resto, aquela heroína dum romance de Colette Yver: «Essa mulher de cabelos cor da neve, de traços luminosos, de rosto cheio e redondo, e cujo olhar era uma irrupção perpétua e impetuosa da alma, no fundo de dois miosótis alegres e ternos»? Tal como dela nos recorda-

mos, Mlle Zanta aliava à harmonia dos gestos e à graciosidade a expressão duma serenidade enternecida e dum fervor que brilhava docemente.

«La lampe», chamavam-lhe os seus alunos... «Mademoiselle Lanéo», como a designava Maurice Donnay... «Hypatie», murmurava o P.e Bremond. E Madame Darcanne: «A nossa querida Zanta»...

E quanto ao P.e Teilhard de Chardin, em que altura da sua vida o encontramos nós aqui? Depois dos anos de guerra, durante os quais começou, na linha de combate, a amadurecer o seu pensamento, a descobrir os seus horizontes, defendeu a sua tese de doutoramento em 1922; ensinou no Instituto Católico de Paris; trabalhou no Museu de Marcellin Boule, depois empreendeu, em 1923, a sua primeira grande viagem ao Extremo Oriente.

Atraído verdadeiramente por este Oriente desconhecido, ele quer «mergulhar-se aí nas zonas ainda brutas do universo material e humano». Aí se abandona à «inverosímil variedade das raças e das preocupações humanas».

Sabe ver, observar, e colhe um enorme proveito desta viagem a um país e um meio tão diferentes. Eis como ele evoca uma navegação em tempo calmo no Oceano Índico, uma vez dobrado o Cabo Guardafui: «Neste espelho, elevam-se os peixes voadores, deslizam e saltam como andorinhas que rasassem a água. No meio deste enorme lago sem margens, as noites adquirem um estranho encanto. Ontem não podia deixar de contemplar, para oriente, o mar uniformemente leitoso e verde, duma opalescência opaca...»

Descobre a China, a China de Tien Tsin e de Pequim, a China igualmente dos grandes espaços oferecidos ao

roteiro do geólogo; percorreu «os planaltos ruivos e cinzentos dos Ordos», viu aparecer a grande plataforma do Gobi, transpôs as muralhas ameadas e seguiu para o deserto mongol.

Escapa ao gosto do exótico, por inverosímeis que sejam as condições em que terá de viver: pitoresco e exótico ficam ultrapassados. Mas aprecia profundamente os grandes conjuntos da natureza: «Saboreio o prazer de me encontrar no meio dos grandes espaços da Mongólia, e vejo à tarde desenharem-se, a azul pérola para ocidente e a roxo para leste, por sobre o oceano das ervas amarelas, cadeias de montanhas com nomes bárbaros que eu mal tinha entrevisto nos atlas».

País infestado de salteadores, trabalhado pela guerra civil, que sabe defender-se contra o intrusão dos estrangeiros. Mas para o paleontólogo, que acumula descobertas com o seu martelo paciente, o espanto é grande. E a sua imaginação inflama-se: acaso não se lhe descobre todo o passado deste velho país? Abatem-se os milénios. E nesta sua visão que perscruta os séculos, tudo se anima: percebe a vida que aqui mesmo, no princípio dos tempos, deve ter desabrochado. «Ali branqueiam ossos de rinocerontes, de girafas, de antílopes, que erravam por lá no Mioceno, como ainda o fazem hoje nas pradarias tropicais da Africa. Também aí, sob as altas muralhas de loess, se encontram disseminados os vestígios dum homem cujos olhos viram a China antes de ter revestido o seu manto de terra amarela».

Mergulho no passado... Ímpeto que atira ao futuro, sua verdadeira pátria.

Pois ele já não pensa que a viagem lhe possa entregar qualquer coisa que exceda as aparências: só as ilu-

sões de juventude favorecem esta esperança. «O espaço é um véu sem costura, sobre o qual se pode caminhar indefinidamente sem encontrar a menor abertura para as zonas superiores do ser».

Porém, que encontros espantosos com os Mongóis nas suas tendas, com os sábios da jovem China, que com ele colaboravam, com esses outros sábios vindos de todos os pontos do mundo para fazerem as suas pesquisas e com os quais tão depressa se estabeleceu um clima de franca camaradagem! Com esses americanos, esses suecos, esses chineses, delineia-se uma sociedade futura de investigadores, uma sociedade humana profundamente cordial.

A alegria do sábio confunde-se com a do artista, mas, como uma vaga de fundo que levasse todo o seu ser, sente sobretudo afirmar-se a sua imperiosa vocação: sabe-o bem desde as noites de guerra: é feito para outra coisa que não para esquadrinhar os arquivos do passado; voltado para o futuro distante, interroga-se, aprofunda a sua vida interior. «Um pouco demasiadamente absorvido pela ciência para poder filosofar muito, mas interiormente cada vez mais penetrado, quando entro no fundo de mim mesmo, da convicção de que a ciência de Cristo através de tudo é a única que vale a pena».

A palavra secreta que esperava da China, acaba de ouvi-la. «Peregrino do futuro», aproveita-se de tudo o que a ciência do passado põe à sua disposição: «Não será verdade que o passado, visto de uma certa maneira, é transformável em futuro; não será verdade que a consciência mais extensa do que é e do que foi é a base essencial de todo o progresso espiritual?» Não é verdade que toda a sua vida de paleontólogo se levanta sobre a

única esperança de colaborar numa caminhada para a frente: «Ao longo dos séculos que avançam, o mundo não vai ao acaso nem patina, mas, sob a universal agitação dos seres, qualquer coisa se faz, qualquer coisa de celeste sem dúvida, mas de temporal em primeiro lugar. Nada se perde já desde cá em baixo para o homem daquilo que o homem penou... O sulco deixado pela humanidade em marcha indicar-nos-á o seu movimento de maneira menos perfeita do que a escuma que por outros lados se formou sob a proa dos povos?»

O futuro, o passado... Passam diante do seu olhar os outonos antigos, outono do Egipto, outono de Hastings, «outono nos planaltos de Auvergne, com o Forez e o Mont-Dore no horizonte». Há melancolia ao ver passar estas imagens, que, todavia, ele contempla, lúcido e tranquilo. O Auvergne, o seu Auvergne de Sarcenat, depara-se-lhe sob mil aspectos deste mundo tão diferente. Reencontrou planaltos basálticos, grandes lagos, uma vista do mundo «que lembra tanto o Auvergne no aspecto, tirando as pastagens que, em vez de flores de genciana, se encontram cobertas de um belíssimo pequeno lírio, que forma a espaços um verdadeiro tapete cor de violeta». Esta cadeia de vulcões quaternários não lhe parece «tão fresca como os nossos Puys d'Auvergne»?

Antigas paisagens, velhas amizades: o P.e Charles, o P.e Valensin, o P.e Breuil... O mundo está cheio de figuras amigas, mas certos seres nos acompanham particularmente no decurso da vida. Os seus rostos atentos seguem-nos. Sente desenvolver-se nele o hábito de ligar todos os acontecimentos da sua vida, tudo o que aparece no seu campo de visão, à causa suprema: a Cristo, que tudo une e tudo explica. Nesta paisagem extraordinária, que se

desenrola ao longe como um encrespar de vagas brancas, o seu pensamento eleva-se em oração: «Ofereci o mundo da Mongólia a Cristo, que ninguém sem dúvida nunca aqui invocou». Como o P.e de Foucauld...

É com o olhar e o coração cheios destas imagens que regressa a Paris, sua pátria espiritual, em 1925. Conta aos amigos os caminhos andados e a grande preocupação da sua vida, esta grande abertura do mundo e o seu progresso sob o impulso divino.

Quando vem ao «mirante» da Avenida de Madrid, sente-se feliz por ter a oportunidade de pôr à prova o seu pensamento diante de uma filósofa tão preparada para seguir, para compreender, para perscrutar o pensamento. Ele próprio a anima a perseverar na sua vocação, a difundir largamente à sua volta essa influência de que ele bem conhece a importância e a qualidade; aconselha-a também a dedicar-se à reflexão, ao retiro, e a destinar algum tempo ao aperfeiçoamento do espírito e da alma. Ela põe-o a par das novas correntes do pensamento contemporâneo, das obras que traduzem as suas esperanças e as suas inquietações. Mas não passa duma paragem: em breve regressa. A China chama-o: ali está de novo em 1926. Ainda irá fazer duas novas paragens, em 1927 e 1930; depois, participará no Cruzeiro Amarelo e passará em Paris quatro meses em 1932.

Por seu lado, Mlle *Zanta não deixa de trabalhar, de alargar a sua influência. Mantém o P.e Teilhard a par das suas múltiplas actividades; com desvelo, com amizade, ele acompanha-a, anima-a. E fazem o ponto, de todas as vezes que ele vem a Paris.*

Uma nova forma de acção se impõe a Mlle *Zanta a partir de 1925: agrupa um número bastante grande de ouvintes desejosas de cultivar o pensamento e a alma, e faz todos os anos as suas «Conferências Quaresmais», toda uma série de lições filosóficas centradas à volta dum assunto importante. Até 1929, é na* Revue des Jeunes *que reune o seu público; depois de 1929 é em casa dela, na Avenida de Madrid. E os temas das suas lições falam bem das coisas que a preocupavam: em 1925,* Problème de la volonté libre; *em 1926,* Problème de la croyance; *em 1932,* Problème religieux de Blondel.

Por vezes faz ouvir ao seu auditório um filósofo ou um escritor: Daniel-Rops fala na Avenida de Madrid, Henri Gouhier também lá vai no dia que se seguiu à defesa da sua bela tese sobre Malebranche; o testemunho de Baruzi, no momento em que termina o seu grande livro sobre S. João da Cruz, é inesquecível. O P.e Gillet, que não tardaria a ser geral dos Dominicanos, é também amigo da casa.

Também do estrangeiro lhe chegam visitas como aquela Miss Brunk, professora emérita de línguas românicas em Swathmore College, que tão profundamente se deixaria impressionar pelas conversas de Mlle *Zanta.*

Em 1928, Bergson recebe o Prémio Nobel: ela presta-lhe homenagem em Nouvelles Littéraires. *Ele agradece-lhe e reconhece que o artigo traduz «senão o que ele fez, pelo menos o que gostaria de ter feito».*

Desta vida rica em obras e carregada de trabalhos, o P.e Teilhard sente, como o sabem os amigos de Mlle *Zanta, como é grande o peso e para que repetidos esforços é solicitada a infatigável serva dos outros. Esforça-se por a todos responder, por aconselhar todas as que recor-*

rem a ela com os seus problemas: procura dar a energia que por vezes lhe falta. Gasta noites a escrever, priva-se de sono para ter em dia os seus apontamentos. Acontece-lhe sentir-se invadida por uma insidiosa fadiga: alguma coisa está lassa no mecanismo do ser.

«Trabalho à pressão», escreve ela a uma amiga. «Trabalho como uma moura. Comprazo-me nestas ideias sublimes, mas sofro porque me falta o tempo. Que Deus me dê largueza de tempo, era o voto de Santo Agostinho. E é também o meu».

E dando-se conta de que lhe falecem as forças, murmura em voz baixa: «Deu-nos Deus a nossa vida de trabalho, um fardo pesado e suave: chamo-lhe pesado, por causa das minhas forças que declinam; mas acrescento suave, pois nada se pode comparar às alegrias que aí encontramos...»

Pensa sobretudo no trabalho começado depois de 1925, um grande estudo sobre Vittoria Colonna, que prosseguirá durante dezassete anos e que jamais terminará. Magnífico projecto! Quantas vezes o P.e Teilhard lhe dá ânimo para navegar destemidamente nesse mar alto, sem se deixar estorvar por um número demasiado de bagagens e documentos. Mas ela multiplica as suas investigações: visita em Roma as bibliotecas; em 1928, vai a Florença, a Nápoles. Foi assim que descobriu o Vaticano, no ano jubilar de Pio XI. Deixou-se enamorar do encanto de Roma, familiarizou-se com a cidade, as ruas, o povo. Gostaria de lá ficar.

E como ela soube tornar única essa atmosfera! «As velhas pedras do aqueduto de Cláudio iluminam-se de claridades vermelhas debaixo de um céu de borrasca... E se por acaso passa nesse momento um rebanho de carneiros conduzido por um único pastor, o simbolismo aclara-se maravilhosamente. Todo o passado vem dar, através de uma longa cadeia de grandes homens, de mártires e de santos, ao indestrutível e universal redil que se eleva no Vaticano. A subida fez-se ao longo dos séculos, em direcção à colina de Pedro, onde hoje o pastor usa o báculo e a mitra em vez do cajado».

Mlle *Zanta gosta de viajar, de contactar com novos países, de renovar as suas impressões; aprecia a natureza, e também o campo e os labores campestres. Tem as suas paragens preferidas: no princípio das férias, o belo solar de Voulte, onde é recebida pela sua amiga Madame de Polignac; o Loire desliza aos pés do castelo; a biblioteca é rica, e ela gosta imenso de trabalhar nesta paisagem e neste lar, onde toda a gente respeita e aprecia o seu labor.*

Le Chambon, propriedade de Marguerite Teillard, é outro dos seus sítios preferidos: a casa esconde-se na serra verde de Chantal, muito perto de Lioran; gosta desta raça de robustos camponeses, deste duro trabalho de que também falou no seu artigo: A travers la montagne. *Lá me encontrei, em dada altura, com ela e recordo-me da espontaneidade com que sintonizava com estas paisagens e este modo de vida.*

Antes do Outono vai à Gironda, a casa de amigos, ou a Chantilly, ao ambiente familiar.

Mas gosta de se evadir para fora das fronteiras: ora vai ter com Madame Le Masson, à Suíça, e vai visitar Bergson em Vevey, ora parte para a Espanha com Madame Darcanne. Em 1930 percorre toda a península, de norte a sul. Fica arrebatada com Monserrate.

Mas não fala dum episódio que sòmente a sua amiga

guardou como preciosa recordação: uma tarde, em Granada, quando atravessava o salão do hotel para a refeição da noite, é tal o encanto desta desconhecida, tão imponente a sua beleza, que todos os que estavam presentes se levantaram num só movimento, numa homenagem muda.

No limiar dos sessenta, Mlle Zanta conservou um belo equilíbrio, que causa a admiração dos que sabem a que preço o conquistou. Na verdade, pôs em prática o pensamento que se pode ler na sua Psychologie du Féminisme: «É uma obra de arte a vida de uma mulher, uma obra que exige a cada instante inspiração e disciplina».

Durante estes anos, o P.e Teilhard continuou a sua descoberta do mundo, e antes de mais nada da China: Tien Tsin, Pequim, as estradas que levam ao Tibete chinês, a Manchúria, o Gobi. Toma cordial contacto com os Estados Unidos, onde sempre se sentirá como em casa sua no mundo dos investigadores e dos sábios — e de novo volta a Pequim. Ora se sente apanhado e como que aprisionado neste mundo chinês do interior, ora se encontra em Pequim com os seus companheiros de trabalho: a Fundação Carnegie permite-lhe superintender os trabalhos respeitantes aos Vertebrados e ao Homem Fóssil na China. Aceita depois a supervisão do Serviço Geológico Chinês. Em 1931, encontramo-lo metido na aventura do Cruzeiro Amarelo, organizada por Haardt. Faz parte do grupo que, saindo de Pequim, deve encontrar-se com o grupo procedente de Pamir. Peripécias múltiplas, descobertas apaixonantes.

O homem que regressa em 1932 por algumas semanas é um homem que adquiriu toda a sua medida. A

idade e a vida marcaram nele o seu selo misterioso. Alguma coisa se refinou, se espiritualizou. Está então tal como o viu Monfreid quando da sua passagem pela Abissínia: «Tinha olhado com simpatia para esse rosto longo, enérgico e fino, em que os traços acentuados de rugas precoces parecem talhados em madeira dura. Os olhos cintilantes e vivos tinham alguma coisa de risonho, mas não eram irónicos. Falava com a vivacidade e a animação dos que se apaixonam. Era premente a sua palavra: ia até à alma, com esse poder persuasivo próprio dos apóstolos».

Nunca cansava ouvi-lo a evocar as cenas recentes do Cruzeiro, assim como os aspectos essenciais da vida chinesa. A atenção prende-se, principalmente, ao que perpassa, através da sua palavra, da aventura interior.

Meditou, reflectiu, redigiu muito: já compôs Le Phénomène humain e o primeiro esboço do Milieu divin. Aparece claramente o seu método de reflexão, as grandes linhas do seu pensamento. E na saleta de Mlle Zanta, tão acostumada às vastas especulações, jamais se ouviram ideias tão cósmicas.

Ele é o homem simplificado, engrandecido, ao qual tudo põe problemas, que sabe fazer-se perguntas a propósito de tudo o que passa por banal, por habitual. O problema, o mistério, nascem do quotidiano e do encontro de cada dia: «O ar e o mar, escreve ele, espessa toalha viva onde pupula e desliza a vida, fluida e densa como o meio que a arrasta. A admiração diante da forma e do voo misterioso da gaivota... Como se fez aquele navio? A pior fraqueza do nosso espírito está em não sentir os maiores problemas, quando se nos apresentam sob as espécies mais próximas. Quantas já eu vi, quantas pes-

soas viram gaivotas sem distinguir o mistério que com elas flutua».

Ele percebe «quanto a sua vida interior se encontra dominada por estas duas montanhas gémeas: uma fé ilimitada em Nosso Senhor, animador do mundo, uma fé iniludível no mundo (especialmente humano) animado por Deus».

Sim, ele crê no futuro do mundo, neste lento progresso através do qual a humanidade se encaminha para a unidade, o sentido da fraternidade, o amor. O mundo, esse pensamento de Deus, não pode acabar num fracasso, numa frustração. Tudo se consuma em Cristo. A importância da pessoa é essencial: cada pessoa deve trabalhar no sentido profundo do seu ser, da sua alma, unir-se deste modo ao acto criador de Deus, deixar-se invadir pela imensa alegria da criação.

Pode o vocabulário «teilhardiano» tornar difícil por vezes o acesso ao seu pensamento, mas o plano, esse, é luminoso: exalta o Deus do Génesis e o Cristo reparador do mundo, deste mundo que não pode alcançar realização senão por Ele. Para Ele avança toda a nossa caravana. Sem esta finalidade espiritual, o mundo seria irrespirável.

Mlle *Zanta entusiasma-se por este pensamento simultâneamente elevado, intrépido, caridoso, que nos chama sempre para uma grande esperança e um melhor amor. Comenta, interroga, esclarece, toma a sua parte na magnífica construção.*

Eu próprio me encontro cada vez mais atento à evolução deste pensamento, a esta atitude mental, a esta palavra dotada de um tão estranho poder, a toda a ascensão intelectual e espiritual deste sábio, deste religioso, deste poeta.

É belo vê-lo discutir, notar ao mesmo tempo o tom e a direcção do pensamento. O P.e Teilhard está tão convencido da infinita diversidade das almas, sabe tão bem a maneira original como cada uma se abeira do real e procura a verdade: é tão importante nada desconhecer, não melindrar ninguém. A discussão não é um jogo dialéctico em que se trata de vencer um adversário, procurando enredá-lo nos seus próprios argumentos. É preciso convencê-lo, captar em todo o pensamento a alma de verdade, expor francamente a convicção íntima. Que o interlocutor se mostre, também por sua parte, tão francamente quanto for possível. O P.e Teilhard escuta, sabe compreender as razões do outro, segue-o em cada minuto do seu discurso: e se o força a ir mais adiante, impele-o no sentido do seu pensamento, convida-o a permanecer fiel a si mesmo enquanto avança, na certeza de que haverá convergência num dado momento: a sua palavra calorosa arrasta, afirma, respeita, subjuga por vezes quase sem o querer.

E quando outras vezes o P.e Teilhard expõe o seu pensamento diante de auditórios de grandes escolas, compraz-se em apresentar aos estudantes uma vasta síntese em que perpassa o seu entusiasmo: o universo está diante de nós, como uma admirável presa para o voo sagrado da alma, todo o universo para amar, para baptizar. Não estamos nós cercados de esplêndidos testemunhos da energia e da caridade humanas? «Há fora da Igreja uma imensa quantidade de bondades e de belezas que sem dúvida não acabarão senão em Cristo, mas que, entretanto, existem, e com as quais temos que simpatizar, se quisermos ser plenamente cristãos e se quisermos assimilá-las a Deus».

Tudo o que há de nobre e grande no mundo é candidato a um baptismo: nenhuma destas riquezas deve ser perdida.

No meio deste entusiasmo, quanto realismo (e que tantas vezes se desconheceu)! Se este pensamento, habituado a mergulhar no passado longínquo, parece cruzar fàcilmente as distâncias do futuro, nenhuma ilusão deve haver quanto à importância do tempo necessário, às hesitações, às prudências. O progresso, sim, claro, diz-nos ele, mas não o imaginemos de maneira demasiado simplista: um pagão virtuoso, um pagão nobre podia ter escravos sem com isso se incomodar; hoje, ninguém, seja qual for a realidade dos sentimentos e o estado dos nossos corações, ousará falar de escravatura... É isto o progresso, na rota infinita das experiências e dos esforços humanos.

Desprende-se assim do P.e Teilhard um prodigioso poder de simpatia para com todo o esforço humano, para com todo o ser: confia na lealdade das almas, na vocação de cada um. De que serve que a gente se feche em grupos restritos, em oposições factícias? «Sufocamos nos nossos compartimentos, nas nossas categorias fechadas»: depressa descobre a virtude latente, as qualidades que se ignoram, o positivo de cada ser, e pensa que é aí que se deve ir buscar apoio.

De novo o afastamento, as distâncias, as grandes solidões. Ainda haverá alguns encontros de Mlle *Zanta e do P.e Teilhard: 1935, 1937, 1938. Terão apenas o tempo necessário para se informar sobre os movimentos novos do seu pensamento; um e outro, à medida que sobre eles desce a tarde da vida, sentem sobretudo apoderar-se deles um grande desnudamento espiritual. É isso que podem verificar no encontro de 1938, que será o último,*

pois o P.e Teilhard terá que ficar na China durante toda a guerra.

Apesar da fadiga que a esmaga, Mlle *Zanta prossegue a sua rude tarefa e faz ainda em 1934 e 1935 conferências de filosofia: no primeiro ano, fala das* Sources de la morale et de la religion dans Bergson, *e no ano seguinte do* Problème de Dieu dans Bergson et Blondel. *Bergson fica contente por saber que ela se dedica a tornar conhecido o seu último livro e a expor as suas ideias. Escreve-lhe ele: «O assunto de que trata sempre esteve, bem o sei, no primeiro plano das suas preocupações».*

Não sabe como fazer face a tantas obrigações diferentes: os cursos, os artigos, as recepções de estudantes não lhe deixam um momento de descanso. Lamenta-se por não poder dar a «Vittoria Colonna» o tempo que seria preciso. Mas reage com vigor. Não escolheu a sua tarefa: tem que levar o seu fardo até ao fim.

Pouco a pouco, no entanto, vê-se obrigada a abandonar quase tudo o que fazia a sua vida: as conferências, os cursos (porque retomou um ensino regular). Vão-se-lhe as forças e vem o sofrimento, que não a abandonará durante cinco anos. Nesta via ascendente e dolorosa, arranja novas amigas: não tinha escrito, com efeito, na Psychologie du Féminisme, *que os grandes génios femininos são as santas, como Joana de Arc e Catarina de Sena?*

É com duas santas que ela passa os últimos anos de vida. Santa Odília e Santa Mónica. A elas consagra os dois últimos livros.

Com Santa Odília, é a Alsácia da sua família, da sua juventude, que reencontra.

Sente-se feliz por ir a Estrasburgo, Obernai, a Mon-

tanha santa, e é lá em cima que descobre, com o seu coração de infância, a grande Abadessa, Odília, «sol de Deus». Invoca-a como pacificadora na fronteira de dois países, de dois povos.

A Santa Mónica dá, no meio dos sofrimentos, dois dos últimos anos da sua vida, e, quando o livro aparece, em 1941, toda a gente sente que ela se aplicou a reencontrar a meditação da santa, a alma e o combate de Santo Agostinho: também ela se elevou, se realizou.

Uma misteriosa transformação parece sublimar nela toda a natureza. Continua, na aparência, desperta e viva como outrora, dispensa aos outros conselhos e caridade, conserva o seu dinamismo: acompanha-a uma certa solidão. Dissera um dia: «O rosto murcha, diminuem as forças físicas, e a personalidade afirma-se. Cria a solidão, e que grandeza nesta solidão!»

Cercam-na a família, os amigos: todos se lhe dão. E ela celebra esta virtude da amizade: «Deus, que conhece a sua criatura sempre inquieta, sempre a duvidar de si mesma e nunca suficientemente crente e resignada para se abandonar toda a Ele, deu-lhe felizmente, para a sustentar na vida, amigos incomparáveis».

Estão todos lá, juntamente com os sobrinhos, esses bons amigos de toda a vida: Marguerite Teillard, Madame Darcanne, Maurice Donnay, o caro P.e Mugnier («L'Abbé Cibon») e Bergson, que já não pode vir à Avenida de Madrid e que, tolhido, recebe a sua última visita em 24 de Abril de 1938; têm na altura uma longa conversa, de que ela nunca falou. Nos últimos dias da sua vida, o P.e Sertillanges também lá estará para lhe dar ânimo.

Ela é ainda a operária de boa vontade, que não recusa a sua parte de esforço no labor comum: «Há tanto

que fazer, o mundo está tão corrompido que uma pequena operária da minha espécie não deve perder um momento para procurar derramar nele um pouco de bem, tão pouco! Mas a boa vontade não se me pode negar, e Deus pode tirar daí um grande bem».

Escreve a uma amiga: «Preocupo-me demasiado com as minhas pequenas coisas e não o suficiente com a coisa mais importante. Pensei em tudo isso hoje de manhã durante a missa, e fiz a mim própria sérias censuras. Impõe-se absolutamente que eu me renove e que faça um pouco de progressos moralmente. Avançamos cada vez mais no caminho que nos leva a Deus, e eu não me desfaço dos empecilhos que me velam a sua vista. Quero trabalhar no sentido de me libertar mais deste eu embaraçoso, que sinto por toda a parte... É preciso não pôr nada de permeio entre a nossa personalidade e o dinamismo divino».

A uma amiga, doente na mesma altura que ela, escreve em 1941: «E eu rezo consigo, e oiço o mesmo grito repetido por toda a parte, a subir da cruz de Jesus e das nossas cruzes até ao coração do nosso Pai, e a esperança renasce em mim, e vivo nos seus braços, e apoio a minha cabeça sobre o seu coração adorável, e espero a ressurreição. Ela virá, tenhamos a fé e a esperança sempre presentes no nosso coração, e amemos sempre mais, sempre melhor. Que será o sofrimento diante daquele que nós amamos, quando o contemplarmos face a face, e quando formos todos d'Ele?... Viva um pouco no céu enquanto padece o seu purgatório na terra».

Dizia a outra amiga: «Agradeça a Deus comigo. A sua

graça inunda-me neste momento, tenho ainda a melhor parte».

O Pentecostes é a sua «festa de luz». De cada vez que ocorre a festa, exclama: «Pedirei ao Espírito Santo que me inspire, ao Espírito de luz, Espírito de paz, Espírito de força: gosto tanto desta festa!».

É neste espírito que deixa os seus, não tendo nunca cessado, durante a vida, de responder à sua vocação.

Na mesma altura, o P.e Teilhard, isolado pela guerra e pelas distâncias, inquieta-se por saber tão pouco dos seus parentes e amigos. Percorre novos países, a Índia, a Malásia, a Birmânia; descobre Java e não pode regressar a França antes de 1947.

Foi então que o encontrei nos «Études», depois da grave doença que teve antes de partir para os Estados Unidos, donde irá ainda fazer duas últimas missões à África do Sul. Como cresceu, ele também, em força, em largueza, em desapego...

Desligou-se pouco a pouco dessas belezas das paisagens e das aparências exteriores que o tinham encantado, e verificou em si esta grande mudança: «A luz artificial podia iluminar para mim toda a superfície das coisas. Agora ela afundou-se mais. O que eu amo já não se vê. E é assim, sem dúvida, que em todo o homem se prepara a migração duma esfera para a outra. É uma atracção para uma outra zona... O envelhecimento do corpo coincidirá, de direito, com um desapego natural de nossas almas? Talvez».

E, dando-se conta deste desprendimento gradual, medita: «Quanto mais avanço na vida, mais sinto que o verdadeiro repouso consiste em renunciar a si mesmo,

isto é, em admitir resolutamente que não tem importância alguma ser feliz ou infeliz, no sentido corrente destas palavras. Êxito ou satisfação pessoal não merecem que neles nos detenhamos, se os possuirmos, nem que nos incomodemos, se nos escaparem ou tardarem. Para alcançar esta posição e viver dela, é preciso transpor uma espécie de passo, impor uma viragem ao que parece ser o hábito geral dos homens. Mas, uma vez que este gesto foi executado, que liberdade para trabalhar e para amar! A minha vida está agora toda invadida por este desinteresse que sinto crescer em mim».

Renúncia. Desapego. Uma alma que se prepara para outra luz.

Quando dele me recordo, revejo-o primeiro como esse homem espantoso que escapou pouco a pouco às diversas categorias impostas pelo mester e pelo meio. Cria laços fraternos com todos os que se cruzam com ele no mesmo caminho, sem deixar de ser apegado aos seus e ao seu país, aberto a todos os homens numa larga aspiração para o futuro.

Revejo-o: optimista sem ilusões, generoso, com raça, voltado para os seus irmãos humanos, mostrando-lhes em palavras ricas de poesia a grande estrada que leva ao largo. Piloto na proa, a descobrir e a anunciar as terras novas.

Revejo-o sobretudo como o vi uma vez: tinha-lhe pedido que viesse celebrar uma missa ao ar livre, para um grande número de jovens trabalhadores: ele era o homem da sua missa, *com um olhar todo interior, voltado para a realidade invisível.*

Missa sobre o mundo, essa missa disse-a ele toda a vida. Disse-a quase por toda a parte na superfície da

terra para «divinizar o dia que começa». Sempre se há-de reler a sua admirável oblação: «Pois que mais uma vez ainda, Senhor, não já nas florestas de Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei por de cima dos símbolos até à pura majestade do real e oferecer-vos-ei, eu, vosso sacerdote, sobre o altar da terra inteira, o trabalho e o esforço do mundo».

O P.e Teilhard havia de morrer em 1955, no dia de Páscoa, como o tinha desejado.

Robert Garric

Muito devo, pelo que diz respeito a uma série de factos referentes a *Mlle* Zanta, à biografia inédita redigida pela sua melhor amiga, a Dra. Darcanne: ao reler essas páginas, que a sua autora me tinha mostrado na altura em que as redigia, não posso deixar de desejar vivamente que seja publicado este manuscrito, tão importante para o conhecimento do movimento feminista francês durante os anos 1900-1940. Todo um período se encontra assim esclarecido.

Mlle Zanta publicou as seguintes obras:

La renaissance du stoïcisme au XVIe siècle, (Tese de Doutoramento em Letras, Paris, Champion, 1914).

La traduction française du Manuel d'Epictète d' André de Rivaudeau au XVIe siècle, publicada com uma Introdução de Léontine Zanta, Paris, Champion, 1914.

L'activité féminine de demain, Paris, Revue des jeunes, 1919.

Psychologie du féminisme, prefácio de Paul Bourget, Paris, 4.º ed., Plon, 1922.

La science et l'amour, romance, Paris, Plon, 1921.

La part du feu, romance, Paris, Plon, 1927.

Sainte-Odile, Paris, Flammarion, col. «Les pèlerinages», 1931.

Sainte Monique et son fils. La mère chrétienne, prefácio do P. A.-D. Sertillanges, Paris, Plon, 1941.

Henri de Lubac

A PROVA DA FÉ

Há dez anos que morreu o P.e Teilhard de Chardin; Léontine Zanta, há mais de vinte e três. Um mundo se afundou, desde a época em que eles se escreviam. É, portanto, lícito pensar que a presente publicação não corre o risco de ser indiscreta. Muito pelo contrário, pode julgar-se, a vários títulos, oportuna. Numerosos escritos já chamaram a atenção, não só para o pensamento, mas também para a vida e os sentimentos íntimos do P.e Teilhard: alguns, sem que tenham respeitado sempre, como era devido, a realidade dos factos, ou sem lhes darem uma interpretação suficientemente esclarecida. Através dum documento como este, cuja importância é manifesta, será possível obter, sobre vários pontos capitais, uma visão mais exacta.

De Léontine Zanta, das suas relações com o P.e Teilhard, Robert Garric disse tudo o que era essencial. Dá-nos, de um e de outro, um retrato vivo. Todavia, como estas cartas contêm muitas alusões à situação pessoal do P.e Teilhard, quer em relação à Ordem, quer, mais geralmente, em relação à Igreja, o editor julgou que poderia ser conveniente incluir aqui alguns esclarecimentos respeitantes aos principais incidentes que determinaram esta situação, no período compreendido entre 1924 e 1938 [1].

---

[1] Além das cartas aqui publicadas, servimo-nos de maneira especial das cartas dirigidas ao P.e Auguste Valensin e a

Até ao mês de Novembro de 1924, não ocorrera nenhuma crise grave que atingisse directamente o P.e Teilhard. Havia muito tempo que ele sabia que o seu «evolucionismo» estava longe de ser admitido por todos, e que lhe valia algumas desconfianças. Não ignorava que a sua experiência espiritual, de que nos dão testemunho os seus Écrits du temps de la guerre, *não era comum na Igreja, e que um ou outro dos seus confidentes não deixava de se inquietar por causa disso. Não deixava tão-pouco de sentir dolorosamente o que havia «de pesado, estreito e caduco» na sociedade católica do seu tempo, a ponto de ficar intimamente despedaçado e de exclamar por vezes:* Cupio dissolvi! *No decurso do Verão de 1920, tinha sofrido pelos seus amigos, Pierre Charles, Auguste Valensin, Joseph Huby, quando, obedecendo às ordens do Cardeal Merry del Val, secretário do Santo Ofício, o seu superior geral proscrevera em termos duríssimos as chamadas doutrinas dos «olhos da fé» do P.e Rousselot. Tinha visto nisso um sintoma alarmante. Escrevera um dia, levado por uma espécie de pressentimento, ao P.e Auguste Valensin: «O pior que me podia acontecer era que me enviassem para uma dessas regiões longínquas onde não peço senão que me deixem ir investigar e trabalhar». O tom desta afirmação deixa perceber bastante que a atmosfera, embora pesada, não era trágica para ele.*

Mas depressa o vai ser. O P.e Teilhard é, desde 1920, professor de geologia no Instituto Católico de Paris. Em

---

nós próprio, assim como: Claude Cuénot, *Pierre Teilhard de Chardin* (1958) e René d'Ouince, S. J., L'épreuve de l'obéissance dans la vie du Père Teilhard de Chardin, *L'homme devant Dieu*, t. III, pp. 331-346 (colecção «Théologie», Aubier, 1964).

1922, defendeu brilhantemente a sua tese de doutoramento em ciências. Em 1923-1924, obteve autorização para acompanhar o seu colega P.e Licent numa expedição científica à China do Norte e à Mongólia: foi então que escreveu a Messe sur le Monde, *cujo entusiasmo um pouco solene traduz bem o misticismo ardente mas sereno deste período. Regressa a Paris em Outubro de 1924. No dia 13 de Novembro, uma carta do P.e Costa de Beauregard, seu provincial, convoca-o urgentemente a Lião: está aberta a primeira crise.*

Dois anos antes, a instâncias de um confrade, professor de Dogma (será sempre assediado por tais pedidos, a que não responderá senão contra vontade, julgando «que escritos no género do «Phénomène humain» *seriam muito mais úteis do que discussões sobre Adão e Eva»), redigiu uma nota, em parte inspirada nas suas conversas com o P.e Charles, indicando três direcções possíveis «na busca duma representação do pecado original». Não se tratava, esclarecia ele, «senão de orientações numa primeira estimativa, seguramente insustentáveis como tais». Ora, misteriosamente, o texto acabou por tomar o caminho de Roma. Mostraram-se severos os censores que o examinaram, e não menos a autoridade: «Querem obrigar-me a prometer por escrito que jamais* direi *ou escreverei algo contra a posição tradicional da Igreja a respeito do pecado original». Daí uma angústia de consciência:*

«É ao mesmo tempo demasiado vago e demasiado absoluto... Creio dever reservar-me, em consciência: 1.º o direito de investigação, com os profissionais (ex jure naturali); *2.º o direito de auxílio, em favor dos inquietos*

ou desamparados (ex jure sacerdotali). *Espero chegar a fazer mudar a fórmula que me querem obrigar a assinar por uma qualquer deste género: «Comprometo-me a não difundir (a não fazer proselitismo em favor de) as explicações particulares contidas na minha nota».*

Todo o ano de 1925 é para ele secretamente marcado por esta questão. Novos censores foram designados. E não afrouxou o rigor romano, apesar dos esforços de Mons. Baudrillart, seu reitor no Instituto Católico, e dos esforços dos seus superiores imediatos. Finalmente, teve que subscrever seis proposições, das quais apenas uma, no fim de contas, lhe ofereceu séria dificuldade, mas que se resignou a assinar, a conselho de alguns amigos. Depois disso, teve que voltar à China, desta vez como exilado. Nunca mais reaparecerá na sua cátedra de Paris. O golpe, sentiu-o rudemente. Eis o que escrevia ao P.e Valensin, em 16 de Maio de 1925:

«Caro amigo, ajude-me um pouco. Fiz boa figura, mas interiormente há alguma coisa que se assemelha à agonia ou à tempestade. Creio ver claramente que, se me separasse ou recalcitrasse de uma maneira qualquer (do ponto de vista humano, seria tão simples e tão «doce»!), eu seria infiel à minha fé na animação de todos os acontecimentos por Nosso Senhor, e no seu valor divino, superior ao de todos os elementos deste Mundo. Comprometeria, além disso... o valor religioso das minhas ideias. Veriam nisso afastamento da Igreja, orgulho, que sei eu! É essencial que mostre, através do meu exemplo, que, se as minhas ideias parecem inovadoras, elas me tornam fiel como ninguém à atitude antiga. Eis o que me parece ver. Mas mesmo aí, vejo sombras...»

A partir de então, a sua existência será balizada pelas dificuldades e pelas decepções exteriores, que lhe tecerão uma trama quase ininterrupta. São os projectos de regresso à Europa que não se realizam. É a ameaça de ficar enterrado em Beirute, onde não teria «nada *que ensinar, nada que investigar». É a impossibilidade de publicar, depois de uma série de vãs esperanças,* le Milieu divin, *por uma decisão* in extremis *de Roma. São os dissabores da censura, que proíbem um estudo sobre o transformismo. 30 de Dezembro de 1929:*

«Nada de novo de Lovaina, a respeito do Milieu divin, *que desde Julho devia estar no prelo (esperava que, desse lado, levantassem dificuldades, no último momento). Quanto ao meu artigo sobre o Transformismo (aprovado e pedido por Dopp e Maréchal), foi detido sem remissão pela censura diocesana de Malines. Um cónego desconfiado deve tê-lo crivado de pontos de interrogação e de exclamação. Dopp escreveu-me uma carta em que se mostra muito aborrecido. Tomei a coisa filosòficamente, o que não quer dizer que esta tenaz e persistente obstrução deixe de ser infinitamente cansativa...»*

Pouco depois, tem que enfrentar obstáculos análogos a propósito dum novo estudo sobre o Phénomène humain. *Em seguida, são os aborrecimentos, que muito o afectam, do seu amigo Édouard Le Roy, com quatro das suas obras postas no Index, e obrigado a uma «retractação». Em tais ocasiões, confia ele a Auguste Valensin, «Léonce (= P.e de Grandmaison, falecido em 1927) faz-nos imensa falta». Ele próprio é denunciado em Roma. Recebe a interdição de se candidatar ao Colégio de*

França. Sente constantemente pesar sobre ele a suspeita, e algumas vezes chega a recear que o convidem a formular novas «proposições»... E, de resto, mais do que por aquilo que lhe acontece a ele, sofre por ver difundir-se uma mentalidade «integrista», que havia pouco se limitava a um partido agressivo: tende agora, diz ele, a «identificar a ortodoxia cristã com o respeito pelas menores engrenagens dum pequeno microcosmos construído há séculos», ao passo que o seu ideal, «o verdadeiro ideal cristão», é, pelo contrário, o «integralismo, a saber, a extensão das directrizes cristãs à totalidade dos recursos contidos no mundo». Sem se dar bem conta de quanto apresentava de realmente aventuroso uma parte das suas próprias ideias, sofre igualmente por causa da óptica estreita em que lhe parecem estar encerrados os seus superiores, os quais, devido à frequente ignorância dos problemas, se arriscam a cair por vezes, levados por um desejo de segurança, nas mãos dos mais reaccionários conselheiros. Por isso várias vezes lhe foi declarado, com vista a refrear o seu entusiasmo, que pertencia a uma Ordem, não de «pioneiros», mas de «conservadores». Escreveram-lhe mesmo um dia, traçando-lhe uma linha de conduta: «O sábio católico tem uma regra infalível que o salva de muitos trabalhos inúteis: deve pôr de lado a priori *tudo o que contradiga o dogma católico». Esta carta, a que não nega as boas intenções, parece, todavia, ter-lhe dado prova duma «profunda incompreensão»: misturava os planos da ciência e da fé, como se a divina revelação tivesse «algum dia dispensado legìtimamente de um esforço de investigação humana»; «como se, dirá mais tarde, no plano horizontal, pudéssemos utilizar (sob o mesmo ângulo e para os mesmos factos) duas fontes*

diferentes de luz: a do Encontrado e a do Ensinado». Mais do que isso, ele viu nas entrelinhas, e não sem razão, importa confessá-lo, a desastrosa proibição lançada sobre toda a ideia de evolução, em nome do dogma.

Deviam estes factos ser brevemente recordados, para que o leitor estivesse em condições de compreender certos juízos formulados pelo P.e Teilhard na sua correspondência, e a natureza dos sentimentos que nela deixa transparecer; mais ainda, para que pudesse apreciar plenamente a fidelidade deste religioso à sua vocação na Igreja e na Companhia de Jesus.

Teve que passar, diz ele, a este respeito, pela «prova do fogo». Que quererá dizer com isso? A sua reflexão, que visa, se assim se pode dizer, os mais vastos conjuntos, fez-lhe reconhecer a enorme parte de contingência que implica a existência concreta, hic et nunc, *em todas as suas particularidades, duma Ordem religiosa e da própria Igreja. Mais ainda do que as pequenas coisas, demasiado humanas mas «passageiras», que ele não quer ver, a experiência mostrou-lhe que essa «pequenez» é simplesmente humana. De todo este aspecto, sobre o qual a sua atenção se fixa porventura algumas vezes um pouco demasiadamente, ele julga com inteira liberdade. Aceita com virilidade, quando se manifesta a evidência de uma fatalidade providencial, as tensões que daí resultam. Mas jamais se resigna a guardar as «devidas» distâncias. Embora já não sinta, em relação à sua Ordem ou à Igreja, «essa espécie de dedicação ingénua e filial que é, sem dúvida, o tesoiro de muitos», permanece-lhes devotado com igual intensidade, mas por «razões superiores e novas». Com um realismo mais esclarecido, aprecia nelas o*

«maravilhoso tesoiro de experiência religiosa» e «o poder único de divinização»: e o novo género de ligação que daí resulta, conquanto seja menos instintivo, nem por isso é menos profundo nem, no fim de contas, menos «cordial».

É perfeita a sua lealdade para com a Companhia de Jesus. «Nunca me passou pelo espírito a simples ideia de dar um passo para deixar a Ordem»: estas palavras são de Julho de 1929. Os anos seguintes encontraram-no sempre nas mesmas disposições fundamentais. Procura conservar-se em ligação constante e confiante com todos os seus superiores. Não formula nenhum projecto de certa importância sem os consultar, não toma nenhuma decisão sem a sua plena aprovação. Longe de lhes esconder o mínimo que fosse das ousadias do seu pensamento, procura todas as ocasiões para com eles conversar e lhes expor os seus grandes planos de apostolado. Jamais renunciou, como o veremos à frente, nem ao esforço nem à esperança — por vezes um pouco ingénuos — de convencê-los.

Esta fidelidade à sua Ordem não é senão uma forma da sua fidelidade à Igreja. O problema que aqui lhe era posto era sobretudo um problema de sinceridade. Percebemos um eco disso na recomendação que faz a Léontine Zanta, em 1927, de não «largar nenhum dos dois fios: a lealdade para com nós próprios, e a dedicação à Igreja». «Reze, acrescentava ele, para que não aconteça que eu corte nem um nem o outro». E dois anos mais tarde, ao P.e Valensin: «Cada vez estou mais decidido a ser, de futuro, verdadeiro, *sem compromissos nem subtilezas. Se Nosso Senhor é tão grande como nós o acreditamos, saberá guiar o meu esforço de tal maneira que nada se*

quebre». E foi exactamente o que sucedeu. Pode ter sido extrema, por vezes, a distensão: mas nada se quebrou. Se é possível citar hoje, sem escândalo, as suas mais rudes ideias, é porque ele nunca se entregou aos jogos fáceis (e sempre superficiais) da agitação ou do panfleto, nem às recriminações acerbas. Diz sem reservas o que julga ver, mas di-lo em segredo, aos confidentes da sua alma, ou aos seus superiores, em verdadeiras aberturas de consciência. Se há aí excessos, explicar-se-ão pelo abalo dum sofrimento que se tornou por vezes quase intolerável, como também por uma visão talvez unilateral no seu próprio desejo de universalidade (defeito que as condições da sua existência não podiam senão reforçar). Mas, na base de tudo isto, é sempre visível o desejo muito puro e desinteressado do apóstolo. Veja-se, por exemplo, este diagnóstico, que é de 1926: «Já não somos «católicos», de facto, mas defendemos um sistema, uma seita». Ou este outro, de 1929, porventura o mais duro de quantos formulou:

«...A única coisa que eu posso ser: uma voz que repete, opportune et importune: *que a Igreja enfraquecerá, na medida em que não fugir ao mundo factício de teologia verbal, de sacramentalismo quantitativo e de devoções subtilizadas em que se envolve, para se reincarnar nas reais aspirações humanas... Naturalmente, vejo bem o que esta atitude tem de paradoxal: se preciso de Cristo e da Igreja, tenho que aceitá-Lo como a Igreja mo apresenta, com o seu fardo de ritos, de administração e de teologia. Eis o que me dirá, e o que tenho dito a mim próprio muitas vezes. Mas agora não posso escapar à evidência de que chegou o momento em que o sentido*

cristão deve «salvar Cristo» das mãos dos clérigos, para que o Mundo seja salvo».

Os clérigos a que se refere, entenda-se, são aqueles em quem verificou de perto a estreiteza e a cegueira. São certos «detentores da cátedra de Moisés» que lhe dão a impressão de que toda a sua actividade intelectual «se desenvolve num domínio de pensamento que a maior parte dos modernos abandonaram», e que não toleram que haja quem não queira aí ficar encerrado com eles. São aqueles oradores e escritores em cuja «prosa morta» não circula nenhuma «seiva religiosa», em quem se não encontram «senão as verdades cem vezes digeridas, sem nenhum suco de vida». São igualmente, fazendo coro com eles, tantos homens que conservam «a secreta esperança de que o século XIX há-de ser apagado e que depressa regressaremos à bela época de antes da Ciência e da Revolução». Entre eles, muitos podem ser «bons crentes»; mas, mais ou menos confusamente, «esperam um regresso para trás», *quando a verdade é que, quer queiram quer não, «nós nos dirigimos para um mundo humano cada vez mais novo». Por isso vê em todos eles uma ameaça: «A prevalecer este espírito, seria o desastre final e o cisma consumado com a humanidade». — «Impossível, conclui ele, que isto aconteça. Mas acontecerá, se não lutarmos».*

Evidentemente, estamos em frente de uma linguagem que nunca obterá todas as adesões, e não custa a compreender que outros, na Igreja, observem todas as coisas de uma perspectiva diferente. Mesmo na medida em que se aprovar, trata-se de uma linguagem correspondente a uma situação que já não é a nossa. Mas, em todo o caso,

não é a linguagem de um homem cuja fé vacile; dum homem de pouca fé ou de pouca caridade. «Sonho, diz ele, com uma Igreja verdadeiramente bela e inatacável». Esta última palavra ainda soa como um pouco negativa. A sua visão ideal do Cristianismo exprime-se melhor num texto de Junho de 1926, no qual a outros deixaremos o cuidado de medir o que possa andar misturado de quimérico. A sua inspiração parece-nos não apenas alta e generosa, mas conforme, na sua generalidade, à realidade histórica, assim como ao pensamento de alguns dos maiores homens da tradição católica:

«O cristianismo surge-me, agora, muito menos como um conjunto fechado e constituído, do que como um eixo de progressão e de assimilação. Fora deste eixo, não vejo nenhuma garantia nem nenhuma saída para o mundo. Mas, em volta deste eixo, entrevejo uma imensa quantidade de verdades e de atitudes às quais a ortodoxia ainda não deu lugar. Se ousasse empregar uma palavra que pode ter sentidos inaceitáveis, diria que me sinto irredutìvelmente «hipercatólico».

No decurso dos anos não menos tensos mas mais pacíficos que tinha passado em Paris, entre o regresso da guerra e a crise desencadeada em 1924, tinha já sentido fortemente o paradoxo que daí em diante não deixará de o experimentar: «Sinto-me ligado, pela substância de mim mesmo, a um organismo no qual constantemente me dou conta da ilegítima estreiteza e da caducidade». Mas tinha também definido, em termos serenos, o que há-de ser sempre a sua atitude, em relação à Igreja:

«Parece-me, ao mesmo tempo, que Nosso Senhor está verdadeira e ùnicamente na sua Igreja, e que é uma coisa totalmente diferente (idem, sed ultra) *do que nos é dito. Impossível atingi-Lo de outra forma senão avançando através da bruma, isto é, fazendo cada vez mais corpo com a Igreja. Mas é igualmente impossível não desejar que a sua face Se revele cada vez mais».*

«O perigo das cartas está em que transmitem, muitas vezes, a impressão de um momento — e duma parte sòmente da alma, naquele momento». Esta observação do P.e Teilhard é dirigida ao leitor de hoje, introduzido pela presente publicação na intimidade de uma correspondência muito livre, escrita quando o autor não podia suspeitar que o seu segredo iria ser, meio século depois, aberto a todos. Nem sempre as palavras são pesadas com rigor, e a expressão das dificuldades mais agudas ocupa, nelas, como é natural, um lugar maior do que as realidades quotidianas. A observação dirige-se também a nós, e em primeiro lugar. E porque é nosso propósito escaparmos ao possível perigo que nos assinala, entre as confidências que prodigaliza a vários dos seus confidentes, quisemos reter principalmente aquelas em que se exprimem as verdadeiras constantes da sua alma. Todavia, estas afirmam-se, no período abrangido pelas cartas a Léontine Zanta, através de oscilações que o fazem passar repetidas vezes da perturbação à serenidade.

No dia 13 de Novembro de 1924, à notícia do golpe que era desferido sobre ele, a sua primeira reacção tinha sido de fé total, de tal maneira que podia escrever, nessa mesma tarde: «No fundo, estou perfeitamente em paz. Mesmo isso é uma manifestação de Nosso Senhor e uma

operação sua. Sendo assim, para quê inquietar-me?» No entanto, não tardam a assaltá-lo mil pensamentos perturbadores. Pede socorro, é fraternalmente ajudado, e a luta íntima termina, como notou Claude Cuénot, numa «vitória espiritual». Estamos em Agosto de 1925: «Vi mais uma vez, diz-nos ele, mais clara e concretamente, que nada de espiritual e de divino pode acontecer a um cristão, ou a um religioso, senão por intermédio da Igreja ou da sua Ordem: e a melhor «realização» desta visão elementar deu-me, sem dúvida, de novo, o equilíbrio». E ainda: «Mais explícita e realmente do que antes da «crise»..., creio na Igreja «mediadora» entre Deus e o Mundo, e amo-a. E isto parece dar-me muita paz». A vitória não é, todavia, definitiva. Nos últimos meses que precedem o exílio, no meio dos preparativos, sente-se ainda, repetidas vezes, atravessado pelos «clarões da revolta». Mas, desde os primeiros dias da sua chegada a Tientsin, no mês de Junho de 1926, de novo se encontra em paz: «Cessa toda a cólera e todo o rancor». Quando despertam, faz «todo o possível por [os] *oferecer em total sacrifício a Nosso Senhor». É então, entre Novembro de 1926 e Março de 1927, que compõe o* Milieu divin. *Apesar de um certo «estado de insatisfação intelectual e moral», que o não afecta até ao fundo, pode escrever: «Sinto-me bem entre as mãos do Senhor».*

À mercê dos incidentes penosos que se sucedem contìnuamente e lhe proporcionam uma situação cada vez mais desconfortável, ainda haverá novas investidas da tentação — embora os pontos mais fundos da sua alma nunca sejam atingidos. O ano de 1928 e os primeiros meses de 1929 parece terem sido, ao menos a intervalos, particularmente duros. O P.e Teilhard confessará bem

depressa ter experimentado assaltos de «anti-eclesiasticismo», e quase de «anticristianismo», que tinha dificuldade em vencer. Em certos momentos, dirá ele, «já não sabia ao certo o que havia ainda de sólido e de abalado (= inabalado?) no fundo de mim mesmo». Um ensaio sobre le Sens humain, redigido a bordo do barco que o reconduz à China depois de uma estadia de alguns meses na França (datado de Ceilão, 12 de Fevereiro de 1929) causará alarme ao P.e Valensin, e ele próprio havia de declarar, pouco depois, que desejaria «purificá-lo de uma nota de azedume que se devia a disposições passageiras, hoje ultrapassadas». Com efeito, uma vez mais, «dissipa-se a poeira», tudo se acalma, tudo se funde «num sentimento mais largo e de maior paz». Atribui a causa disso à bondade de Deus e às orações amigas. De cada vez, emerge assim da crise, com a convicção de ter, graças a ela, cristianizado uma nova província do seu ser interior, e, «graças a Deus», sempre se reencontra «sobre o eixo cristão profundo». De cada vez pode concluir: «Estou em paz, realmente, com a Igreja e com Deus».

Escrevia ao P.e Valensin, no dia 2 de Abril de 1929: «A minha única força e a minha «vocação» está em sintetizar (mais ou menos felizmente!) o amor do Mundo e o amor da Igreja»; e já, de maneira mais precisa, em 31 de Dezembro de 1926: «Instintivamente, sobretudo desde há dez anos, tenho-me oferecido sempre a Nosso Senhor como uma espécie de campo de experiência, para que Ele aí opere, em pequena escala, a fusão entre os dois grandes amores de Deus e do Mundo — fusão sem a qual estou convencido não haver Reino de Deus possível». Tal será, até ao fim, o essencial do seu programa. Concebeu-o, manteve-o, numa oração de oferenda. É o

que lhe infunde coragem, o que lhe dá paciência e o anima, mesmo nos dias em que sopra a tempestade. Um campo de experiência, bem o sabe, não é sempre um terreno de plenos êxitos. E mesmo os êxitos não são sempre expressos, à primeira tentativa, em fórmulas perfeitas. Ele próprio, sentindo-se por vezes incapaz de o conseguir, não deixa de solicitar conselhos, críticas, correcções. Modestamente, pede que «seja utilizado e canalizado». E assim não se deveria admirar muito, quando nisso reflectia, das reticências dos seus chefes. «É possível que este seja o meu destino — viver, até ao fim, à margem das ideias e das atitudes oficiais». Todavia, levado pelo seu sentido católico e em conformidade com a sua doutrina, que não reconhecia o papel benéfico das «passividades» senão depois de se ter desenvolvido todo o esforço possível, acrescenta logo a seguir: «Mas nada quereria descurar, da minha parte, para pôr fim a esta situação». É por isso que tanto deseja ver aprovado pela autoridade superior o seu trabalho sobre o Milieu divin: «...de maneira que eu possa sentir mais seguramente comigo o espírito da Igreja». E não é preciso muito para lhe dar confiança! Nos últimos meses do ano de 1926, os jornais deram-lhe a conhecer alguns actos do governo de Pio XI:

«Uma das coisas que me tem reconfortado nestes últimos tempos é o facto de notar as tendências mais largas, mais universalistas de Roma. Não se trata ainda senão de política e de evangelização material. Mas o impulso talvez esteja dado. E então digo a mim próprio que talvez esteja menos à margem do sentire cum Ecclesia do que receio ou do que mo deixam entender...»

«Parece-me, dirá em 1929, que pela confiança *fariam de mim tudo o que quisessem». Tais reflexões, duma sinceridade tão manifesta, não serão animadoras para os que detêm uma parte qualquer de autoridade? — E ainda, em 1933: «É lamentável, como escrevia ao P.e de Bonneville, que não procurem ver em Roma o que há de construtivo e de conservador no meu esforço». Depois, aludindo a uma nova denúncia feita contra ele: «Pensem o que pensarem aqueles que me denunciam, as pessoas de fora não se enganam; e, se é verdade que eu passo por bastante pouco «eclesiástico», ninguém, creio eu, jamais me julgou «pouco crente». Daí esta ideia, que formulava desde 31 de Dezembro de 1926, mas que reaparecerá periòdicamente — e que só realizará por fim, com êxito, no Outono de 1948 — a ideia de uma «visita* ad limina»:

«Acha que será impossível eu ir um dia a Roma (não com a corda ao pescoço), para tentar fazer compreender, a quem de direito, a que espécie de evangelização me sinto chamado, e quais os métodos com que procuro compreender (demasiado bem talvez...), e falar, a língua das gentes que estão tão longe de nós e são mais interessantes ainda do que os Chineses? Que me deixem, portanto, falar-lhes. Mas, também aqui, há uma questão de Ritos, isto é, de palavras, suscitada por aqueles que não percebem nada do verdadeiro sentido do debate. — Desejaria, no entanto, tentar qualquer coisa em Roma — para fazer ver o que eu vejo...»

O que vê...: di-lo ele sem precauções, e é este outro «perigo» das suas cartas, que nelas se encontrem fórmulas com as quais os seus correspondentes, que o conhe-

ciam bem, não se chocavam, pois lhes compreendiam o exacto alcance — mas que bastariam, uma vez tiradas do seu contexto e artificialmente reagrupadas, para lançar as bases de um «teilhardismo» — de um pseudoteilhardismo — condenável.

Sem dúvida, quando escreve a Léontine Zanta dizendo que percebe o futuro «todo abrasado de Deus nascente por toda a parte», seria preciso nada conhecer do seu pensamento, para denunciar nestas palavras a expressão de não sei que «panteísmo evolucionista»; seria preciso não ter em nenhuma conta as explicações perfeitamente ortodoxas que dezenas de vezes deu de tais fórmulas. Essa ideia não podia ocorrer à sua correspondente! Ou ainda, quando diz preferir a palavra «Diafania» a «Epifania», basta recordarmos que ele fala para nós, hoje, para nós que não temos já que esperar por uma nova manifestação particular de Deus sobre a nossa terra; acaba, com efeito, de escrever, no Milieu divin, *que esta Diafania não se pode compreender no seu verdadeiro sentido senão pela única Epifania de que depende: «O imenso encanto do Meio Divino deve, em última análise, todo o seu valor concreto ao contacto humano-divino que se revelou na Epifania de Jesus». E isso repetiu-o muitas vezes. Quando fala, usando uma expressão resumida, em não amar «senão a Terra» (diz também, no mesmo sentido, «nada senão o Homem»), seria bem louco quem imaginasse ouvir nessas palavras um eco de Nietzsche! A terra, nesta fórmula, não é ao céu que ele a opõe: é à Europa demasiado pequena; e mais ainda, é ao objecto de um nacionalismo mesquinho — o nacionalismo, como ele próprio diz, do* Écho de Paris!

Mais séria, sem dúvida, poderia ser a inquietação

suscitada por uma asserção como esta: «Menos profundamente inserido na Igreja, seria menos apto para trabalhar em ordem a libertá-la». Todavia, só um leitor desatento ou malévolo seria capaz de denunciar aí a confissão de uma táctica secreta, análoga à que pouco antes fora reprovada (sem razão ou com ela) em certos modernistas. A sua inserção na Igreja é, para o P.e Teilhard, a sua própria fidelidade, e ele bem lhe sabe medir as exigências: é preciso não apenas obedecer exteriormente, mas rezar, renunciar-se, santificar-se, a fim de merecer um pouco ser escutado; e quanto à libertação com que ele sonha, é exactamente o contrário da passagem para fora da fé! Muito mais tarde, em resposta a um padre que abandonou a Igreja, dirá que mais vale «trabalhar para a reforma de dentro», e este trabalho de reforma ou de libertação, jamais renunciará a empreendê-lo em estreita união com os chefes responsáveis da Igreja. A sua atitude é exactamente inversa da que adoptaram durante algum tempo certos modernistas — da mesma forma que o seu realismo da Incarnação é o contrário do deles. Concebeu sempre, sem equívoco, os progressos que desejava, como devendo cumprir-se no «tronco romano, tomado na sua integralidade». Só com esta condição ele aceita falar de um «neocristianismo»: expressão que é bem susceptível de ser considerada infeliz, mas que para ele não significa nada mais do que a plena cristianização do «neo-humanismo» de que ele perscrutou a aurora, antes da maior parte dos seus contemporâneos. A crise humana do nosso século oferece «características verdadeiramente extraordinárias»: o Mundo renova-se diante dos nosso olhos, apesar do que pensam e do que fazem os que «o proíbem de mexer»; importa não ligar

Cristo «às formas que desaparecem»... E se devemos estar atentos, mais do que no passado, a não representar a divindade sob os traços dum «grande proprietário "neolítico"», não é de maneira nenhuma para suprimir ou esfumar em Deus os traços pessoais, mas exactamente o contrário. Nada tem ele mais a peito do que estabelecer e promover a fé no Deus pessoal.

As cartas a Léontine Zanta não falam só de crises ou de projectos temerários! Além das informações de todo o género que nos dão sobre o P.e Teilhard e o seu meio, constituem também — como já acontecera, no tempo da primeira guerra mundial, com as cartas a Marguerite Teillard — uma verdadeira direcção de consciência. Através dos conselhos dados, vemos desenhar-se a espiritualidade do «director». Os princípios essenciais já foram expostos noutro estudo, e exprimem-se, em termos habitualmente tão simples e tão límpidos que um novo comentário se nos afigura supérfluo. De resto, a expressão é discreta. Mas, de cada vez que penetra mais dentro, revela pela sua força a profundidade do estrato subterrâneo. Não era duma vida interior mediocre que ela assim poderia jorrar. Ao mesmo tempo que leva uma vida tão activa e tensa, explorando o planeta, perscrutando o passado da terra e do homem, e, pelo seu passado, o futuro, empenhando-se com paixão na batalha das ideias, procurando converter os chefes da sua Igreja às posições que lhe parecem vitais, submetido a toda a espécie de provações e a lutas íntimas de que entrevimos a gravidade — este homem, retirado no centro da sua alma, comunga habitualmente na «alegria do Ser», de que recebeu o «gosto profundo»; «obscuramente», «entrincheira-

-se no sentimento de que o Ser é infinitamente mais rico e renovador do que a nossa lógica»; «renuncia-se» a si mesmo num «Maior do que (ele)». Abandonado «nas mãos de Deus», retempera calmamente as suas forças «na grande e pacificadora intensidade da Omnipresença divina». De novo se lança «sobre o Oceano do Único Necessário».

Henri de Lubac

CARTAS

ADVERTÊNCIA DO EDITOR

A edição das cartas a Mademoiselle *Léontine Zanta reproduz os autógrafos do P.e Teilhard de Chardin. A generosa autorização da família, que os tinha conservado preciosamente, permite dar hoje a conhecer este importante documento sobre a vida intelectual e espiritual do autor. Agradecemos especialmente a Madame Roland Guétin, sobrinha de* Mademoiselle *Zanta.*

Os textos são publicados integralmente. Omitem-se apenas seis breves passagens, de resto assinaladas [1] *e que se referem a uma questão estritamente pessoal: torná-la pública seria tão indiscreto como contrário às intenções manifestadas com toda a evidência pela maneira como o P.e Teilhard a ela se refere.*

Reduzimos a anotação ao mínimo indispensável. Para mais pormenores, é favor recorrer quer à Génèse d'une pensée, *Paris, Grasset, 1961 (trad. port.* Génese dum pensamento; *Livr. Morais ed., Lisboa 1966) e às* Lettres de voyage *(1923-1939), Paris, Grasset, 1956, quer sobretudo à obra de Claude Cuénot,* Pierre Teilhard de Chardin, *Paris, Seuil, 1958.*

Michel de Certeau

---

[1] Uma linha, p. 102; duas linhas, p. 104; sete linhas, p. 119; quatro linhas, p. 123; duas linhas, p. 126; cinco linhas, p. 139.

Hautes Études. Race Course Road [1]. *Tien Tsin*
26 de Maio [de 1923] [2]

Querida *Mademoiselle,*

Fiquei muito sensibilizado quando, ao chegar aqui, há três dias, encontrei em cima da mesa uma carta sua, que me esperava. Tomei-a ao mesmo tempo como um sinal de boas-vindas e como um estímulo para fazer da melhor maneira possível o trabalho que aqui vim realizar. Recorda-se de lhe haver dito que, se deixava tantos bons amigos, cuja companhia me era agradabilíssima em Paris, era porque me parecia não poder servi-los lealmente sem seguir a «estrela» que me convidava a partir para o Extremo Oriente? A sua recordação acompanha-me e ajuda-me aqui, pode ter a certeza. Encontra-se no número dos amigos para quem, sobretudo, eu quereria tornar-me melhor — fosse embora a custo do afastamento.

As notícias que me dá de Paris interessam-me e sem-

---

[1] Residência dos Jesuítas em Tien Tsin.

[2] O ano, omisso no original, é 1923: Teilhard chegou a Tien Tsin em 23 de Maio.

pre me interessarão muito. Tenho necessidade de não perder o contacto com esse acolhedor lar espiritual em que ocupa um tão grande lugar. Eu vim aqui remergulhar nas zonas ainda brutas do Universo material e humano. Neste aspecto, creio que estou, e estarei, «servido». Mas exactamente porque me encontro numa massa incoerente de homens e de coisas novíssimas para mim, tenho necessidade, para me não deixar afogar ou pelo menos arrefecer, de continuar em comunicação com as zonas mais luminosas, mais «espiritualizadas», que acabo de deixar. As suas cartas, agora (como outrora as nossas boas conversas), ajudar-me-ão e obrigar-me-ão a não deixar diminuir a minha fé na unidade proposta como termo por Deus, ao esforço humano. Sabe que é preciso agarrarmo-nos a esta fé, quando tocamos por assim dizer a inverosímil variedade das raças e das preocupações humanas?... Neste mundo do Extremo Oriente, a nossa filosofia ocidental parece quase tão perdida como a Terra no meio dos outros astros do Céu. Para ser franco, sentiria uma enorme dificuldade se quisesse definir o que pensam as gentes que habitam as costas do Pacífico. À primeira vista, dão a impressão de viver em plena prosa utilitarista, sem ideal nem esperança bem determinada. Mas pelo facto mesmo desta imersão (*sem* emersão subsequente) no *business* humano, estão muito longe, são muito diferentes de nós, e as nossas preocupações interiores mal parecem tocá-los ainda — como, de resto, não parecem manter-se, ou pelo menos desenvolver-se, no espírito dos que vêm evangelizá-los. Ainda à primeira vista (seria ridículo da minha parte formular um juízo definitivo depois de três semanas de Extremo Oriente!), tem-se a impressão, ao chegar aqui, de descer vários

degraus na vida humana natural. Donde a necessidade, de que lhe falei, de reagir, para não esquecer e não duvidar.

Durante a travessia, muitas vezes tive de refazer, por mim e pelos outros, a profissão de fé num sentido da vida. Encontrei, como médico do *Cordillère*, um homem especialmente original e inteligente, o Dr. Béchamp (sobrinho de Madame Lucie Delarue-Mardrus, que lhe pediu que revisse o romance daquele missionário do Havre, de que me falou neste Inverno. — Como o mundo é pequeno!). O Dr. Béchamp é provàvelmente um dos dois ou três homens mais dotados que encontrei na minha vida (físico, linguista, músico, literato... sem esforço). Não poderei compará-lo senão ao meu amigo P.e Charles, mas a um Charles que não tivesse (ou que afastasse, por falta de confiança) o «sentido místico». Tivemos quase todos os dias conversas prolongadas, e fizemo-nos amigos, tanto quanto se pode ser fora duma fé comum. O Dr. Béchamp acredita na ligação das coisas, mas não pensa que se possa afirmar coisa alguma (a não ser em virtude de uma opção puramente subjectiva) quanto à sua finalidade. É céptico por temperamento, e um pouco desiludido, e, além disso (uma coisa em que nos encontrámos de acordo), de uma impaciência feroz contra qualquer jugo intelectual injustificado. Não o trouxe, naturalmente, ao meu ponto de vista; mas parece-me que ele viu, claramente, que a sua brilhante e rica natureza é incapaz, presentemente, de arranjar uma regra de acção e uma razão suficiente de agir, fora do gosto instintivo de gozar intelectualmente. Ora este gosto instintivo, teimo em afirmá-lo, não basta para guiar e reclamar uma acção inteligente. Cada vez mais acredito que se põe o dilema: ou o

mundo vai em direcção a um absoluto universal (e então pode continuar a viver e a progredir), — ou então, um termo tal não existe (e nesse caso o Universo revela-se *incapaz de alimentar a vida* que *produziu*, desde que esta vida se tornou capaz de reflexão e de crítica; é irrespirável e falhado). Mas eu não me posso resolver a admitir que o Universo, no seu conjunto, seja uma frustração, um «fracasso»... Eis porque acredito num Absoluto, o qual, *hic et nunc*, não se nos manifesta de outro modo senão através de Cristo. Aí se baseia toda a minha apologética, como bem sabe. E não concebo que possa haver outra. Quer com Béchamp, quer com outros amigos a bordo, verifiquei que para os melhores de entre os descrentes a moral se reduz ao preceito — «não façais aos outros o que não quereis que vos façam a vós». Mas esta moral, no meu entender, é puramente lenitiva, e estacionária. Lubrifica as rodagens, põe-lhes óleo. Mas não basta que a máquina humana não ande a ranger. Deve avançar, reclama energia, «gasolina». Esta energia, esta «gasolina» (isto é, a obrigação de agir, e o gosto da acção), o que constitui o problema moral é fornecê-las. Ora eu não vejo outra fonte possível, fora da submissão a um termo universal ideal (*crido* e *esperado* — não tangível — *visto que* é universal e futuro, ao passo que nós nos encontramos no individual e no presente).

Como vê, ainda não resisto à tentação de fazer de pedante diante de si. Sabe que o faço sem «suficiência», ùnicamente para falar consigo, e dizer-lhe o que penso, o que me preocupa dia a dia. Gostaria de saber que, por seu lado, está bem física e moralmente. Escreva e pense o mais possível: tem necessidade disso para se sentir bem, e para fazer bem, e é esse o dever que Deus lhe

impõe antes de tudo o mais. Continue a crer absolutamente, sem hesitação, que o melhor sacrifício que pode oferecer a Nosso Senhor é o oferecimento da sua inteligência e da sua actividade, para que cresçam uma e outra tanto quanto possível — e para que se encontrem limitadas onde Causas mais fortes do que você vierem trazer-lhe uma restrição *divina*. Muitas vezes lho disse: o segredo para ter paz, e nunca sufocar (ainda que fosse no meio das piores banalidades) é chegar, com a ajuda de Deus, a perceber o Único Elemento necessário que circula em todas as coisas, e que se nos pode oferecer (com a sua alegria e a sua liberdade) em todo o objecto, uma vez que este objecto seja levado diante de nós pela *fidelidade* à vida, e que o transforme a *fé* na presença e operação divinas.

Penso partir, antes do dia 15 de Junho, para um ponto qualquer da Mongólia. Há salteadores quase por toda a parte, mas eu tenho um guia experimentado.

Adeus.

Penso muitas vezes na salinha junto à varanda, donde se vê descer o sol no vale do Sena [3]. Recebi lá mais forças do que talvez você pense. Obrigado, e fielmente seu *in Christo*.

Teilhard S. J.

Claro que fiquei satisfeito com o êxito Bremond [4].

---

[3] Número 7 da Avenida de Madrid, no andar habitado por *Mlle* Zanta desde 1900. *Cfr. supra* p. 16.

[4] O P.e Henri Bremond foi eleito membro da Academia Francesa em 19 de Abril de 1923. Substitui Mons. Duchesne, falecido em 21 de Abril de 1922, ao qual consagrará um discurso

À beira do Chara-usso-gol (Ordos oriental)
7 de Agosto de 1923

Querida *Mademoiselle,*

Muito obrigado pela sua carta de 13 de Maio, que me chegou há apenas uma semana. Escrevo-lhe dentro da tenda (lá fora, chove!), do lugar mais pitoresco que se possa imaginar: no fundo de um enorme precipício, junto de uma habitação mongol cavada no centro de uma camada de pedra endurecida (recortada outrora pelo Chara-usso-gol). À volta, dunas e estepes, onde os cavalos e os carneiros pastam ao lado das gazelas, sob a vigilância longínqua de mongóis de cabelos compridos e grandes botas. Cheguei aqui, objectivo desta viagem, depois de um longo circuito, pois fomos obrigados, pela estiagem e pelos bandidos, a contornar pelo norte todo o grande anel do Hoang-Ho. Pensava, ao vir à China, não ir senão um pouco para além da Grande Muralha. Mas agora conheço uma grande aba da Mongólia ocidental. Não dou por mal empregadas estas seis semanas de peregrinação tendo por transporte um macho, através das montanhas e dos desertos. Além de que não nos faltou o pitoresco, encontrámos, ao longo do caminho, importantes novidades geológicas e paleontológicas, com que de modo nenhum contávamos, e que valem provàvel-

---

de recepção meticulosamente pensado mas nem por isso menos discutido. *Cf. Discours prononcé dans la séance publique tenue par l'Académie française pour la réception de M. L'Abbé Henri Bremond, le jeudi 22 mai 1924*, Institut de France, Paris, 1924, in-4.°, 30 p.

mente mais do que todos os ossos de rinocerontes, de cavalos e de diversos animais que estamos agora a extrair das penedias do Chara-usso-gol. Portanto, isto vai, e não perdi o tempo em vir aqui, cientìficamente. É o principal, quanto às aparências.

No fundo, bem sabe que não deixei Paris e vim à China senão para dar um exemplo da maneira como eu concebo o dever cristão — e também para procurar tornar-me, a viajar e a agir, mais senhor da minha «fé», e mais forte para a propor. Quanto a este ponto principal, espero também não ter perdido o tempo. Com menos ócios que durante a guerra, e menos frescura também (durante a guerra, era o desabrochar das ideias, para mim — a lua de mel intelectual), talvez me encontre, há dois meses, num isolamento parecido, em presença de realidades igualmente vastas. E estas duas condições são eminentemente favoráveis para meditar sobre o grande Todo. Ora, nas grandes solidões da Mongólia (que são, humanamente, uma zona congelada e morta), vejo a mesma coisa que outrora, na «frente» (que era, humanamente, a zona mais viva que se possa imaginar): uma só operação está em vias de se realizar no Mundo, a única que pode legitimar a nossa acção — o desprendimento de qualquer Realidade espiritual, através dos esforços da vida. Quando sigo a cavalo, dias inteiros, repito, como outrora — à falta de outra Missa — a «Missa sobre o Mundo», que você conhece bem, e creio dizê-la agora ainda com mais lucidez e convicção do que nunca. Que bela hóstia esta velha Ásia — hóstia morta, por agora (creio eu) — mas que leva, na sua poeira, os vestígios dum trabalho tão longo, de que nós agora usufruímos! Como o digo a Marguerite, tenho a impressão não já de

estar à proa dum navio (como durante a guerra), mas na popa, debruçado sobre a esteira (vejo o sulco do que passou): e é ainda uma maneira de perceber o movimento do mundo. — Tinha vindo à China à espera de encontrar um reservatório de pensamento e de mística que rejuvenescesse o nosso Ocidente. Tenho agora a impressão de que o reservatório se encontra «entupido» ou vazio. Os Chineses são primitivos (debaixo da capa de verniz moderna ou confucionista); os Mongóis estão em vias de lento desaparecimento, e os seus lamas são monges grosseiros e sujos. Não há dúvida de que esses povos, outrora, *viram qualquer coisa,* mas que deixaram perder essa luz — e que nós não a podemos reencontrar. Um certo Buda de Pequim comoveu-me positivamente pela sua serenidade e majestade: não temos mais bela representação da Divindade! — Essencialmente, tenho a impressão de que estes orientais são adoradores inatos das potências materiais e próximas, e que dormem atolados nesta zona inferior. Não poderíamos enriquecer um pouco o nosso espírito com a pesada seiva que circula nas suas veias, dando-lhes em troca algo para a vivificar? Não poderíamos procurar completar-nos, convertendo-os?... — Não vi que os missionários tivessem a menor ideia disso. Mas sou, na verdade, um pouco jovem em coisas da China para me arriscar a dar-lhes uma lição. Não digo que o não faça ao regressar, por exemplo...

Penso muitas vezes em si — por amizade, antes de mais, mas também por «feminismo», vendo as mulheres destes lados. As chinesas estão abaixo de tudo o que se possa imaginar. Nestas províncias afastadas, quase todas têm ainda os pés pequenos, e faz pena vê-las caminhar sobre esses cotos (as pernas estão completamente atrofiadas) como sobre duas estacas: sob o aspecto moral, parece que são perfeitas escravas, tão cuidadosamente sufocadas nas faculdades de pensar como na possibilidade de caminhar. — Quanto às mongóis, é uma coisa totalmente diversa: olham-nos de frente, por debaixo dos seus diademas de pérolas de coral, e montam a cavalo como os homens. Alguém me falou de uma pequena que aos doze anos laça os cavalos, e duma cristã que vem à Missa com três filhos na mesma montada! É uma bela raça. É pena que se extinga lentamente — à falta de filhos (os mais velhos são votados ao serviço dos lamas, e é costume adoptar chineses) e porque, como de resto por toda a parte, o pastor cede o lugar ao agricultor (o chinês). — Recordo-me de me ter cruzado com uma família em viagem: tratava-se de gente importante, a julgar pelos bordados, pelas jóias e pelos chapéus pontiagudos dos homens. Havia uma mulher, dois homens, e um pequeno encantador de doze a quinze anos, que avançavam ao passo ritmado dos seus camelos, na estepe. Pois bem, era a mulher que ia à frente, como uma rainha. Disse para comigo que você gostaria de ver esta cena.

Estou contente por saber que as conferências de Le Roy foram o que me diz [5]. Segundo o seu resumo, parece ser demasiado abrupta a separação espírito-matéria por ele admitida. Inclino-me a aceitar que a materialidade é uma coisa *relativa* (em grande parte): para um ser, mate-

[5] Professor do Colégio de França, Édouard Le Roy desempenha aí, primeiramente, as funções de substituto de Bergson (1914-1920), sendo, depois, professor titular (1921-1941). Em 1922-1923, profere as conferências que farão parte de *La Pensée intuitive* (*cf.* essa obra, Paris, 1930, Prefácio, p. VII).

rial é o que é menos espiritual do que ele (como a noite é escura quando se olha *por detrás* da luz, mas clara, quando se olha para a frente, em direcção a esta luz). Há assim uma infinidade de espiritualidades crescentes. O Homem traz consigo o Mundo dos seres inferiores a Deus: o pecado está em se mergulhar neles; a virtude, em os arrastar consigo.

Adeus. Penso que estas férias lhe tenham feito bem. Ninguém pode evitar as depressões momentâneas: mas nunca deve *duvidar* do valor do seu esforço para pensar melhor, em Deus — essa é a grande oração.

Muitas saudades.

Teilhard, S. J.

Regresso a Tien Tsin na primeira quinzena de Outubro. Penso que deve ter recebido a minha carta de Junho.

No Rio Amarelo
3 de Outubro de 1923

Querida *Mademoiselle*,

Escrevo-lhe do meio do Hoang-Ho, numa tenda bastante confortável, erguida no centro de uma embarcação profunda e quadrada, que anda à deriva, rodopiando, ao sabor da corrente — um pouco como uma selha. É neste escaler que descemos de Ning-Hia para Pao-Téu (término do caminho de ferro), trajecto que vai exigir-nos

uma dezena de dias, se não houver encalhes ou mau tempo. A bordo vão amontoados os nossos haveres (sessenta caixotes = 3 000 quilos). O trajecto não carece de pitoresco: à esquerda, desfila lentamente a alta barreira azul do Ala-Chan, fronteira das grandes solidões da Ásia Central. À direita, levanta-se o planalto ruivo e cinzento dos Ordos, que acabamos de explorar. As margens são verdes de juncos, e os gansos selvagens divertem-se, às centenas, no fundo lodoso. A dominar tudo, um céu algo frio e brumoso, como o que se vê no Outono nos planaltos elevados de Auvergne. Eis o que me teria entusiasmado há uns vinte anos, e que me deixa quase frio hoje, que compreendi que, em si, nem o passado nem o espaço guardam a solução de nenhum mistério, mas que toda a luz definitiva está no futuro, para o qual estamos inclinados...

Tudo isto para chegar a dizer-lhe que encontrei, há três dias, em Ning-Hia-Fu, a sua boa e longa carta de 15 de Julho (a propósito, também lhe escrevi em meados de Agosto: espero que os correios chineses tenham sido fiéis). As suas palavras causaram-me grande alegria, como a que me traziam as nossas conversas de Neuilly, e o que me deu ainda mais prazer, com o testemunho da sua sólida amizade, foi o facto de ter lido nas suas linhas a certeza de que está cada vez mais firmada na busca da Unidade Divina através de todo o Esforço humano. Mais do que nunca, não se deixe intimidar nem influenciar pelo que Fulano ou Cicrano (nem que fosse Bremond) possam dizer contra a Inteligência oposta à Mística. Que todos esses senhores se contentem com olhar as suas pequenas ideias. A Verdade é uma questão entre cada um de nós e Deus. Nenhuma certeza, nenhum ensino humano podem ir contra a consciência que você

tem de crescer em luz e em força seguindo a direcção que escolheu. Tem toda a razão para pensar que o melhor critério da verdade é «o poder de nos tornar coerentes, *à experiência*». Não há vestígios de mau pragmatismo nesta proposição, porquanto sabemos que a verdade assim reconhecida tem a sua consistência e o seu preço fora do nosso êxito. — Divertiu-me e agradou-me o que lhe aconselhou o P.e Foch. É um homem que eu não conhecia senão de vista. Mas julgo-o e creio-o «um amigo», depois que li algumas frases muito justas sobre o Cristo universal que ele incluiu num pequeno livro de piedade [6]. — Sabe, a propósito, que apareceu [7] a segunda série das Meditações do meu amigo P.e Pierre Charles (para a referência, veja Marguerite [8]), e que se encontra cheia de coisas favoráveis às ideias que nos são queridas? Procure arranjá-lo. Pode dá-lo a ler a muita gente.

Dizia-lhe que levo três mil quilos de coisas preciosas. Quanto a ideias, não sei exactamente o que juntei (o trabalho científico absorveu-me bastante). Creio pelo menos que regresso da Mongólia com a convicção cada vez mais apaixonada de que a única consistência das coisas (o seu único ser definitivo, que sustenta tudo o resto) é a sua organização *in Christo*. Se soubesse como

[6] Germain Foch, S. J., *La Vie intérieure*, Paris-Lião, Vitte, cap. 2, art. 3: «La vie de Jésus en nous» (na 2.ª ed., 1919, pp. 25-40). Todavia, durante a guerra de 1914-1918 é que *Mlle* Zanta tinha conhecido o P.e Foch, que era um fervoroso discípulo do P.e Jean-Joseph Surin. *Cf.* R. de Sinéty, *Le Père Foch*, Toulouse, 1923.

[7] Pierre Charles, S. J., *La prière de toutes les heures*, 2 vol. Charles Beyaert, Bruges, 1923.

[8] *Mlle* Marguerite Teillard-Chambon (Claude Aragonnès).

apalpo com as mãos que, sem esta fé num *sentido* vivo de todo o elemento e de todo o esforço, nada seria senão vazio e poeira! — e como igualmente vai crescendo em mim a convicção de que *tudo* é transformável, divinizável, neste Fogo que nos envolve e não nos pede senão que o deixemos pousar sobre a alma de tudo o que fazemos... Tive a consolação de encontrar em Ning-Hia um missionário, tibetizante notável, com o qual pude falar (pela primeira vez depois que parti da França) abertamente dessas coisas. Julgo que nos compreendemos. Ele, por seu lado (também o primeiro caso depois que estou na China), levantou um pouco diante de mim o véu de grosseiro materialismo sob o qual eu tinha perdido a esperança de encontrar, na China, a menor centelha de verdadeira mística. Mostrou-me os Chineses embrutecidos por um Confucionismo que é um simples código de moral prática, estabelecendo uma vida social cómoda sem nenhum apelo a um Ideal vivo de qualquer espécie. Mas ao lado deste empirismo, bom para gente grosseira, deu-me a confirmação de que existia (até mesmo no coração de alguns filósofos chineses e de alguns lamas) a velha preocupação búdica de sondar o ritmo do Mundo, de estabelecer uma perspectiva das suas inumeráveis evoluções, de esperar o Buda supremo que tudo irá resgatar. Estas certezas, da parte dum homem que conhece a China a fundo, confirmaram-me na minha velha esperança de que poderíamos talvez, na escola dos místicos do Extremo Oriente, tornar mais «búdica» a nossa religião demasiado absorvida pela moral (isto é, demasiado confucionista) e descobrir finalmente um Cristo que não seja sòmente *um modelo de bom comportamento* e de «*humanidade*», mas antes o Ser *sobre-humano* que, em formação desde

sempre no seio do Mundo, possui um ser capaz de tudo fazer dobrar, de tudo assimilar, por dominação vital.

Gostaria de escrever um certo número de coisas sobre essas ideias. Não sei se a redacção da minha viagem me deixará muito tempo para isso. Veremos. — Enquanto espero, parece-me que o seu romance está pronto ou quase terminado... Parabéns à escritora! E não esqueça o Renascimento, pelo menos.

Adeus. Retribuo fielmente a sua lembrança diante de Deus, pois cada dia recomendo ao Senhor aqueles de quem me sinto mais perto «na amizade e no pensamento».

P. Teilhard, S. J.

Tien Tsin, 12 de Dezembro de 1923
Hautes Études. Race Course Road

Querida *Mademoiselle,*

Já lhe devo três cartas: o postal ilustrado do Lioran (que me trouxe à mente tão agradáveis recordações), a carta de Chantilly (2 de Setembro), e, finalmente, a de Neuilly (23 de Outubro). É verdadeiramente grande a sua bondade em me escrever tantas vezes, e em suprir assim, por uma grande página, de tempos a tempos, as nossas conversas de Neuilly, que me fazem tanta falta, por vezes, e por duas razões: prazer e utilidade. Você forçava-me e ajudava-me a pensar muito, enquanto o belo sol vermelho ou doirado se inclinava por detrás das plantas da sua varanda! Penso que esses momentos hão-de

regressar. Entretanto, quando as noites de Tien Tsin me parecem um pouco frias e cinzentas (no coração ainda mais que aos olhos e na epiderme), penso que o Senhor quis o meu afastamento actual, entre outras razões, para me desprender, por algum tempo, das coisas muito agradáveis no meio das quais eu corria o risco de não me apoiar bastante ùnicamente sobre Ele através de tudo (como faço profissão de fazê-lo). E consolo-me neste jejum com a esperança muito sólida de que, exactamente porque me encontro longe e privado, o Senhor tomará o meu lugar junto de pessoas amigas como você — com o que nada terão a perder, antes pelo contrário.

Fiquei muito contente ao ver, pela sua última carta, que continua fiel ao trabalho pessoal, apesar da azáfama do ensino. Não deixe dormir de mais Vittoria Colonna (conto muito com ela), e não se preocupe demasiado com ter os últimos documentos a seu respeito para a retratar. Não é uma aluna da Escola de Chartres! Sem dúvida, é preciso que o fundo histórico do seu estudo seja sério. Mas sou de opinião que Vittoria Colonna deve ser para si sobretudo um símbolo, a propósito do qual diga apaixonadamente o que quer dizer da Mulher. Escreva isso como Joergensen escreveu o seu S. Francisco ou a sua Catarina de Sena [9] (se não quiser fazer como Schuré na sua *Joconde* [10]). E então terá dado um novo

---

[9] J. Joergensen, *Saint François d'Assise. Sa vie et son oeuvre*, trad. do dinamarquês por T. de Wyzewa, 1910; *Sainte Catherine de Sienne*, Paris, Beauchesne, 1920.

[10] O P.e Teilhard alude provàvelmente à obra de Édouard Schuré, *Les prophètes de la Renaissance. Dante, Léonard de Vinci, Raphaël, Michel-Ange, Le Corrège*, Paris, Perrin, 1920.

passo, e importante, em direcção ao lugar influente que seria seu desejo ocupar para fazer avançar a sua «Causa». Compreendo a sua ansiedade por julgar não se encontrar à altura dum trabalho como este. É um dos grandes sofrimentos humanos. É preciso olhá-lo de frente, a este sofrimento, na verdade e na luz de Deus, porquanto é à luz deste sol que nós vivemos. Não se perca em vãs pesquisas interiores sobre o que possa exactamente valer. Mas diga a si mesma, e isto categòricamente, que para o êxito da obra imensa da criação, Deus não precisa senão de uma coisa: que faça *todo o possível*. Uma vez que não recusa tudo de quanto é capaz, está unida, e *no máximo grau*, à Acção criadora: não poderia ser uma serva mais útil. Compreenda bem isto, é capital: uma só coisa importa na existência (para que a nossa vida seja plena) — ocupar exactamente o lugar, querido por Deus, que é marcado, a cada instante, pelo equilíbrio que se estabelece entre o nosso esforço (para ter êxito e para nos desenvolvermos) e a resistência das coisas (que nos limitam). Nesse lugar, nós somos, no Universo, um átomo fiel e soberanamente útil, verdadeiramente anexado ao Corpo e ao Coração de Cristo. À falta de poder sobre a nossa inspiração e a nossa inteligência, nós temos também, não o esqueça, a possibilidade de intensificar a nossa intenção e a nossa fé. Quanto mais avanço, mais penso que desse lado é prodigioso o nosso poder. Quanto menos forte e segura de si mesma se sentir, mais precisa de fortificar em si a visão do Ser omnipotente a que votou o seu esforço. O mais humilde esforço, levado a cabo com esta consciência no amor de agir (fìsicamente) *in Christo*, tem uma ressonância (é a fé fundamental do cristão) nas verdadeiras fibras do Mundo que não poderia ser produzido por nenhum abalo puramente «humano». Tudo isto para lhe dizer que deve compensar as deficiências sentidas por meio de uma intensificação de vida interior, «de visão mística».

E depois (não sei se já lho disse), deixe-se de consagrar demasiado tempo a ouvir o que os outros contam, e a sondar contìnuamente os fundamentos da sua acção. Sinto, como você, que não é impossível metafìsicamente que o Universo não avance, e que se evaporem em nada os esforços da Humanidade. Ainda nos encontramos noutro ponto: a considerar esta questão isoladamente, eu seria levado a hesitar sobre o que restaria da nossa consciência depois da morte. Mas o que sucede é que eu vi e experimentei que não havia vida coerente senão na fé transbordante num Universo cujo inteiro movimento nos solicita a uma suprema União. Desde então, não penso senão em viver e realizar esta fé. Para satisfazê-la, creio ferozmente nalgum progresso, e tenho por prejudiciais heréticos os que a negam. E para me tranquilizar quanto ao «além» perturbador, fecho os olhos nos braços do maior que me arrasta. Não penso que aquele que sempre tiver feito profissão de se confiar à Energia que conduz o Mundo, tenha algo que temer dessa Energia. Do outro lado, seremos alguma coisa de novíssimo. Mas continuaremos a ser nós, em melhor.

Pouco tenho que lhe dizer da minha vida em Tien Tsin. A Marguerite deve ter-lhe contado que vou prolongar seis meses a minha estadia na China [11]. Causar-lhe a ela este desgosto foi o que mais me custou ao tomar a

---

[11] *Cf. Lettres de voyage (1923-1939)*, op. cit., pp. 67-68; e C. Cuénot, *op. cit.*, p. 71.

resolução. Mas não teria sido digno da amizade dela se não fizesse (por ela) o que me parecia melhor (De tudo isto, tire o que lhe diz respeito, está bem?) — Trata-se, como deve saber, duma segunda viagem «à Tartária» que vou empreender na Primavera (o que atira com o meu regresso para o Verão). Hesitei um pouco, de princípio, em aceitar esta nova expedição. Mas depois, tanto M. Boule (numa carta recebida ao mesmo tempo que a sua) como os meus superiores me estimularam formalmente a fazê-la, pelo que tenho que me deixar de hesitações. O mais aborrecido será passar o Inverno. Mas com algumas viagens a Pequim, algumas redacções e raspagens de fósseis, o tempo passará depressa. Num certo sentido, faz-me bem esta vida solitária, enquanto me atira ùnicamente para o Divino. Mas as suas cartas far-me-ão igualmente sempre bem.

Fielmente seu.

P. Teilhard, S.J.

Escreva-me para a direcção indicada abaixo. — O Trans-siberiano sai de Paris na quinta à tarde.

Tien Tsin, 25 de Janeiro de 1924

Querida *Mademoiselle,*

Esta carta não sairá senão daqui a seis dias, mas não quero esperar para responder à sua boa carta de 28-31 de Dezembro, que acabo de receber. Obrigado por tudo o que me diz, que me ajuda a viver um pouco, de longe,

essa cálida existência de Paris, de que tenho tantas saudades. Li com todo o interesse o seu artigo sobre as Equipas sociais femininas [12]. Tem razão em ver nelas um triunfo, de facto, para o feminismo: é impondo-se desta maneira, muito mais do que a discutir a legitimidade dos seus direitos, que as mulheres obterão o seu lugar na sociedade. O que me diz, segundo Garric [13], sobre a seiva religiosa que se acumula nas massas populares consideradas como as mais «selvagens», encontra-se demasiado no sentido das minhas mais caras esperanças para que eu não tivesse estremecido de alegria. Sim, tome um bom banho nesta matéria humana, um pouco turva, mas tão viva. Tenho a certeza de que este contacto a tonificará. Mas não esqueça o seu trabalho pessoal e sério, se lhe sobram ócios do trabalho para o pão de cada dia. A sua verdadeira força estará sempre na tensão espiritual que conseguir manter em si, pelo pensamento e pelo contacto com Deus. — Desagradou-me um pouco a primeira interrupção da sua carta que a impediu de contar a história

[12] *Mlle* Foncin, que tinha fundado em 1922 o movimento feminino das Équipes Sociais, solicitara a colaboração de *Mlle* Zanta, a qual, logo entusiasmada com a ideia, tomou parte muito activa no movimento. Escrevia regularmente no *Écho de Paris*, para onde já começara a escrever a convite de Henri Simon, então director; publicou aí muitos artigos, dos quais é de salientar o que foi publicado na primeira página, no dia 20 de Novembro de 1923, com o título: *Équipes sociales féminines*, assinado «Léontine Zanta, docteur ès lettres».

[13] Robert Garric tinha fundado, em 1919, as Equipes Sociais. Ele mesmo as tinha apresentado no *Écho de Paris* de 12 de Agosto de 1923: *Les Équipes sociales et leurs oeuvres.*

do seu jovem assistente que quer fazer uma tese sobre o Verbo. Na minha ignorância da história moderna, não imaginava que o século XVII (com excepção de Surin e Lallemant) tivesse compreendido especialmente o Cristo Universal (não é verdade que os homens desse tempo andavam demasiado seguros de ter disciplinado o Mundo e eram demasiado «sábios» para sentirem a necessidade de se votarem ao Todo?...). Enfim, se o seu jovem amigo pôde encontrar uma articulação histórica para tratar a questão, isso é óptimo. Tenho muito receio de que, se ele quisesse tratá-la de frente pela filosofia, depressa teria contra ele a velha guarda dos teólogos. Teria todo o prazer, quanto a mim, em encontrar um jovem tão cheio de promessas. Sabe qual o mestre com quem ele vai trabalhar?

Nada de especialmente novo, pelo que me diz respeito. Espero, enquanto me vou ocupando da melhor maneira possível, o mês de Abril, altura em que devo partir para a minha segunda viagem. Em princípio, a viagem está decidida. Pràticamente, ainda sei bastante pouco quanto à direcção a tomar. Neste momento há salteadores por toda a parte, a começar pelas regiões por onde andei este Verão. Talvez sejamos atirados para a Mongólia oriental (a oeste de Mukden). — No decorrer deste mês de Janeiro tive ocasião de encontrar um número bastante grande de gente variada — sobretudo na altura duma reunião geológica em Pequim: chineses, americanos, ingleses, russos, suecos... Como em Novembro (numa ocasião parecida), fiquei impressionado pela cordialidade que imediatamente reinou nesta Babel. O que falta aos homens, sem sombra de dúvida, para serem bons e felizes, é uma alma comum! — Anteontem fui jantar, na maior intimidade, com o director chinês do Geological Survey [14] e um dos seus amigos, também chinês, professor de antropologia na Universidade de Tientsin. Este director, um tal Dr. Ting, é provàvelmente o chinês mais aberto e mais inteligente que conheço. Mantém, além disso, relações de amizade e um contínuo intercâmbio de ideias com todos os guias intelectuais da jovem China actual. Enquanto íamos fumando cigarros ou comíamos carne em pequenos cubos, arroz, sopa de holotúrias, etc. (a mim, felizmente, tinham-me destinado um garfo e uma colher — não os pauzinhos), toquei directamente na questão da filosofia chinesa e do temperamento religioso chinês. O Dr. Ting deu-me, em substância, esta resposta: «Como toda a gente na terra, os Chineses têm necessidade de uma religião (isto é, duma justificação da vida). Mas consideram por agora que o problema é demasiado vasto e complicado para que uma solução esteja à vista. De resto, actualmente, atravessam um período de reacção contra as suas antigas superstições. A China passa por uma fase anti-religiosa, como a do século XVIII na França, o que lhe fica muito bem, porquanto os Chineses são, por natureza, pragmatistas e *agnósticos*. Por agora, não há entre eles o que se possa chamar uma filosofia pessoal: as suas tradições de pensamento foram quebradas pelas vicissitudes políticas; e, depois, encontram-se ainda demasiadamente sob a influência dos pensadores americanos ou europeus para procurarem desbravar novos caminhos». — Nada disto é muito animador. É inegável que o chinês é extremamente terra a terra, e podemos perguntar-nos em que canto da sua alma ou

[14] O «Serviço geológico», centro chinês, americano e sueco.

debaixo de que forma inesperada é que se esconde, nele, a força mística e religiosa. Mesmo o Dr. Ting me pareceu encarar a procura de uma Religião como um vasto empreendimento científico, quando o Absoluto, e nisso não há dúvidas nenhumas, não se poderia «*tomar* pela força», manifestar-se
mas deve aos espíritos que o esperam. O «dar-se»
que é certo é que o Cristianismo, se quiser atrair a atenção, e, atrás disso a simpatia dos homens do Extremo Oriente, deverá apresentar-se sob uma forma (a que nós desejamos, não é verdade?) que amplifique (longe de minimizar!) o mistério, a grandeza, o interesse, e os problemas do Universo tangível.

Começo a sentir a necessidade de me encontrar num meio onde possa discutir e pregar essas coisas. Mas creio que o longo «retiro» deste ano me terá feito bem, apesar de tudo. Tenho a impressão de que a Terra, conquanto guarde o seu prodigioso poder de nos transmitir o Divino por tudo o que ela é, empalidece cada vez mais para mim em todo o seu presente e todo o seu passado. É o futuro que é fascinante, e vejo-o todo abrasado de Deus a nascer por toda a parte.

Coragem e todo seu.

P. Teilhard, S. J.

Já não sei de quando data a minha última carta. Feliz ano novo, se me esqueci de lhe mandar as boas-

-festas! — Que Nosso Senhor se lhe revele nas mais pequenas coisas, é o que lhe desejo.

Deve ter ficado muito triste com a morte do pobre Barrès! [15]

Linn-Si (Mongólia oriental), 20 de Maio de 1924

Querida *Mademoiselle,*

Esta será provàvelmente a última carta que lhe escrevo da China. É uma resposta, um pouco tardia, à sua carta de 2 de Março, que me chegou no fim de Março, mas que deixei em Tientsin, de maneira que não posso responder-lhe com muita precisão. Partimos para a nossa segunda viagem no dia 3 de Abril, e agora estamos quase chegados ao trabalho, isto é, à orla oriental da grande plataforma do Gobi, onde esperamos entrar no fim do mês, quando tivermos reunido os carros mongóis necessários para esta parte do trajecto. Desde há cerca de dois meses que circulamos montados através dum país rochoso, montanhoso, frio e austero, bastante parecido com um Cantal ou Velay onde não restasse uma árvore, uma moita. Tal estado de coisas é de atribuir às devastações dos colonos chineses, que vêem a sua imprevidência punida por uma corrente formidável, que gradualmente

[15] Maurice Barrès morreu sùbitamente a 4 de Dezembro de 1923.

lhes leva toda a terra. Perto daqui, em terras mongóis ou escassamente colonizadas, a vegetação é mais rica. Nas moitas, pululam belos faisões de coleira. — Nada de sensacional até agora quanto a descobertas. Mas muito e bom trabalho. Pensamos regressar do Gobi nos meados de Julho. Ficarei um mês em Tientsin para encaixotar as coisas. Se tudo correr bem, tomarei o primeiro barco de Setembro em Xangai, e assim poderei estar em Paris em meados de Outubro.

Chegam-me de lá notícias pessimistas a respeito do movimento integrista. Ainda poderei limitar os meus «escritos» ao domínio inatacável dos factos. Mas tem muita razão para duvidar de que força alguma no mundo seja capaz de modificar quer a direcção quer a intensidade de toda a influência de que eu sou capaz. Roguemos sòmente ao Senhor que nos ajude a manter esta atitude sem acrimónia, mostrando-nos que a sua acção se pode incarnar até nas manobras mais desagradáveis de certos espíritos obtusos ou farisaicos. Toda a minha vida interior se orienta e confirma cada vez mais no sentido da união com Deus encontrado em «todas as forças interiores e exteriores deste Mundo».

Mas é preciso *nada* excluir destas forças, para que esta atitude tenha a sua eficácia: nem a morte, nem a «perseguição» no domínio das ideias. Tudo é transformável em Nosso Senhor: o que é preciso é acreditarmos. Não sei se já lhe disse que a fórmula geral da vida cristã tinha tomado para mim este enunciado: «Comungar pela fidelidade com o Mundo consagrado pela fé». Creio que esta proposição é exaustiva e inatacável.

Bem sabe que enorme alegria terei em me encontrar de novo consigo daqui a alguns meses. Tenho pena de

que a questão do Colégio de França não vá por diante [16]. Mas deixe-se levar pelos acontecimentos, uma vez que são mais fortes do que nós. Tem uma grande influência sobre muitos espíritos à sua volta. Não se inquiete por achar esta acção um pouco dispersa, um pouco descontínua. Não é essencial que compreendamos absolutamente, distintamente, a nossa vida, para que ela seja bela e tenha êxito. Muitas vezes uma existência é fecunda pelo lado por que seríamos levados a desdenhá-la.

Sempre lhe serei muito reconhecido pela sólida e eficaz amizade que dedica a Marguerite. As suas cartas mostram-me abundantemente o que você representa para ela. Isso também, é um útil resultado da sua vida.

Boas férias, e todo seu.

P. Teilhard, S. J.

Tien Tsin, 28 de Agosto de 1926

Querida Amiga,

Acabo de encontrar, ao regressar aqui, a sua boa carta de 27 de Junho. Também eu sonho muitas vezes em me encontrar, no lugar costumado, no seu lindo pombal! — A minha primeira viagem não teve o êxito de que eu gostaria. Tendo partido em direcção às faldas do

[16] Desta «questão», que parece dizer respeito a *Mlle* Zanta, não nos resta nenhum vestígio. Talvez se tratasse de ela proferir algumas conferências no Colégio de França.

Tibete, fomos completamente detidos pela guerra a um terço do caminho. Durante dois meses, visitámos uma região mais acessível, mas menos interessante (o Chansi). Espero ter feito bom trabalho: mas é sobretudo obscuro. No próximo mês conto ir, a dois dias de Pequim, explorar um rico jazigo fossilífero cujo acesso acaba de ser desimpedido por uma recente vitória das tropas de Mukden. É impossível prever se as circunstâncias me permitirão que empreenda, na Primavera, uma viagem ao *Far-West*, como tanto desejaria. Tudo isso é, sem dúvida, um pouco desconcertante. Mas, enfim, nada é absolutamente precioso nem essencial senão a «divina fantasia», não é verdade? — Deu-me prazer que o seu romance tenha encontrado graça diante do *Correspondant* [17], e que Vittoria Colonna vá para a frente. Sabe o que eu penso desta última. Procure ser uma sólida historiadora do passado; mas seja ainda mais uma intérprete das novas aspirações. Vittoria Colonna deve servir-lhe de ponto de apoio, uma espécie de símbolo. Tanto pior se a não ressuscitar exactamente. O ponto fundamental é que ela a anime, e de alguma sorte também a encubra. — Estou bastante absorvido pela geologia, como de resto convém. Mas nela encontro o contacto com o real que me é tão necessário, e não creio que o meu espírito por aí se atole. Sinto-me particularmente sensível, neste momento, ao período de espera, de expectativa, em que a Humanidade se encontra relativamente à sua necessidade mais essencial, que é a de uma fé. Em matéria de «conversões», o cristianismo patinha visìvelmente

[17] O romance que *Mlle* Zanta acaba de publicar, *La part du feu*, foi recenseado no *Correspondant*.

no mesmo lugar. Não é pelas vias actuais, evidentemente, que o reino de Deus se estabelecerá — mas por qualquer forma de renascimento, por uma «revelação» que (uma vez mais na história humana) se difundirá na massa humana como água ou como fogo. Eis o que importa desejar e preparar. A mim parece-me, já o dissemos muitas vezes, que a centelha brotará da conjunção que se fizer, cedo ou tarde, nas consciências, entre Nosso Senhor e o mundo, tornando-se este, n'Aquele, sagrado e absoluto, no termo do longo esforço criador. Eis o que seria preciso gritar às multidões de Chicago! Esta visão da imensa simplicidade e da total divinização das coisas parece-me cada vez mais evidente, cada vez mais acessível, cada vez mais libertadora. Consuma e sintetiza sem esforço tudo o que há de bom à direita e à esquerda. Não se esqueça de rezar para que eu regresse desta viagem mais capaz de dizer, e de me fazer ouvir — e também para que Nosso Senhor me proporcione a ocasião de falar (se não for prematuro). Uma consideração que me dá paciência é esta: ainda mesmo que não chegássemos, durante a nossa vida, a exteriorizar o que vimos, a minha boa Amiga, eu e tantos outros, já seria muito ter servido a Deus de campo de experiência para esta maravilhosa aliança dos amores do Céu e da Terra. Uma vez que o germe foi inserido numa parcela da massa humana, espalhar-se-á irresistìvelmente em todo o corpo, sem que nós saibamos como. Tudo está em ser fiel nas mãos de Deus, e sob a sua influência, e é isso que eu peço todos os dias para si.

A minha viagem não me fez apreciar, infelizmente, a forte embriaguez do deserto. Circulei sobretudo na velha China, nos vales superpovoados e nas montanhas áridas.

Por toda a parte as estradas são carreiros, os pagodes estão em ruína, as estelas antigas atolam-se no meio dos campos. E ao mesmo tempo tem-se o pressentimento de que o escol intelectual do país muda ràpidamente de pele. Num século, a mudança estará feita. Emergirá uma China capaz de ajudar o Oeste na Investigação, ou sòmente uma China imitadora? Quem o poderá dizer?...

Em breve escreverei de novo. Mande-me, de tempos a tempos, notícias *suas*, e notícias de Paris. Sabe como é grande a amizade que lhe tenho. Seu

P. Teilhard, S. J.

Tien Tsin, 15 de Outubro de 1926

Querida Amiga,

Encontrei a sua boa e querida carta de 15 de Setembro, no último domingo, ao regressar de uma viagem de três semanas a noroeste de Pequim — viagem essa donde trouxe um número razoável de fósseis e de observações geológicas. Conhecendo-a como conheço, não fiquei aborrecido por saber que tinha sido um pouco amimada, materialmente, durante estas férias; e, ao mesmo tempo, gostei do vigor com que julga os que se deixam atascar e dissolver no confortável. Sem dúvida, é difícil saber guardar o justo meio-termo na posse e no uso da Matéria. Mas continuo a acreditar que vale mais a pena procurar transformá-la do que voltar-lhe as costas. Parece-me que o que faz a ruína moral das pessoas de que me fala

não é o agarrarem a Matéria — mas sim o facto de a agarrarem incompletamente, em pedacinhos fáceis, em vez de a enfrentarem resolutamente na sua riqueza total, no seu mistério sagrado e na sua incomparável majestade. O gozador abusa do tangível, porque o esmigalha em fragmentos tão pequenos que julga ser o seu dono e senhor. Se soubesse olhar, em conjunto, a grandeza do que profana, cairia, pelo contrário, de joelhos. O mal fundamental de que nós sofremos (e creio que este mal é fundamental porquanto é a falta, o pressentimento e o anúncio da virtude ou qualidade que se exige para os nossos progressos do momento) é a incapacidade de ver o Todo. Junte esta perspectiva nova às nossas tendências mais inquietantes do momento: e elas se transformarão em virtudes magníficas. Algumas vezes apodera-se de mim um desejo, vago e sem forma precisa, de associar um pequeno número de amigos, e de dar, através de todas as convenções admitidas, o exemplo de uma vida onde nada contaria senão a preocupação e o amor de *toda* a Terra. Isso que aí vai dito tem um ar muito pagão, e fica muito aquém do exemplo de puro desprendimento dado outrora por S. Francisco. No fundo (e sem comparação entre pessoas, naturalmente), pergunto-me se, pelo contrário, não seria retomar, no seu espírito profundo, o movimento das conversões medievais. Não o repetimos nós muitas vezes, juntamente? Parece que a Humanidade não voltará a apaixonar-se por Deus antes que Este lhe seja mostrado no termo dum movimento que prolongue o nosso culto pelo Real concreto, em vez de a ele nos arrancar. Ah!, como o Real seria formidàvelmente poderoso para nos arrebatar ao nosso egoísmo, se soubéssemos olhá-lo na sua prodigiosa grandeza!

Sim, minha Amiga, tenho uma certa inveja de si por ter regressado à atmosfera capitosa e substancial de Paris. Em parte nenhuma do mundo, sem dúvida, a camada espiritual de que se envolve a Terra possui uma tensão como essa ...No entanto, não posso dizer que me sinta mal em Tientsin. Esta calma do lindo Outono, em que me encontro reinstalado depois de sete meses de perpétuas agitações, parece-me deliciosa, e começo a aproveitá-la para retomar o trabalho de pensamento, ao lado do trabalho geológico. Que Deus me conserve este gosto profundo, e esta espécie de embriaguez lúcida, que me fazem inebriar da alegria do Ser, bebida como que numa fonte perene. Por momentos, quando me encontro bem mergulhado nas rochas e nos fósseis, sinto uma felicidade sem nome ao recordar-me de que possuo, num Elemento total, incorruptível e amante, o Princípio supremo em que tudo subsiste e se anima. *Per quem omnia semper bona creas, vivificas, sanctificas, et praestas nobis...*, diz-se na Missa. Que ciência e que filosofia são comparáveis ao conhecimento dessa Realidade — e sobretudo à sua percepção, por modesta e incoativa que seja!... Que Deus no-lo dê e no-lo conserve, a si e a mim, esse dom. Na posse desta luz e deste fogo, pode passar-se por toda a parte, iluminando-nos e alimentando-nos de tudo.

Continuam muito vagos os meus projectos quanto ao futuro. Creio, no entanto, que é preferível esperar até Fevereiro ou Março antes de tomar uma decisão: campanha de Primavera, se a China se acalmar; regresso, caso se desvaneçam as possibilidades de trabalho. Polìticamente, a situação é mais turva do que nunca. Parece que os bolchevizantes agora levam a melhor sobre o Yang-tsé. Começo a pensar que o seu êxito será o sinal

da reorganização da China — mas às costas dos Europeus. Os cantoneses e os Kuominchuns são muito xenófobos: mas parecem representar a única comunidade chinesa movida por ideias elevadas e capaz de limpar o país do banditismo militar que o arruína.

Fico contente por saber que continua a escrever. Na medida do possível, guarde na sua vida tão sobrecarregada um lugar para a investigação pessoal e para a produção. E diga-me de tempos a tempos o que se vai passando consigo. As suas cartas dão-me sempre alegria, e, ao lê-las, imagino-me sentado ao canto da mesa, ao pé da linda borboleta azul.

Todos os dias rezo por si.

Seu

P. Teilhard, S. J.

Hautes Études. Race Course Road
Tien Tsin, 10 de Janeiro de 1927

Querida Amiga,

Recebi um pouco depois do dia de Ano Bom a sua boa carta de 14 de Novembro, em cuja direcção se esqueceu de pôr «via Sibéria» — e é essa a razão do meu aparente atraso. Muito obrigado pela sua lembrança e pela evocação do quadro amigo em que passámos horas tão agradáveis. Essa imagem ocorreu-me no dia 31 de Dezembro à tarde, na altura em que contemplava o último sol de 1926 desaparecer, todo vermelho, sob a planície pantanosa do Tché-ly. Recordei-me de que à mesma hora,

em 1925, estava em sua casa, a apresentar-lhe os meus votos de Ano Novo. E repeti-os de longe, mentalmente, acompanhando-os de uma boa oração. Que o seu ano seja bom, querida Amiga, cheio de Deus, da sua luz e da sua paz, e que nos seja dada a visão cordial da misteriosa Diafania (prefiro esta palavra a Epifania) pela qual o Cristo universal ilumina o fundo único e superior das coisas, para agir sobre nós por elas, e para nos atrair ao seu vértice comum! À medida que vou avançando na vida, cada vez penso mais que a verdadeira sabedoria, a verdadeira «filosofia» consiste em distinguir este meio divino, tão misturado nas coisas, e, todavia, a elas tão superior, e, depois, em emigrar para lá. Estamos de acordo, não acha? São-lhe naturalmente conhecidos os caminhos para aí chegar, não é verdade? De outra maneira não nos teríamos nunca encontrado.

Fiquei muito contente por saber que continua fiel a Vittoria e apaixonada por ela — contente também porque a Providência, ao enviar-lhe uma tradutora, lhe fez sentir que com um pouco de fé a gente se pode sempre deixar levar pelos acontecimentos que ela anima «para os que amam». Em si, a sua colaboração no *Écho de Paris* deixa-me algumas reticências [18]; mas sinto que a dá tão

[18] Em 1927, como, de resto, já antes disso, *Mlle* Zanta colabora no *Écho de Paris*. Aí publica numerosos artigos: *Plaidoyer de Diotime. A Mussolini* (31 de Janeiro de 1927), *Variation sur un sermon* (13 de Março de 1927), *La France au visage de pierre* (18 de Maio de 1927), *Un dialogue instructif* (6 de Junho de 1927), *Contre le scandale d'une certaine vulgarisation* (26 de Julho de 1927), *En marge de la Semaine Sociale de Nancy* (18 de Agosto de 1927), *Les responsables* (12 de Setembro de 1927), *Les voix du passé* (12 de Novembro de 1927), *La colline prédestinée* (24 de Dezembro de 1927).

espontâneamente que não posso deixar de a apreciar pela parte tão viva de si mesma que nela põe. Mas, veja longe, olhe que falo a sério. Aqui, nas margens do Pacífico, não pode imaginar como parecem mesquinhas as nossas pequenas disputas europeias. Espero que pouco a pouco nos vamos aproximando do tempo em que os homens serão capazes de não amar «nada senão a Terra». Tudo o resto é demasiado pequeno para nós, não acha? E mesmo a Terra, quando a tivermos metido no cerco da nossa união, ela própria nos enviará ao amor de algo maior ainda. — Passei em Pequim todo o mês de Dezembro, ocupado a ver americanos, australianos, holandeses, etc., de regresso do congresso pan-pacífico de Tóquio. Não pode imaginar como esta imersão num internacionalismo escolhido é dilatadora — com a condição de, além disso, se estar fortemente enraizado no seu meio nativo (no meu caso, evidentemente que é Paris!).

A permanência em Pequim de que acabo de lhe falar foi para mim uma excelente ocasião de estreitar ainda mais as amizades que lá tenho, e também de visitar os palácios, pagodes, etc., na senda dos «grandes homens» que eu tinha vindo encontrar. Estas visitas não me entusiasmaram. O que amo mais, na China, é a geometria dos recintos, a curvatura dos tectos, os múltiplos andares das torres, a poesia das velhas árvores carregadas de corvos, o perfil desolado das montanhas. Bugigangas, tabiques, porcelanas, jades, isso causa-me horror. Não faço excepção senão para os jades de dois mil anos antes de Cristo, nos quais as linhas são tão puras como nas jóias egípcias.

Dir-se-ia que, a partir duma certa época, os Chineses se começaram a retorcer e a complicar. — Com Lacroix[19], meu amigo e protector, fomos fazer uma excursão geológica a Kalgan, com um frio glacial, em comboios desorganizados e desmantelados. Foi uma coisa heróica, mas que teve bom resultado. Kalgan, na orla do Gobi, neste período de frio e de guerra, era dum extremo pitoresco. Dir-nos-íamos em pleno Turquestão.

Aqui levo uma vida regular e estudiosa. Determino e preparo os meus fósseis (tenho, finalmente, um bom material) e escrevo um pequeno Tratado de espiritualidade, *Le milieu divin (!!)*, que será, bem o espero, ortodoxo. Intelectualmente (e quase místicamente, pelo que diz respeito a certos ajustamentos), sinto que o eixo dos meus gostos e preocupações científicas se desloca gradualmente das camadas materiais ou vivas da Terra para a camada pensante que a Humanidade forma no nosso planeta. É nesta zona humana, parece-me, que a Geologia e a Paleontologia têm os seus verdadeiros prolongamentos; e é aí que eu julgo adivinhar a essência do que me atraía para essas Ciências. Quando se compreendeu uma vez, graças ao estudo das rochas e dos velhos ossos, qual é a ordem de grandeza e o grau de orgânica do meio humano em que nos encontramos mergulhados, asseguro-lhe que nisso se encontra um objecto de estudo magnífico. Passamos ainda estranhamente indiferentes diante deste objecto, como os nossos antepassados diante das montanhas. Mas daqui a um século ou dois, a Humanidade transformar-se-á num tema de estudos clássico, o

[19] Alfred Lacroix, secretário vitalício da Academia de Ciências, falecido em 1948.

termo superior da «História Natural»; e suponho que se estará então de acordo quanto a este ponto — que a primeira condição física, orgânica, do seu equilíbrio e do seu progresso é a crença em Deus — a fé num definido
Termo do movimento que nos arrasta.
absoluto

Dê-me de quando em quando notícias suas e notícias dos amigos; e apresente, com toda a minha amizade, os melhores cumprimentos a Garric, que não esqueço. Sei que ele faz trabalho de jeito.

Penso ficar em Tientsin até Abril. Nessa altura procurarei partir de novo em viagem. Regresso a Paris no Outono, o mais tardar, imagino.

Todo seu, com amizade.

P. Teilhard, S. J.

Saudades à sua sobrinha e à sua pequena família.

Tien Tsin, 7 de Maio de 1927

Querida Amiga,

Ainda não respondi à sua carta de 6 de Março. E foi já há tanto tempo, que nem sequer me recordo em que altura íamos quando lhe escrevi a última vez. Muito obrigado, em todo o caso, por me dar de tempos a tempos notícias suas assim como do nosso mundo de Paris. Tenho necessidade delas para o coração e para o espírito.

Em duas palavras, é a seguinte a minha situação

actual. No geral, parece estar marcado, para o Outono, o meu regresso a Paris, e, depois de ter passado aí alguns meses, quando tiver preparado uma publicação, voltarei por um novo período à China, onde o Serviço Geológico Nacional me faz interessantes ofertas de colaboração. Mais em pormenor, vou partir provàvelmente na próxima semana para uma pequena viagem de dois a três meses a noroeste daqui — viagem modesta, para uma região medìocremente interessante, mas onde poderei pelo menos recolher alguns documentos novos. Sinto uma necessidade real desta saída para o ar livre. A minha existência na China, na próxima estadia, será, sem dúvida, mais organizada, mais carregada de ocupações regulares. Neste momento, uma vez que o trabalho de estudo sobre o material recolhido em 1925-1926 se encontra terminado, sinto-me verdadeiramente «nas nuvens». Não posso viver sem acção. Ando um pouco a girar no vazio, neste momento — à excepção das minhas idas a Pequim (fui lá três vezes, creio eu, depois da última carta que lhe escrevi).

Sabe que atravessámos na China, em fins de Março, um momento crítico. A revolução estava prestes a rebentar em Pequim, Tien Tsin, Harbin e noutros lados. Se não fosse a dissensão dos cantoneses e o *raid* de Tchang-holin à legação russa de Pequim, ia haver zaragata. Por agora, parece que os comunistas perderam a partida no Extremo Oriente. Mas a evolução dos espíritos não terminou, felizmente. Espero que não seja demasiado brutal a reacção conservadora, nem demasiado duradoira — apesar de se começar a falar de fascismo chinês! Como deve saber, os ditadores por estas bandas têm a mão pesada: nas últimas semanas executaram dezoito estudantes em

Tien Tsin!... Temos de reconhecer que os sulistas perderam estùpidamente a partida. Todavia, as minhas simpatias continuam obscuramente com eles, e espero que seja o seu espírito «humanitário» que acabará por vencer. Já se encontra por toda a parte. — Sinto-me cada vez mais incapaz de ter uma ideia precisa sobre o que podemos esperar de grande e de renovador da nova China. Sou pessimista, por vezes. O que me parece claro é que é preciso favorecer este «nascimento» dum novo grupo humano, que nada poderá impedir. Depois se verá o que é possível fazer com a criança. Ao lado de alguns sintomas desagradáveis (xenofobia estreita, por exemplo), tive a felicidade de recolher, durante os três últimos meses, toda a espécie de indícios tranquilizadores sobre a possibilidade de uma franca colaboração espiritual entre Oriente e Ocidente. Como vê, sufocamos os nossos compartimentos, nas nossas categorias fechadas. Sem romper os organismos mais restritos, impõe-se fundi-los, sintetizá-los: o Homem, nada senão o Homem, nada menos do que o Homem como quadro das nossas ambições e das nossas organizações. Como é possível que seja preciso repeti-lo a católicos? Não há dúvida de que por vezes se tem a impressão de que as nossas igrejinhas nos escondem a Terra. Ocorre-me agora um pensamento que já tive vai para mais de dez anos. Quer-se identificar a ortodoxia cristã com um «integrismo», isto é, com o respeito pelos menores mecanismos dum pequeno microcosmos construído há séculos. Na realidade, o verdadeiro ideal cristão é o «integralismo», a saber, a extensão das directrizes cristãs à totalidade dos recursos contidos no Mundo. Integralismo ou integrismo, Dogma-eixo ou Dogma-quadro, eis a luta em curso, desde há mais de um

século, na Igreja. O integrismo é simples e cómodo, para os fiéis e para a autoridade. Mas exclui implìcitamente do reino de Deus (ou nega, por princípio) as enormes potencialidades que se agitam por toda a parte à nossa volta, na ordem social, moral, filosófica, científica, etc.. Aí está a razão por que lhe declarei guerra de uma vez para sempre... Não sei muito bem o que farei para levar a bom termo esta guerra, agora que as minhas possibilidades de acção exterior se encontram cada vez mais restritas. Mas o Senhor me ajudará, se estiver comigo. Penso algumas vezes que a melhor maneira de fazer triunfar uma atitude está em vivê-la o mais fielmente possível. Vamos fazê-lo juntos, de acordo?

Deu-me prazer verificar, pelas suas cartas, que a sua actividade não diminui. Tem razão em se lançar, sem medo algum, na fé, isto é, no abandono ao Mundo animado por Deus: tudo o que se nos pede é procurar sempre subir para o mais largo e o mais claro, sem largar nenhum destes dois fios: a lealdade para connosco mesmos e o apego à Igreja. Peça a Deus que eu não quebre nem um nem outro. O mesmo peço para si. — As melhores saudades a Garric, e para si o melhor testemunho de amizade.

P. Teilhard, S. J.

Para voltar à questão do fracasso comunista (merecido) no Extremo Oriente, parece-me que esta derrota dum esforço «de internacionalização *pelo ódio*» deveria ser o sinal do despertar dum esforço de internacionalização (vigoroso e construtivo) pela simpatia e a entreajuda. — O que me aborrece é ver que ao comunismo se opõe

o fascismo, isto é, a negação brutal e retrógrada do que tem sido obscuramente pressentido e desejado pelos numerosos elementos *bons* do *despertar* comunista. «Nada senão o Homem», mais uma vez...

Le Chambon [20], *22 de Agosto de 1928*

Querida Amiga,

Encontrei ontem à tarde, ao regressar de Montsalvy, a sua simpática carta de sábado. Sensibilizou-me imenso — embora não me contasse nada de absolutamente novo. Já há muito tempo que me dei conta de ter encontrado em si a verdadeira amiga — e uma amiga que me dá uma total sensação de repouso, porque se apresenta como totalmente certa, e verdadeiramente no mesmo plano (como nós dizemos). Confiemos sempre em Deus para que faça que esta bela força nos sirva para alguma coisa de cada vez mais belo. Não tenha medo das «forças maldosas», que julga sentir rondar à volta do seu velho castelo. Esses fantasmas desvanecem-se ao primeiro raio da fé, à medida da nossa fé na bondade e no valor (não primeiros mas) últimos das coisas. Quanto a mim, não tenho já outra linha pessoal de conduta senão esta: «crer no Espírito» — no Espírito, valor supremo e critério das coisas — no Espírito, organizador vivo e amoroso do Mundo. Confie-se ao Mundo animado por Nosso Senhor,

[20] Acerca de Le Chambon, propriedade de Marguerite Teillard, *cf. supra* p. 25.

e o Mundo salvá-la-á. Penso que, como no Evangelho, as águas movediças nos conduzem na medida em que ousamos caminhar sobre elas, desde que seja na direcção e no amor de Deus. Caminhe bem direita, sem hesitar, e verá que, seja embora metro a metro, o nevoeiro acabará por se dissipar. Mas, evidentemente, peça a Deus que a ajude. Ao longo de toda a nossa vida, trava-se esta espécie de luta entre nós e as coisas: ou elas vencem, e acabaremos dissolvidos nelas, ou então nós é que as absorveremos e assimilaremos. Cabe ao mais forte, isto é, ao mais uno, isto é, ao mais espiritual, isto é, finalmente, ao mais unido a Deus. — Pràticamente, espero que as suas sombras se tenham já dissipado, e que chegue a passar alegremente e frutuosamente os seus dias à beira do Loire [21].

...[22] Que força louca e estranha é o coração! Em parte alguma se sente a vida mais rica, mais nascente, e mais turva. Como transfigurar isso sem o empobrecer? É todo o segredo da Criação. — Andámos quase sempre de automóvel: em Aubrac, no Aveyron; e passámos mesmo de novo em Salers [23], onde senti a sua falta...

Por aqui tudo corre normalmente, segundo me parece. Penso ir a Ariège [24] no princípio da próxima semana.

Todo seu

P. Teilhard, S. J.

---

[21] No solar de Voulte, em casa de Madame de Polignac, nas margens do Loire.

[22] Omite-se aqui uma linha do manuscrito.

[23] *Mlle* Zanta passa alguns dias de repouso em Salers, no Cantal.

[24] Em Ariège, Montesquiou-Avantes, Saint-Girons; *cf.* a carta seguinte.

Les Espas. Montesquiou-Avantès
par St-Girons. Ariège
1 de Setembro de 1928

Querida Amiga,

Ainda lhe não agradeci a sua boa carta «de Salers», que recebi antes de sair de Chambon. Alegrou-me receber assim a prova de que o seu santo optimismo acabou por romper as nuvens que a ofuscavam. Penso que, na verdade, para vencer o Mundo, não há melhor meio (está, de resto, no Evangelho): crer enèrgicamente que o Universo é bom e que são boas as suas potências, desde que os tratemos laboriosamente e fielmente no sentido em que as coisas se tornam melhores e mais unas. O erro está em imaginar que tudo é naturalmente, inicialmente, estàticamente bom. A verdade está em ver que tudo cede no sentido, e sob a influência, da Beleza e da Bondade. Tal é a face interior da Evolução...

Cheguei aqui na terça-feira, a tempo de ver Breuil durante 48 horas e dele receber alguns preciosos conselhos. Agora estou quase só, no meio duma grande calma, entre pequenas colinas calcárias, perfuradas de mil grutas povoadas dum mundo pré-histórico — face aos Pirinéus: marcam a fronteira da Espanha altas cristas graníticas, nuas, precedidas de grandes outeiros arborizados à maneira do «Bois du Roi». Aproveito este isolamento recolhido para fixar algumas ideias, destinadas, talvez, a *Scientia* [25]. Não sei bem o que valem estas pági-

---

[25] *Le Phénomène humain*, de que trata na carta seguinte.

nas. Em todo o caso, ficarei aqui até que estejam terminadas. E depois retomarei o caminho de Paris (Rue du Regard, 5), onde penso chegar por volta do dia 10. Quanto ao mais, nada de novo. A minha apreciação de Le Roy, com o pseudónimo de Max Bégouën, foi dado um lugar de relevo em *La Vie Catholique* de 17 de Agosto [26]. Uma pedra em de Sinéty [27]...

Adeus, e que o Senhor esteja connosco.
Respeitosos cumprimentos à condessa [28].
Seu

P. Teilhard, S. J.

5, rue du Regard, Paris VI
28 de Setembro de 1928

Minha querida Amiga,

Ainda não respondi à sua carta de 9 de Setembro, que já me não apanhou em Ariège, e que recebi aqui,

[26] «La pensée dans la science», com o pseudónimo de Max Bégouën, publicado em *La Vie catholique en France et à l'Étranger*, 5.º ano, n.º 203, sábado, 18 de Agosto, p. 5, e consagrado à obra de Edouard Le Roy, *L'exigence idéaliste et le fait de l'évolution* (Paris, 1927).

[27] Omitem-se duas linhas do manuscrito.

[28] A condessa Melchior de Polignac.

onde estou desde o dia 12. Gostaria de lhe ter dado há mais tempo notícias minhas. Mas, depois, a agitação de Paris, mesmo dum Paris quase vazio, apoderou-se de mim logo desde o início. Desejo, em todo o caso, enviar-lhe algumas linhas de amizade e de notícias antes do seu regresso a Neuilly.

No fundo, não há grandes notícias. Desde o meu regresso aqui, entreguei-me de novo à redacção de uma memória que gostaria de deixar quase terminada ao partir. O trabalho está neste momento muito adiantado, mas preciso de contar com um fotógrafo e com o sol, e nenhum deles é regular. Por outro lado, é preciso que me ocupe a preparar a partida, que será muito provàvelmente logo nos primeiros dias de Novembro. Ainda não sei (nem posso sabê-lo) quanto tempo vai durar esta nova ausência. Mas, pelo que diz respeito às intenções da minha Ordem, parto exactamente nas mesmas condições das primeiras vezes, isto é, por um período limitado. O resto dependerá do estado político da China, e também dos meus achados eventuais.

Quanto a pessoas, vi em Paris dois dias Marguerite, que deve ter regressado esta manhã da Voulte. Vi também Le Roy, que chegou há pouquíssimo tempo. O seu segundo tomo (sobre o Homem) vai aparecer dum momento para o outro [29]. Que pena que este livro não seja duas vezes mais breve e não duas vezes mais nervo! Por meu lado, escrevi (como já lho disse, creio eu) uma dezena de páginas sobre «O Fenómeno humano»: acabo de enviá-las para Lovaina para «revisão». Gostaria de

[29] Édouard le Roy, *Les origines humaines et l'évolution de l'intelligence*, Paris, Boivin, 1928.

publicá-las na revista *Scientia*. Mas não faço uma ideia exacta do que a sua leitura poderá despertar como reacção em pessoas não familiarizadas com as ideias que apresento: pergunto a mim próprio se isso não parecerá um pouco louco.

De resto, continuo a convencer-me de que nada vale nem se pode construir senão pela e na fé no espírito. Mas também avalio, ao mesmo tempo, como é difícil trazer a este ponto de vista certas inteligências e certas sensibilidades. Esta dificuldade não deve, de resto, provocar em nós outro resultado senão excitar-nos a uma fé maior, não é verdade?

Espero que passe horas doces e fecundas entre os vinhedos da Gironda [30]. Sei que não deixará de me informar do seu regresso a Neuilly.

Todo seu

P. Teilhard, S. J.

Obock, 24 de Janeiro de 1929

Queridíssima Amiga,

Estou aborrecido comigo mesmo, e muito, por não ter ainda respondido à sua tão amável carta de 24 de Novembro. Nem sequer lhe mandei os votos de bom Ano Novo. E, todavia, por voltas do primeiro de Janeiro, senti-me profundamente transportado, pela saudade, a essas queridas reuniões com que celebrámos, sempre que me

[30] *Mlle* Zanta encontra-se em casa de amigos, na Gironda.

encontrava em França, a partir de 1920, o fim de Dezembro. Não duvide nunca da fidelidade, nem do crescimento da minha amizade.

Aqui estou a uns doze dias do meu reembarque. A minha viagem por Somália-Etiópia acabou, como tinha começado, no velho Obock [31], cheio de boas recordações. Imagine uma velha casa enorme, situada entre o mar verde ou verde-fosforescente que nos vem bater nas muralhas, e uma imensa extensão dourada, desértica, limitada a oeste por altas cumeadas roxas. Situe, à volta desta residência, uma vintena de palhotas *dankalis*, e suponha um arranjo que, com excepção de alguns reposteiros postos outrora por *Mme* de Monfreid, se parece com uma cabana de pescador e uma ponte de barco. Faça uma ideia de mim, deste seu criado, de alpergatas, calças caqui e camisa sem mangas. Eis a situação — e o símbolo da vida que levo desde há quase três meses. A sorte tem as suas desforras...

Em suma, tudo corre bem. Fìsicamente, estou quase tão queimado como o próprio de Monfreid. Cientìficamente, fiz algumas belas descobertas em geologia e em pré-história. Moralmente, depois de um período de eclipse na agitação material, parece-me que estou bastante em forma: o que quer dizer que percebo, com uma intensidade suficiente, «o gosto de ser». Uma vez mais, o grande Poder animador, ao qual é tão bom a gente confiar-se, parece ter harmonizado maternalmente à minha volta as

[31] Convidado por Henri de Monfreid, o P.e Teilhard passa dois meses na Somália Francesa, de fins de Novembro de 1928 a princípios de Fevereiro de 1929. *Cf. Lettres de voyage, op. cit.*, pp. 111-118.

forças interiores e exteriores do Mundo. Não há dúvida de que é um estímulo para continuar, não acha?

Não lhe darei muitos pormenores sobre a série das minhas deslocações na região. Seria um pouco longo, e de pouco interesse para si seriam as minhas descrições, pois não conhece o país. Basta dizer-lhe que assentei bases ou permaneci em zonas muito diversas: desertos queimados da costa, mato de Afar, ainda povoado de grandes antílopes, elevado planalto de Harrar (2 000 metros), onde estava quase frio, de noite, nos campos de *doura* e nos grandes e gordos eufórbios em candelabro, vale de Errer (a sul da cidade de Harrar), onde estive um mês, entre os cafèzeiros, as bananeiras, os papagaios, os tucanos, os macacos, em frente à selva enorme, ainda muito misteriosa, do Sul. Todo este país tão novo, visto com o meu amigo de Monfreid (entendemo-nos cada vez melhor, ele e eu, para a apreciação fundamental do Universo e a simplicidade exterior da vida), apareceu-me imediatamente como um mundo novo para mim. Pergunto-me se não acabarei por cá voltar. É menos longe do que a China, no fim de contas (E, todavia, coisa curiosa, isso não me impede de sentir uma espécie de nostalgia da Mongólia...)

Quando de novo desço ao fundo de mim mesmo (desde há três meses, confesso-lhe, quase nada me resta, além do breviário, senão a oração interior e a «missa sobre o Mundo»; mas isso não me incomoda, bem o sabe — ou, antes, isso *repousa-me)* — quando me recolho um pouco, desse modo, dou-me conta de que o meu pensamento continua a caminhar e a organizar-se, silenciosamente. Agora, «o Espírito» tornou-se para mim, de maneira assaz estranha, uma coisa toda real, a única real, não em consequência duma espécie de «metafisicização» (!?) da Matéria, mas em consequência duma «fisicização» do Espírito. Todos os atributos, energéticos ou históricos, que desde há 150 anos a ciência tem acumulado sobre a Matéria, vejo-os passar, transpondo-se, para o Espírito. O Universo, aos meus olhos, através de toda a sua organização experimental (e os prolongamentos desta), não desce para o homogéneo e o mais provável; o seu equilíbrio está em cair laboriosamente (se assim se pode dizer) para o pessoal, o diferenciado, o consciente. A «consciência» (isto é, a tensão de união e de desejo) tornou-se-me no «elemento fundamental», na própria textura do real, no verdadeiro «éter»; e a corrente «para a maior consciência» parece-me dever deslocar fìsicamente a corrente da «Entropia», na sua dignidade de corrente que exprime «a rota universal». Toda a física actual da Matéria não passa do estudo dum *redemoinho.* (Bergson disse quase a mesma coisa, mas não completamente, parece-me: espírito e matéria, para ele, não são duas potências inversas, mas de valor cósmico quase igual?) De qualquer maneira, as almas, e a Alma das almas, apresentam-se aos meus olhos como tomando cada vez mais figura de coisas consistentes e reais. Dissolver uma alma parece-me, com toda a sinceridade, muito mais difícil do que desintegrar um átomo. A alma é introduzida, pela sobrevivência, sem dúvida alguma, em organizações de que não podemos falar, como acerca das qualidades divinas, senão por analogia; mas a alma, quanto mais centrada for, mais estável será, da própria estabilidade do Universo. Já me interroguei se, com estas maneiras de ver, eu não procurava, simplesmente, um artifício para salvar um dado que me era imposto pela

Fé cristã. Não o creio, de verdade. Sem dúvida, não teria talvez chegado a estas perspectivas sem a educação religiosa que recebi. É uma coisa inestimável, de resto, sentir-se a gente em conformidade com a enorme corrente filosófico-moral cujo eixo é o Cristianismo. Mas, posto isto, parece-me que, ainda mesmo que agora desabassem todos estes sólidos esteios, eu não poderia ver de maneira diferente daquela que vejo.

Faço votos por que Vittoria Colonna não tarde a aproximar-se da sua segunda entrada no mundo, e que a si tudo lhe corra bem, fìsicamente, moralmente e materialmente. Dê-me notícias, quando tiver oportunidade. Partindo de Djibuti no dia 4 de Fevereiro, estarei em Tientsin nos primeiros dias de Março. Se me escrever, não se esqueça de pôr «via Sibéria».

Todo seu *in Christo*

P. Teilhard, S. J.

Mil saudades a Donnay [32] — e à sua pequena família. Continue a pôr-se, todos os dias, de manhã, sempre

[32] Maurice Donnay é um frequentador assíduo da casa de *Mlle* Zanta, desde que junto dela se veio informar sobre a sua peça *Les éclaireuses*. Num artigo do 1.º de Outubro de 1917 («Le déjeuner», *Revue des deux mondes*, ano 1917, t. 5, pp. 481-511), Donnay (na Avenida Madrid chamavam-lhe familiarmente «Oncle Maurice») refere-se ao «acolhimento irradiante» de «*Mlle* Lanéo», «a doutora», «cristã e metafísica»: «Duma sensibilidade extrema, duma caridade ardente, duma vontade estóica, com um rosto cheio de cor e juventude, embora emoldurado por cabelos já brancos, olhos alternadamente risonhos e graves, e as mãos de

que possa, em contacto e em conformidade com o Único Agente e o Único Necessário!... É a grande fonte.

Pequim, 15 de Abril de 1929

Queridíssima Amiga,

Ainda não respondi à sua longa carta de 15 de Março (escreva-me sempre *via Sibéria)*, e, todavia, ela sensibilizou-me infinitamente. Creio bem nunca ter conhecido alegria mais doce na minha vida do que sentir pensamentos, que são o mais caro de mim mesmo, passar para o coração e o pensamento de amigas como você. Obrigado por me ter dado essa felicidade. E, depois, naturalmente, não se fique por mim: esforcemo-nos por levar mais avante o nosso caminho nesta «Terra nova» da espiritualização da Matéria. Veio-me a ideia de que se poderia escrever uma exposição intitulada: *Le troisième Esprit* — quer dizer, o espírito de divinização do Mundo, oposto ao que se chama «o Espírito de Deus» e o «espírito do Mundo», por uma alternativa demasiado simplista. É pouco mais ou menos a inscrição que eu tinha posto outrora (em 1916) ao cimo do meu primeiro papel que alcançou alguma celebridade: «Há uma comunhão com Deus, e uma comunhão com a Terra — e uma comunhão

dedos finos e longos de espiritualista, era uma espécie de elo entre a realidade verdadeira, para utilizar a sua linguagem, e a realidade das aparências» *(op. cit.*, p. 510).

pela Terra com Deus [33]». Suponho, a propósito, que não é sem razão que considera Bergson insuficiente na sua interpretação da Matéria. Esta insuficiência deve provir do facto de que ele pretendeu demasiadamente manter-se, embora sendo filósofo, num simples registo das aparências, sem procurar uma explicação total. Quanto a mim (porventura já lho escrevi em Janeiro), acabo por não mais poder imaginar o Mundo, mesmo fisicamente, senão sob a forma dum imenso movimento de espírito. Penso escrever algumas páginas sobre este assunto: «A Física (não a Metafísica!) do Espírito».

Entretanto, acabo de redigir, desde domingo, algumas páginas elementares, mas substanciais, sobre o tema seguinte: «Que pensar do Transformismo?» Pediram-mas instantemente para um Boletim muito lido pelos missionários da China — com vista a orientá-los no uso dos manuais escolares chineses. Se a prosa passar na censura, enviar-lha-ei, e talvez a faça inserir na *Revue Pratique d'Apologétique* (Instituto Católico de Paris) [34].

Como vê, estou a escrever-lhe de Pequim, onde passei cerca de três semanas das seis que já levo na China, depois que voltei. É que, pelo desenvolvimento natural

[33] Este «primeiro papel» é *La Vie cosmique*, depois editado em Teilhard de Chardin, *Écrits du temps de la guerre* (1916-1919), Paris, Grasset, 1965, pp. 1-61.

[34] O artigo intitulado «Que faut-il penser du transformisme?» aparecerá nos *Dossiers de la Commission synodale*, Pequim, vol. 2, Junho-Julho de 1929, pp. 462 469, e, no ano seguinte, na *Revue des questions scientifiques*, Janeiro de 1930, 4.ª série, t. 17, fasc. 1, pp. 89-99. Foi reeditado nas *Oeuvres* de Teilhard, Paris, Seuil, 1957, pp. 213-223.

das minhas relações, e também dos acontecimentos na China, sou levado a colaborar cada vez mais intimamente com o Serviço Nacional Geológico Chinês. É mesmo possível que em fins de Maio inicie uma viagem (de dois ou três meses) com um chinês deste Serviço, e não com o meu amigo Licent. Talvez aqui esteja uma mudança bastante séria da minha vida. Não sei muito bem onde me conduz «o fio da minha vida». Gosto muito de Pequim, que me recorda Paris (com muito menos gente amiga...) Sinto-me aqui bem, porque encontro pessoas originais e activas em todos os domínios, e porque, no isolamento relativo em que nos encontramos, uns e outros, a gente fala naturalmente com muita franqueza e intimidade. E, depois, agrada-me o quadro, pela sua serenidade quase cínica. O mundo e a China podem estremecer duma ponta à outra: Pequim permanece imutável, sob o céu azul, entre as suas flores brancas, no meio da sua enorme poeira. Em Tientsin também me sinto bem: mas é o retiro calmo, onde se pensa e se reza, numa discreta regularidade. No fundo, depois de seis meses a viajar, gostaria bastante de um pouco de calma: mas nem pensar nisso antes do Outono.

Em suma, tudo corre bem. Este inverno atravessei uma crise bastante forte de antieclesiasticismo, para não dizer de anticristianismo. Mas, enfim, este sobressalto funde-se agora num sentimento mais largo e mais pacífico. Pois que a minha regra de apreciação e de prática tende a ser cada vez mais a seguinte: «Crer no espírito», seria bem injusto da minha parte olhar precisamente a Igreja como a única coisa no mundo que o não tivesse. Sinto-me inclinado a crer que a origem da maior parte das nossas fraquezas se deve procurar no facto de não

«acreditarmos», nem até ao fim, nem com bastante largueza: deixar de crer um segundo demasiado cedo, ou crer num objecto mas não o bastante, isso pode ser suficiente para arruinar todo o edifício por nós construído.

Escreva-me de tempos a tempos: isso faz-me bem, ao coração e ao espírito. Muita coragem para a Vittoria e para Santa Odília [35].

Todo seu

P. Teilhard, S. J.

Cumprimentos a M. Donnay.
Mil saudades à pequena família.

Duma pensão, no fundo do Shansi
23 de Agosto de 1929

Queridíssima Amiga,

Uma chuva teimosa, o terror de quem viaja por aqui a cavalo, retêm-me numa pensãozita reles do Shansi. Sobre as colinas cónicas de terra amarela *(loess)* que nos cercam, deslizam lentamente as nuvens negras, inundando excessivamente os campos, que pendem quase em vertical, e onde crescem o milho miúdo e o sorgo. Que fazer

[35] Além do estudo sobre Vittoria Colonna, *Mlle* Zanta preparava a obra que aparecerá em 1931: *Sainte-Odile*, col. «Les pèlerinages», Paris, Flammarion. *Cf.* a carta de 14 de Dezembro de 1929, *infra*, p. 120.

de melhor do que transformar este tédio universal das coisas numa deliciosa conversa longínqua consigo? Tive tão pouco tempo para o fazer, há mais de quatro meses; e devo responder à sua tão amável carta de segunda-feira do Pentecostes, que me chegou às mãos em Tientsin quase no momento em que de lá saía.

Exteriormente, são as seguintes a minha situação e as minhas ocupações. Depois de um mês de Maio, passado, mais ou menos, com o meu colega P.e Licent na Manchúria (avancei, ao longo do Transiberiano, até à fronteira da Sibéria — 9 dias de Paris...), parti de novo, em meados de Junho, para uma segunda viagem mais séria, desta vez, como «conselheiro honorário» do Serviço Geológico Chinês, com papéis do Governo de Nanquim, e na companhia de um geólogo chinês [36]. Arranjámos uma pequena caravana de seis machos, e assim vagueamos há dois meses, através das montanhas do Shansi e das areias meridionais do Ordos. Nesta altura regressamos a Pequim, mas por um circuito bastante longo. Penso estar de novo em Tientsin pelos fins de Setembro. Óptimos resultados científicos. Não foi sem alguma apreensão que me tinha decidido, em Abril, a «passar aos chineses». Finalmente, felicito-me por isso. E espero que o êxito faça engolir a pílula mais fàcilmente aos meus superiores da Europa — os quais, creio eu, tiveram a impressão de que eu agia, nas minhas decisões, de uma maneira um pouco autónoma. Mas como consultá-los de tão longe?

[36] C. C. Young, jovem geólogo chinês, director adjunto do «Laboratoire de Recherche Cénozoïque», ao qual o P.e Teilhard acaba de ser associado. *Cf.* George B. Barbour, *Teilhard de Chardin sur le terrain*, Paris, Seuil, 1965, p. 29.

A Providência, que vela sobre mim de uma forma paciente e comovedora, quis que o meu amigo, o reitor de Tien Tsin [37] (que é inteiramente por mim), fosse precisamente à Europa no último mês. Penso que terá arranjado todas as coisas, se fosse necessário. Com tudo isso, como é que se me desenha o futuro? Não saberei dizê-lo muito bem. Vejo à minha frente muito trabalho de laboratório em Tien Tsin e em Pequim para este Inverno — e sem dúvida uma viagem na Primavera de 1930. Gostaria imenso de em seguida voltar à França. Mas isso é ainda vago. Virei a ser levado, pela força dos acontecimentos, a estabilizar-me na China, empreendendo frequentes viagens à Europa?... É o que pergunto, por momentos, a mim próprio. E, no entanto, não quereria ainda renunciar ao sonho de uma acção estável em Paris. No fundo, tudo depende da evolução das minhas relações *oficiais* com Roma; e receio bem que nunca chegarei a reaver, por este lado, uma «virgindade».

Sublinhei «oficiais», porque, do lado *interior* e profundo, parece-me que lhe posso assegurar que não tem razão para se inquietar a meu respeito. Parece-me ter definitivamente, nestes últimos tempos, «emergido» moralmente da minha Ordem, no sentido de que tenho agora a impressão de a dominar e de a julgar (sem sombra alguma de vaidosa superioridade, creio eu; mas simplesmente porque me tornei, de alguma forma, adulto ou

[37] O superior do P.e Teilhard é o P.e Auguste Bernard, reitor dos Altos Estudos de Tien Tsin de 3 de Julho de 1925 a 27 de Junho de 1931, data em que será substituído pelo P.e René Charvet.

maior). Mas além disso, ainda que por razões bastante diferentes das da minha juventude, encontro-me profundamente e cordialmente ligado a ela (como ao meu ponto de inserção natural no Universo); e, salvo o caso (muito improvável) em que me visse encurralado numa deslealdade intelectual, estou decidido a permanecer-lhe fiel, custe o que custar. É para lhe dizer que, graças a Deus e aos meus amigos, espero ter vencido, sem quebra, a curva do ano passado, que certamente marcou um ponto crítico na minha vida intelectual e sentimental. Sem ilogismos interiores, creio ter pràticamente integrado, numa atitude cristã conveniente, tantos elementos (pouco cristianizados ainda) que pouco a pouco se me tinham descoberto como factores essenciais da minha vida. O mesmo é dizer que estou em paz, realmente, com a Igreja, tal como com Deus.

Talvez me diga que é fácil manter esta paz quando alguém se passeia, como eu, fora do alcance de todos os atritos eclesiásticos penosos. É possível. Vou-me aproveitando enquanto espero. Há dois meses recomecei a levar esta vida (familiar desde a guerra), em que o meu melhor alimento religioso (com uma missa real de longe em longe) é esta missa mental «sobre o Mundo», na qual você está sempre presente e de que tantas vezes lhe falei. Aprofundo-a e reelaboro-a sem cessar, a esta missa. Se tiver tempo, dar-lhe-ei, no próximo Outono, uma nova forma. Aproxima-se agora, suponho eu, da perfeição que sou capaz de lhe dar.

Quereria estar junto de si, *na* poltrona, para lhe explicar uma outra coisa ainda: refiro-me ao extraordinário desenvolvimento que toma, nas minhas construções intelectuais, a noção ou valor de «pessoa». Depois de ter

operado, desde há cerca de dez anos, esta viragem bem simples das ideias sobre o Mundo que consiste em procurar a consistência do Universo, isto é, da Evolução, para a frente, no Espírito (e não para trás, na Matéria), dou-me conta destoutra verdade elementar — que o Espírito não poderia consumar-se senão em personalidade (ou hiperpersonalidade). E, assim, o problema fundamental da Acção («Como justificar diante da consciência reflectida, hominizada, o valor e o gosto do progresso?») reduz-se ao da Personalização («Como salvar a personalidade humana individual, e como conceber uma personalidade do Universo?»). Em virtude disto, encontro-me na posição de dar o primado (no Universo) à alma imortal e ao Cristo-ressuscitado; isto quer dizer que encontro exactamente a perspectiva cristã, mas *enxertada* (como o deve ser) numa perspectiva evolutiva universal. Não é a pessoa, por conseguinte, uma espécie de absoluto plural e artificial. Ela é o fruto-unido dum imenso labor de concentração. Evolução = espiritualização = personalização. E, para voltar à minha «missa», a grande significação do Cálice (o grande valor do sofrimento *divinizado)* está em exprimir a dupla ruptura preliminar requerida para a unificação (personalização) suprema: ruptura (de alguma sorte) no Criador, para admitir a criação n'Ele; e ruptura na personalidade das criaturas, para entrarem em Deus. De igual modo, se o Universo deve, *pela estrutura do Ser,* consumar-se em «pessoa», é preciso alguma *Revelação* da Pessoa-Centro às «pessoas-elementares»; visto que ninguém pode penetrar no interior do Centro senão o próprio Centro. Apenas Cristo, que *se sente,* pode salvar

dizer do labor universal: *Hoc est Corpus meum.* E assim por diante.

Muitas vezes, nestes últimos quinze dias, sou levado em pensamento ao mês de Agosto do ano passado: Lioran, Puy Mary, Salers. Oxalá pudéssemos sempre, boa amiga, escalar os altos cumes, apoiando-nos um no outro!... Foram dias deliciosos. Onde descansa, neste momento? E que se passa no pobre Chambon? As últimas notícias que tive da Europa datam do mês de Junho. Nada mais soube de Cécile nem de Marguerite [38], nem tão-pouco da minha família, onde se esperava, desde Julho, um nascimento melindroso. E ainda não saberei nada durante o próximo mês. Estes longos silêncios são um dos maiores dissabores deste meu tipo de viagens [39]...

E, a sós comigo, penso muitas vezes que o Mundo, não apenas físico mas também moral, é infinitamente mais vasto, e mais *inexplorado,* do que pensam os tranquilos moralistas, tão seguros da geometria dos seus princípios.

Escreva-me algumas vezes, minha amiga. E tenha a certeza da minha grande dedicação *in Christo.* Muitos respeitos e saudades a Donnay.

Seu

P. Teilhard, S. J.

---

[38] Cécile Teillard-Chambon, e a sua irmã mais velha Marguerite (Claude Aragonnès), primas do P.e Teilhard. Sobre a família Teilhard, *cf.* o quadro genealógico apresentado em *Genèse d'une pensée, op. cit.,* p. 31. (Trad. port. *Génese dum pensamento,* Livr. Morais Ed., Lisboa, 1966, p. 27).

[39] Omitem-se sete linhas do manuscrito.

The National Geological Survey of China
14 de Dezembro de 1929

Muito querida Amiga,

Lamento o atraso com que lhe envio os meus votos para 1930. Mas temos bastante confiança um no outro, agora, para que não duvide de que, nesta altura, a minha oração quotidiana por si, junto de Deus, é mais calorosa e mais instante. Sim, um Novo Ano bom e fecundo, aconteça o que acontecer, na grande e pacificante intensidade da Omnipresença divina. Ensinar-lhe-ia alguma coisa de novo, se lhe dissesse que a sua indubitável amizade, porque é força sem mistura, me é cada ano mais preciosa? Peço-lhe que ma guarde bem.

Recebi, pelos meados de Novembro, a sua boa e longa carta de 13 de Outubro — toda cheia de coração e de sabedoria. Gostei de saber que tinha escrito uma *Sainte Odile* [40] (passei algumas horas no convento, em excursão geológica, em Setembro de 1925). Mas também gostaria de saber que já lhe passou o cansaço. Espero uma palavra sua, lá para fins de Janeiro.

Que dizer-lhe de mim? Depois que regressei desta viagem, passei quase todo o tempo em Pequim, no Serviço Geológico. Apenas três semanas em Tien Tsin. Por causa do museu do meu colega Licent, ao qual devo dedicar alguns cuidados, não poderei continuar este regime durante todo o Inverno. E, além do mais, faz-me

[40] *Cf.* a carta de 15 de Abril de 1929, *supra*, p. 114.

falta a calma de Tien Tsin. Mas ele é de opinião que a minha actividade se desenvolva cada vez mais aqui, entre os Chineses, onde não escasseia o trabalho interessante, bem como a satisfação de colaborar numa importante organização. A minha Ordem encara favoràvelmente esta situação (exceptuando um pouco, como é justo, Licent). Quereria, no entanto, escapar-me para a França, pelo menos durante alguns meses, pelos fins de 1930. Mas esta ideia ainda não foi submetida às autoridades de que dependo. No fundo, nunca me senti tão calmo como agora. Tende a acentuar-se a impressão de «evasão interior» para fora de todos os quadros exteriores aparentemente mais incómodos (impressão a que aludia, sem dúvida, a minha última carta): de tal maneira que, no meio das manifestações de tacanhez de espírito contra as quais outrora me revoltava, me sinto independente, como se «isso não me atingisse». Não se trata de orgulho, parece-me, nem de desprezo — nem tão-pouco de santidade: mas simples desvanecer do que se vê ser irrisòriamente caduco diante das grandes Realidades universais. E então (consequência um tanto inesperada mas lógica), chegado ao ponto de as bizantinices da minha Ordem e mesmo da Igreja não me tocarem senão ao de leve, encontro-me muito mais livre para apreciar o seu maravilhoso tesouro de experiência religiosa e o seu poder único de divinização. E sinto-me mais em paz do que nunca, se bem que a nível diferente, por ter passado «a prova do fogo» [41].

Intelectualmente, a geologia absorveu-me de tal ma-

[41] Alusão ao romance publicado por *Mlle* Zanta, *La part du feu*, Paris, Plon, 1927.

neira que ainda não tive tempo para redigir um estudo, agora quase amadurecido, sobre a «Energia espiritual» (considerada como uma nova secção em que se deve desdobrar a Física): não é mais do que um prolongamento das minhas ideias, já suas conhecidas, sobre a «Noosfera». Ainda esperei um momento que viesse à luz um artigo bastante volumoso sobre os Fundamentos da Evolução (escrito em 1926). A *Revue des Questions Scientifiques* (Lovaina) tinha-me sondado para obtê-lo. Tudo estava preparado, mas depois, no último momento, a censura diocesana de Malines interpôs o seu veto! Para se vingar, a Revista vai citar *in extenso* um artigo muito mais curto, mas substancial, que me recolheram *aqui*, numa pequena revista publicada pela Delegação Apostólica de Pequim [42]. Também de Lovaina me tinham escrito (em Julho) para me dizerem que ia ser impresso *Le Milieu Divin*. Mas, depois, nada apareceu [43]. Sem dúvida que levantaram alguma dificuldade, por este lado, também. — Não vi o livro de Vialleton [44]. Não deve passar da mesma crítica negativa e do mesmo nominalismo vago de sempre, creio eu. — Vale mais a pena construir do que discutir em vão (sobretudo se os censores não permitem responder). Acaba de ser descoberta, junto de Pequim, nas grandes escavações em que tenho colaborado muito

[42] *Cf. supra*, p. 112, a carta de 15 de Abril de 1929.

[43] No dia 8 de Julho de 1929, o P.e Charles escrevia ao P.e Teilhard, dizendo-lhe que *Le milieu divin* ia ser impresso e que «todos os revisores foram muito favoráveis». *Cf.* a este propósito *Lettres de voyage, op. cit.*, pp. 148-149.

[44] Louis Vialleton, *L'origine des êtres vivants, L'illusion transformiste*, Paris, Plon, 1929.

de perto, a maior parte dum crânio que parece estabelecer exactamente a transição entre o Pitecantropo e os Homens de Neanderthal. Por certo verá a notícia aparecer nos jornais e nas revistas. E aí está uma boa dificuldade para os teólogos!

Tenho andado um pouco aborrecido por causa de Marguerite. Deprimida pela crise de Cécile, parece ser cada vez menos capaz de superar o mal da separação. Isto faz-me sofrer, tanto mais que me sinto um pouco responsável pela nossa tão grande amizade [45]...

Todo seu. — Não se esqueça de mim.

P. Teilhard, S. J.

Tien Tsin, 7 de Fevereiro de 1930

Como agradecer-lhe devidamente, queridíssima Amiga, a sua sólida e afectuosa carta de 7 de Janeiro, que recebi esta tarde! Li-a com alegria; e, como habitualmente, tal como quando descia as escadas da sua casa (geralmente atrasado), para me precipitar sobre a Porta Maillot, dela tirei uma pura impressão de doce força. Muito obrigado, infinitamente. Puy Mary, está bem: é uma boa recordação e um belo símbolo. Mas, na realidade, é bem verdade que me apoio em si, como não pode deixar de o reconhecer; e não apenas você em mim.

Que dizer-lhe de mim e da China? Nada de especialmente novo, desde a minha última carta. Metade do

[45] Omitem-se quatro linhas do manuscrito.

tempo passou-se em Pequim (onde tive um Natal muito alegre em casa de uns amigos americanos), a outra metade em Tientsin. Em Pequim, o *Sinanthropus* ocupou-me muito tempo, pois estou encarregado de o «apresentar» do ponto de vista geológico [46]. Encontrei em Tientsin uma calma relativa, e vali-me da ocasião para escrever uma vintena de páginas sobre um assunto de que me tenho ocupado vai para quatro anos: *le Phénomène humain*. Parece-me que este último ensaio, por breve que seja, representa um progresso sensível sobre os precedentes. Quis enviá-lo, de qualquer maneira, para Lovaina. Mas mais uma vez verifiquei, na verdade, como é importante na vida saber aproveitar as ocasiões à medida que se apresentam. E mais nada de comum, quanto a tranquilidade, entre este Inverno e o de 1926-27, em que vivi num ambiente suficientemente calmo para poder escrever *Le Milieu Divin!* Parece-me que nunca reencontrarei um oásis semelhante. Desde que trabalho no Serviço Geológico de Pequim, o meu tempo na China é quase tão ocupado como no *Muséum*, com a diferença, infelizmente, de que não existe a substancial excitação espiritual de Paris...

Como há poucos dias dizia numa carta a Marguerite, definem-se um pouco os meus planos para o futuro imediato. Depois de uma modesta viagem de Primavera e Verão, quereria (se me vier licença de Lião: escrevi a pedi-la) passar o Outono (sòmente!...) em Paris, e, em seguida, voltar aqui, em Janeiro de 1931, para acompanhar na China o Cruzeiro Amarelo Citroën, no qual devo

[46] Sobre a descoberta do *Sinanthropus* em Chu-ku-tien, em Dezembro de 1929, *cf.* C. Cuénot, *op. cit.*, pp. 125-128.

ser *o* geólogo, representando o Serviço Geológico da China. Não sei se lhe deva confessar, boa Amiga, que em todas estas coisas (quero dizer, estas viagens pela China) avanço cada vez com mais tenacidade, com uma vontade talvez sempre mais funda, mas com a sensação de encontrar cada vez menos alegria... Sei que com isto a posso importunar, mas não encontro mais nada que lhe dizer para exprimir o que sinto: tenho a impressão de passar ao estado de «força», como se algo me tivesse expulsado de mim mesmo para tomar o meu lugar, e agora me impelisse para a frente. E nestes últimos dias, ao escrever a Marguerite, encontrei outra fórmula para exprimir a calma que em mim se estabeleceu neste Verão, a respeito de tantas coisas que me irritavam, e que agora olho com «doçura»: parece-me que, sem deixar de estar voltado para «Aquilo que *vem*», mas admitindo que esta Nova Coisa não pode nascer senão da fidelidade àquilo *que é*, me encontro agora «para além da revolta». A expressão é um pouco paradoxal, mas traduz bem o que sinto e as vias por onde passei.

Alegro-me, consigo, pela publicação de *Sainte Odile* [47]. — Que faz agora, se ainda tem tempo de fazer alguma coisa? — Saudades a Donnay. Convença-o a ler e passe-lhe tudo o que quiser. Continuo sem notícias do *Milieu Divin*, que devia ser impresso a partir do Verão... Outro imprevisto, provàvelmente. — Muito obrigado por me ter dado a notícia da morte do nosso bom Vialleton [48]: um excelente coração, apesar do seu espírito um pouco curto. Que pensará ele agora?... Terrível mistério, o do além.

[47] *Cf. supra*, p. 120.

[48] Louis Vialleton acaba de morrer, em Janeiro de 1930.

E que melhor maneira de nos prepararmos para ele do que servir apaixonadamente, por Deus e em Deus, este Universo, ao qual, uns a seguir aos outros, todos havemos de regressar!

Saudades e felicitações à pequena família.

Em breve darei mais notícias.

Seu amigo

P. Teilhard, S. J. [49]

Tien Tsin, 3 de Abril de 1930

Querida Amiga,

Recebi, há poucos dias, a sua longa carta de 6 de Março, que me serviu de doce estímulo, como habitualmente. Gostaria que recebesse esta minha carta antes da sua partida para Espanha, para que a acompanhasse, ao longo da sua agradável viagem, a certeza de que a minha recordação a seguirá fielmente pelo meio das maravilhas que a esperam. Vai enriquecer os olhos e a alma por entre os esplendores passados. Mas, se é exactamente como eu, ser-lhe-á impossível encontrar um verdadeiro repouso, ou uma verdadeira satisfação, nessas belezas, pois seria uma coisa intolerável revivermos no meio delas (uma vez que saíram de uma «alma» que há muito tempo abandonámos). O melhor prazer que me advém duma catedral gótica (um edifício maravilhoso, de resto) é a consciência «triunfal» de que o nosso espírito agora já se evadiu

[49] Omitem-se as duas linhas do *post-scriptum*.

das suas abóbadas, e isso duma vez para sempre! Não ousaria, outrora, escrever uma frase como esta (embora já exprimisse o que eu pensava sem ousar confessá-lo a mim mesmo). Mas, agora, creio que importa gritar o que é a verdade. É este um dos aspectos dessa invasão de mim mesmo pelo «Outro», de que já lhe falei: toda a «complacência» no Passado (mesmo cristão!), ou ainda no Presente, é uma coisa que se me tornou insuportável. E julgo que a posse dos espíritos e das almas será dada a quem melhor souber fazer ouvir este Evangelho (que é o autêntico eco, penso eu, do de Cristo): «Sempre para a frente». *No retreat.* — Comoveu-me profundamente o que me diz de Bergson. Rezo por esse homem admirável, que venero como uma espécie de santo. Escrevi a Auguste Valensin para que procure vê-lo, por meio de Le Roy e com ele [50]. Que se passa com este último e o seu livro sobre Deus? [51] Estou um pouco inquieto quanto a isso. Uma nova condenação seria um grave perigo para a corrente que o nosso amigo recomeçava a canalizar.

Quanto à minha vida, sempre o mesmo. Muito trabalho geológico, e falta de tempo suficiente para o pen-

[50] Na realidade, o P.e Auguste Valensin encontra-se com Bergson desde 1928; escrevia depois de um dos primeiros encontros: «Grande simpatia *recíproca;* muito diferente de Blondel: menos poder criador, mas menos mescla também; avanço seguro, sem hiatos, impecável» (cit. em *Auguste Valensin. Textes et documents inédits,* Paris, Aubier, 1961, p. 206; *cf.* também, pp. 296-297, e pp. 307-308, os extractos da homenagem publicada em Janeiro de 1941 em *L'Éveil de Nice* e em *La Croix,* alguns dias depois da morte de Bergson). Sobre os encontros com Le Roy, *cf. ibid.,* p. 249.

samento e a redacção. Uma coisa que me pediram e eu gostaria de fazer é uma espécie de exposição do Cristianismo para uso da Jovem China. Teria por título: «O lugar do Cristianismo no Universo» [52]. Seria preciso demonstrar 1.º) que a Religião corresponde a uma função essencial e contìnuamente crescente da Evolução universal, — 2.º) como é que o Cristianismo é, de facto, a única forma actualmente viável de Religião *(não obstante* o papel que atribui à Personalidade e a alguma Revelação, ou, para ser mais exacto, precisamente *por causa disso)*. Vejo quase com total clareza o que importa dizer. Mas quando terei tempo para o escrever? Entro numa fase sem tréguas de deslocamentos e agitação: viagem à Manchúria por voltas de 20 de Abril; depois, talvez uma viagem com a Expedição Andrews ao Gobi Oriental; em seguida, assim o espero, breve regresso à Europa pelo Outono (e a alegria de a ver de novo!); finalmente o Cruzeiro Amarelo. — Avanço cada vez mais perdido na Força que me conduz.

Não deixe de me manter ao corrente do que faz, escreve e pensa. Sabe perfeitamente quanto aprecio a sua simpatia e o seu apoio. Há muito que dizer e distinguir no que respeita à amizade comparada com o amor... Mas isso é melhor analisá-lo aí, no seu «quarto

[51] Alusão ao livro que Édouard Le Roy está preparando: *Le problème de Dieu. Cf.* a carta de 20 de Março de 1932, *infra*, p. 133.

[52] Não parece que esta «exposição» tenha sido redigida. Mas veio a ser o tema das conferências (hoje perdidas) que proferiu em Chadefaud, em Novembro e Dezembro deste ano: *Essai d'intégration de l'homme dans l'univers.*

de pensar», do que discuti-lo por correspondência. Marquemos esta conferência para o Outono, de acordo? Em todo o caso, mil votos de felicidades às duas noivas [53]. Tudo anda terrìvelmente depressa aí na casa ao lado!

Não tardarei a dar mais notícias.

Todo seu

P. Teilhard, S. J.

O famoso crânio de *Sinanthropus* cada vez se revela mais como elemento de primeira ordem — um facto sólido que vai incomodar sèriamente muitas imaginações antiquadas.

The National Geological Survey of China
22 de Agosto de 1930

Queridíssima Amiga,

Apenas algumas linhas para lhe agradecer a cartinha que me escreveu da Bretanha. Conheço essa embocadura do Rance: faz-me recordar o mês de Agosto de 1901, quando, jesuíta «em botão», pela primeira vez fui para Jersey, levado por essas expulsões que tiveram por última consequência o enviarem-me para a China e levarem-me a conhecê-la, o que não é pouco.

Penso sair de Pequim em 10 de Setembro, via Sibéria, e chegar a Paris pelo dia 25 de Setembro (avisá-la-ei imediatamente, embora o seu regresso não se dê, certamente,

[53] Marthe e Monique Gallichon, sobrinhas de *Mlle* Zanta.

antes de Outubro). Muitas coisas teremos que dizer um ao outro. Sinto-me menos jovem fìsicamente; mas parece-me que «vejo» agora melhor do que nunca, tão simplesmente, tão friamente, e tão apaixonadamente ao mesmo tempo! Far-lhe-ei uma exposição dos meus planos de construção interior, à falta de planos de irradiação exterior, de que sempre tenho sido tão minguado. Apesar de tudo, Lovaina *(Revue des Questions Scientifiques)* acaba de se arriscar com um pequeno artigo sobre o *Phénomène humain* [54], acerca do qual eu tinha sérias dúvidas se não me iriam considerar, lá na redacção, como um bocado louco. Isso pode facilitar alguns progressos, ao passo que o *Milieu Divin*, esse, parece bem enterrado. Devia ser impresso há um ano!

O que vale é que me fiz filósofo agora, não exactamente estóico, mas igualmente convencido da «inexistência» dos obstáculos humanos diante da marcha da verdade.

Seu

P. Teilhard, S. J.

Pequim, 20 de Março de 1932

Querida Amiga,

Lamento profundamente não ter ainda respondido, embora de regresso há um mês, às suas amáveis cartas

[54] *Cf. supra*, p. 122.

do último Verão, e à que me escreveu em 6 de Novembro. Se lhe não escrevi, no decurso destes meses, bem sabe que não foi porque o meu espírito ou o meu coração deixassem de estar consigo.

Que dizer-lhe, depois de um silêncio tão longo, senão que gostaria imenso de passar uma tarde inteira, sentado junto de si, a falar-lhe, desordenadamente, de países, de gentes, de ideias e de experiências novas? Isso acontecerá, assim o espero, no próximo Outono. Entretanto, quero que saiba que fiquei, no essencial, muito contente por ter acompanhado a Expedição [55]: pouquíssimas satisfações (no sentido superficial da palavra), aborrecimentos em todo o percurso, mas, à margem de tudo isso, o imperioso interesse de duplicar os meus conhecimentos sobre a Ásia. E, como sabe, este lado profissional das coisas é uma das partes substanciais da minha actividade: a paixão de investigar e de saber não é uma das expressões mais vivas da Religião e da Mística? Pelos jornais deve saber como a morte inesperada de Haardt [56], levado para Hongkong por causa de uma recaída da pneumonia que apanhou, penso eu, quando chegou a Pequim, acaba de pôr ponto final a todo este esforço um pouco espaventoso do Cruzeiro. Sinto profundamente não ter podido estar, no último momento, junto deste homem sinceramente generoso, que nessa altura, tenho a certeza, se havia de

[55] O «Cruzeiro Amarelo» (Maio de 1931 — Fevereiro de 1932). *Cf. Lettres de voyages, op. cit.*, pp. 145-166, e C. Cuénot, *op. cit.*, pp. 157-166. O P.e Teilhard encontra-se em Pequim desde 12 de Fevereiro.

[56] Georges Marie Haardt, organizador do Cruzeiro Amarelo, depois de ter dirigido o Cruzeiro Negro.

apoiar em mim. Por um sem-número de razões, não me foi possível acompanhar a Expedição à Indochina: e a desgraça sobreveio quando eu já lá não estava.

Para mim, com o súbito regresso à vida semi-religiosa, o período (longo, de resto!) que acabo de passar em viagens já me dá a impressão de um acontecimento longínquo. Mais uma vez não pude deixar de verificar que o meu ambiente «natural» é o ambiente «laico». Mas reintegrei-me, sem dificuldades, no mínimo de enquadramento eclesiástico em que a vida me colocou. Já não o tomo bastante «a sério» para que me faça sofrer profundamente. E, depois, tento convencer-me de que, menos profundamente inserido na Igreja, me encontraria menos apto para trabalhar em ordem a libertá-la [57]. Pouco depois da minha chegada, fiz um retiro de oito dias a fim de me restabelecer interiormente; em seguida, retomei o trabalho em Pequim, onde a minha presença é cada vez mais desejada e necessária para o Survey. De futuro, não vejo que me seja mais fácil deixar definitivamente a China do que Paris. Antes de reaparecer em França (antes do Inverno), não penso fazer senão curtas viagens. Acabo de regressar de uma delas. Depois, é cada vez mais difícil a circulação neste país.

Marguerite deve ter-lhe dito que, graças à minha ausência e a uma nobre defesa da minha Ordem (a qual, tenho as minhas razões para o pensar, teve mais em mente a sua própria reputação do que o meu bem pessoal), não parece que eu deva recear nenhuma reacção

[57] O prefácio do P.e de Lubac esclarece as dificuldades encontradas pelo P.e Teilhard e a natureza da sua reacção. *Cf. supra*, pp. 55-58.

desagradável a propósito da questão Le Roy. Sou da sua opinião quanto a lamentar que um cuidado excessivo de clareza e de lealdade lhe tenha feito dar (a Le Roy), na primeira parte do *Problème de Dieu*, um pretexto para condenar três livros e meio que me parecem inatacáveis [58], e para cobrir de suspeita as tendências e um espírito em que não posso deixar de ver a aurora do Cristianismo novo. Mas, pessoalmente, estou decidido a andar para a frente, exactamente como no passado. Para começar, vou procurar dar ao *Milieu divin* os retoques que me

[58] «A questão Le Roy» é a inclusão no Índex de várias das suas obras, pelo Decreto do Santo Ofício de 24 de Junho de 1931 (*A. A. S., 1931*, p. 330): *L'exigence idéaliste et le fait de l'évolution* (1927), *Les origines humaines et l'évolution de l'intelligence* (1928), *Le problème de Dieu* (1929) e sòmente o segundo volume de *La pensée intuitive* (1930). No total, «três obras e meia». O P.e Teilhard vê nas críticas das provas da existência de Deus (primeira parte do *Problème de Dieu)* a causa da medida tomada contra os outros livros de Le Roy. A propósito desta questão, escrevia ao P.e Valensin, em 13 de Março, portanto uma semana antes da carta a *Mlle* Zanta: «Suponho que a primeira metade de «La connaissance de Dieu» é que deve ter provocado uma condenação de conjunto: nos três quartos e meio dos quatro volumes incriminados, não vejo onde é que a crítica tenha podido encontrar um sério pretexto — a não ser para se lançar sobre uma tendência ou *Weltanschauung* (mas, para falar verdade, não é precisamente o caso?). — Sei que Le Roy acompanhou a sua retratação (que ainda não vi) de uma carta em que explicava que esta retratação, «cujo sentido não compreendia», significava sòmente a sua vontade de obedecer à Igreja. Surpreender-me-ia que este gesto o diminuisse — mesmo aos olhos dos «Gentios»...»

pediram, em ordem a uma eventual publicação (?). Tenciono escrever em seguida, no primeiro momento disponível, uma coisa nova sobre a questão metafísica e religiosa fundamental: «que é o Múltiplo, e como reduzi-lo à Unidade» (solução oriental e solução ocidental). Mais uma vez, quanto não daria eu para poder falar consigo de tudo isto!

Aqui, como na França, não falta o pessimismo. Penso que é preciso resistir a esta vaga de timidez em face das grandes metamorfoses que se processam. Não têm o direito de gemer senão os que ligaram o seu Universo às formas que desaparecem, ou que não crêem que o Mundo tem o poder e a necessidade de se renovar. Nós não pertencemos a esse número.

Muito afectuosamente seu, *in Christo*

P. Teilhard, S. J.

The National Geological Survey of China
24 de Junho de 1934

Caríssima Amiga,

Quando regressei, há poucos dias, do fundo do Szechuan, encontrei a sua carta da Páscoa, que foi para mim uma suave brisa. Não preciso de lhe dizer que tenho vivido sempre, há meses, com a ideia muito *clara* de que lhe ia escrever. Mas, depois, veja lá o que acontece!... Muito obrigado pela fotografia. E muito obrigado sobretudo pela sua amizade. E muito obrigado pela paz e pela

serenidade que irradia da sua amizade. Como você é uma coisa bem preciosa e *rara!* Como eu gostaria, depois de todo este tempo, de poder refazer-me junto de si!

Que dizer-lhe, numa carta, para informá-la de como me encontro, desde que me ausentei daí, já vai para mais de um ano?

Essencialmente, nada de novo quanto a mim, nem na China, nem em Roma, nem em Paris. Aqui, apesar da morte inesperada do Dr. Black [59] (esta perda é um dos grandes desgostos da minha vida), as investigações continuam na mesma linha. Ainda se continuam a encontrar coisas do Sinantropo em Chukutien; e, depois da Páscoa, não tenho deixado de visitar o vale do Yangtze, desde Nanquim até aos primeiros contrafortes do Tibete. Nada indica (muito pelo contrário!) que as minhas possibilidades (e as minhas obrigações) de trabalho diminuam na China. Habituo-me à ideia de acabar aqui os meus dias, sem renunciar, bem entendido, ao desejo de continuar em contacto com Paris. Mas de maneira nenhuma tenho a certeza de poder reaparecer este Inverno em França. O desaparecimento de Black obriga-me a mais fidelidade ao meu posto. E, depois, não posso aduzir nenhuma razão bem clara para uma viagem à Europa. Todavia, nada está decidido. Tenho, ao mesmo tempo, desejo e temor destas passagens em Paris.

---

[59] O Doutor Davidson Black, Director do Serviço Geológico, tinha morrido em 16 de Março, vítima de uma crise cardíaca, no seu laboratório de Pequim, «entre o Sinantropo e o crânio da *Upper Cave*». *Cf.* George B. Barbour, *Teilhard de Chardin sur le terrain*, Paris, Seuil, 1965, pp. 76-77. O P.e Teilhard trabalhava com ele havia mais de dez anos.

Em Roma falou-se vagamente em me convidarem para «conversar». Mas não vejo muito bem como é que eu poderia estabelecer uma paz leal. O meu amigo P. de Bonneville (provincial de Lião) é o primeiro a desaconselhar-me esta visita *ad limina*. Portanto, não me mexo. Parece que teria havido ainda algumas queixas a meu respeito este Inverno. Não conheço senão uma (completamente ridícula) a respeito de um relatório puramente técnico para a Antropologia — e que não teve sequência. Mas, evidentemente, tenho um registo criminal sobrecarregado, e há muitas minas a vogar nas águas em que navego.

De Paris, tenho relativamente poucas notícias. Mas verifico, pelos poucos livros que recebo (nomeadamente do lado *Vie Intellectuelle)*, que há ideias, e mesmo expressões, que vão avançando docemente, chegando até a brotar da grande pena de Sertillanges [60]. Isto inspira-me paciência. Gostaria, apesar de tudo, de ir ver as coisas mais de perto, e de dar um novo impulso.

Isto basta para lhe dizer que, no fundo de mim mesmo, não mudei, a não ser na mesma linha. Um dos resultados deste movimento é que me encontro gradualmente, e cada vez mais, à margem de muitas coisas. Não é senão graças à vida exótica que levo que este desvio se não transforma em fissura. O que me anima um pouco, e

[60] *Cf.*, em particular, A.-D. Sertillanges, *Dieu ou rien?*, Paris, Flammarion, 1933, t. I, cap. 1 («Dieu et le monde») e cap. 2 («Dieu et les origines humaines»), pp. 9-149. A propósito de *Dieu ou rien?*, o P.e Teilhard escrevia no dia 4 de Fevereiro de 1934 ao P.e Sertillanges uma carta significativa, ed. em A.-D. Sertillanges, *L'âme et l'univers*, Paris, Éditions ouvrières, 1965, pp. 16-17.

me salva, é que, se, por um lado, toda uma muralha de representações e convenções eclesiásticas aluiu definitivamente diante de mim, nunca, por outro lado, me encontrei mais perto do que me parece serem os eixos profundos do Cristianismo: um novo valor do Mundo, primado do Espírito e da Personalidade, Personalidade divina. Não vejo saída, nem força, para mim, fora da síntese (teórica *e* prática) da fé apaixonada no Mundo e da fé apaixonada em Deus. Ser plenamente humano e cristão, um pelo outro. Isso leva a situações aparentemente paradoxais. Mas estou cada vez mais convencido a confiar na Vida, sem me admirar de nada. E, depois, parece-me que não tenho a menor apreensão diante de qualquer coisa que me possa acontecer, desde que seja «ao serviço do Mundo».

Pude recomeçar a escrever um pouco, no Inverno passado. Primeiro, um ensaio que me agradou bastante, *Christologie et Évolution* [61], em que condensei, em vinte páginas, a essência de quase todos os meus papéis desde há vinte anos. E, depois, um esboço, menos claro, sobre a *Évolution de la Chasteté* [62]. O primeiro ensaio não foi visto senão por Auguste Valensin, de Lubac, Le Roy, Charles, Maréchal. Até ao presente apenas Valensin me deu a sua opinião: diz que se trata de uma das minhas melhores notas (!), o que não quer dizer, sem dúvida, que esteja de acordo com tudo. O segundo ensaio está ainda na gaveta, pois corre o risco de ser mal compreen-

[61] *Christologie et évolution*, dactil. 22 pp., escrito em Tien Tsin, Natal de 1933.

[62] *L'évolution et la chasteté*, dactil., 26 pp., escrito em Pequim, em Fevereiro de 1934.

dido. Todavia, é um esforço absolutamente leal e desinteressado para procurar ir ao fundo de uma questão que me parece terrìvelmente vital e terrìvelmente obscura. Nele reuni tudo o que me foi dado encontrar no fundo das minhas evidências em face de questões e desafios que não tinham nada de abstracto para constituir «a defesa» e sobretudo para definir o valor ou a essência «da castidade». Teremos que discutir isto juntamente. No fundo, é simplesmente, mas em toda a sua acuidade, o Problema da Matéria — e do Poder espiritual da Matéria. Tenho em vista mais alguns escritos, nomeadamente uma exposição da «Minha Crença» para Mons. Bruno de Solages (Toulouse), que largamente faz circular as minhas folhas [63] — e também um «Sacramento do Mundo» [64], no qual penso retomar, mas muito mais profundamente, o tema da minha «Missa sobre o Mundo». Mas quando terei tempo para isso?...

E aqui estão três páginas em que não falei senão de mim: mas confessando-me a si, o que é, sem dúvida, o melhor dom de nós mesmos. Escreva-me muitas vezes. Serei mais regular em responder-lhe. E, enfim, que Deus lhe guarde a sua benéfica serenidade, e aumente em nós dois o gosto do Ser.

Seu

P. Teilhard, S. J.

Muitas saudades aos amigos comuns que encontrei

[63] Irá ser *Comment je crois,* dactil., 40 pp., escrito em Pequim, em 28 de Outubro de 1934. Mons. de Solages citá-lo-á amplamente em *Le livre de l'espérance,* Paris, Spes, 1954, pp. 58-60.

[64] O «Sacrement du monde» não passará de um projecto.

na sua casa de Neuilly: Donnay, Garric, «Salinas» [65], etc. Não esqueço ninguém [66].

S. S. Tjinagara, *26 de Janeiro de 1936*
(antes de Xangai)

Amiga muito querida,

Antes da agitação que me espera à minha chegada à China, amanhã, quero enviar-lhe, com votos terrìvelmente atrasados pelo Ano Novo, algumas notícias, a fim de que este benéfico contacto se mantenha entre nós os dois. Devo-lhe *tanto,* Amiga, e é para mim uma enorme doçura, de espírito e de coração, reencontrá-la sempre cheia de sabedoria, de segurança e de afecto, todas as vezes que regresso à Europa. Ah!, se não houvesse no mundo senão mulheres assim... Mas então seria demasiado fácil a conquista do Fogo (um lindo título para um romance, não acha?).

Exteriormente, desde que parti da França, em Setembro, a minha vida tem sido uma grande e bela aventura. Desde a minha chegada à Índia, subi a Caxemira, um prodigioso canteiro de verdura, avermelhada com as primeiras cores do Outono, entre as cadeias nevadas do Pei Panjal (mais alto que o Monte Branco) e o grande Hima-

[65] Madame Darcanne, uma das primeiras internas de França, é também a autora de uma biografia de *Mlle* Zanta. *Cf. supra,* p. 36.

[66] Omitem-se cinco linhas do *post-scriptum.*

laia. Depois, passei dois meses nos desertos ou semi-desertos do Punjab e do médio Indus. E, para acabar, transportámos as nossas camas de campanha para o delicioso vale da Norbada (Índia Central), num quadro de selva, de macacos e de papagaios. E durante todo esse tempo não deixámos de coligir, a mãos cheias, coisas novas. Em seguida, de Calcutá desci a Java, onde um outro amigo meu (o jovem von Koenigswald — mais um simpático alemão [67]) me ofereceu as primícias de outras extraordinárias descobertas em pré-história, num quadro de vulcões e de palmeiras. Finalmente, há quinze dias, tomei em Batávia o vapor holandês que me leva. E, pouco a pouco, contra a monção, debaixo de um céu cada vez mais frio e cinzento (havia neve, esta manhã, nas montanhas do Fukien), aproximamo-nos dos lados do Yangtze, que tenho agora pressa de ver de novo. Tanta gente e tantas coisas que me esperam em Pequim! Como vou encontrar agora o meu Geological Survey, depois do novo avanço japonês?... Apesar desta pontinha de inquietação, que aumenta à medida que me aproximo, no fundo estou satisfeito por não ter iludido uma experiência (a viagem às Índias) que empreendia com certa apreensão. Do ponto de vista técnico, este último Outono terá ampliado e alargado consideràvelmente a minha plataforma científica. E, se é verdade que me encontro cada vez mais definitivamente desiludido perante o tão grande interesse que há agora para o Homem em se votar a descobrir cada vez mais o Passado, também é certo que tenho

[67] «O jovem e brilhante Koenigswald» (*Lettres de voyage, op. cit.*, p. 198), sábio alemão (e não holandês, *ibid.*, p. 196), tinha convidado o P.e Teilhard a ir a Java.

necessidade de uma plataforma para me fazer ouvir sobre pontos mais importantes. Depois, tudo corre bem. Uma vez mais, terei feito bem em seguir até ao fim o fio que a vida me estendia.

O que vai dominando o meu interesse e as minhas preocupações interiores, bem o sabe, é o esforço para estabelecer em mim, e difundir à minha volta, uma religião nova (chamemos-lhe um Cristianismo melhor, se assim o quer), em que o Deus Pessoal deixe de ser o grande proprietário «neolítico» de outrora, para se tornar na alma do Mundo reclamada pelo nosso estádio cultural e religioso. Sobretudo depois de Calcutá, no decurso de uns vinte dias de navegação solitária, muito pensei — e rezei também. Na minha frente, a estrada parece-me claramente definida: trata-se não de sobrepor Cristo ao Mundo, mas de «pancristizar» o Universo. O ponto delicado (toquei-o em parte em *Christologie et Évolution)* é que, seguindo por esta via, se vai dar, não apenas a um alargamento de vistas, mas a uma inversão de perspectivas: o Mal (não já castigo de uma falta, mas «sinal e efeito» de Progresso) e a Matéria (não já elemento culpável e inferior, mas «textura do Espírito») tomam, neste caso, uma significação diametralmente oposta à significação *habitualmente* considerada como cristã. Cristo sai, desta transformação, incrìvelmente engrandecido (pelo menos eu assim o penso — e todos os inquietos de hoje a quem falei do assunto pensam como eu). Mas continua ainda a ser o Cristo do Evangelho? E, se já não é Ele, onde apoiar, de futuro, o que procuramos construir? — Não sei se, entre tantos confrades meus que me precedem ou seguem pelo caminho que eu trilho, muitos (ou mesmo um só!... o que me parece inacreditável)

compreendem a importância do passo que todos estão para dar. Mas eu começo a distingui-lo muito claramente. Uma coisa me tranquiliza: é que, em mim, a luz crescente é acompanhada de amor, e de renúncia a mim mesmo no Maior do que eu. Isto não poderia enganar. Obscuramente, portanto, entrincheiro-me no sentimento de que o Ser é infinitamente mais rico e renovador do que a nossa lógica. Como no caso de todo o movimento, o paradoxo da mudança religiosa que se vai operando resolver-se-á pelo próprio movimento. *Solvitur eundo.*

Sob a influência destas preocupações, oriento-me gradualmente para a redacção de um novo Ensaio, em que se agrupará, assim o pressinto, o melhor das minhas últimas conquistas *L'Univers personnel*, ou antes (Esboço de) *Un Univers personnel* [68]. Gostaria de analisar, neste ensaio, o que vai ser do Mundo quando se aceitar arranjar nele lugar para o «pessoal» (o qual é indubitàvelmente um facto — e mesmo o fundamento — da experiência). Gradualmente, tudo se transforma: o moral funde-se no físico, a individualidade prolonga-se na Universalidade, a matéria torna-se a estrutura do Espírito. E chega-se a uma representação muito próxima do neocristianismo a que acima me referia. Não quero precipitar-me a pôr isto por escrito. Mas sinto que as ideias se definem e organizam.

Num ponto de vista diferente, tive a oportunidade de desenvolver, no decurso dos últimos meses, o meu

[68] Três meses mais tarde, em Pequim, no dia 4 de Maio, o P.e Teilhard redigirá *Esquisse d'un univers personnel*, texto editado nas *Oeuvres* de Pierre Teilhard de Chardin, t. 6 (1962), pp. 67-114.

conhecimento dos povos asiáticos. Estas novas experiências não fizeram mais do que reforçar a convicção que já tenho de que nada seria mais perigoso para os humanitaristas (entre os quais me incluo) do que fechar os olhos diante do facto da complexidade (ou heterogeneidade) da massa humana. Como me expliquei numa carta (particular) a Maurice Brillant, a propósito dum manifesto pró-abissínio que me pediam que assinasse (um pouco tardiamente, e ainda bem), a unidade filosófica ou «sobrenatural» da natureza humana não tem *nada* que ver com a igualdade das raças quanto às suas capacidades físicas em concorrer para a construção do Mundo. Ora, é *isto*, e *não aquilo*, que está em causa nas questões abissínia e chinesa. Sob o falso nome de «guerra de expansão» (a qual é, em si, imoral: «direito do mais forte»), entende-se confusamente, creio eu, «guerra de construção» (isto é, direito da Terra de se organizar reduzindo, mesmo pela *força*, os elementos refractários e retardatários). Neste sentido, no *fundo*, estou com Mussolini, contra os liberais da esquerda e os missionólogos. Onde Mussolini me parece cometer o maior erro é no uso cobarde e inútil da força (quando outros factores poderiam ter sido aproveitados) e no facto de o fazer com risco de lançar a confusão nas ideias e nas alianças penosamente estabelecidas no bloco ocidental. Gostaria de escrever um artigo sobre isto. Mas não encontraria ninguém que o aprovasse, nem revista alguma que o publicasse [69]. E, todavia, aqui me parece estar o facto

[69] O P.e Teilhard retomará estas ideias em *Sauvons l'humanité*, Pequim, 11 de Novembro de 1936, 34 pp. dactil. Aparecerá uma versão abreviada do texto em *Études*, 20 de Outubro de 1937,

objectivo: 1.º) é impossível uma moral internacional sem a aceitação preliminar de que há uma Terra a construir acima dos Estados; 2.º) e, uma vez decidida esta construção, tudo deve ceder; e, como nem todos os grupos étnicos têm o mesmo valor, é preciso dominá-los (o que não quer dizer que seja preciso desprezá-los — mas ao contrário)! — Voltando agora às minhas experiências, a Índia não me pareceu ter guardado muito mais poder criador do que a China ou o Japão. E a sua religião actual é a mais bela advertência que se pode fazer a uma Igreja que corresse o risco de se deixar dominar pelas manifestações rituais, e todas as formas, por veladas que sejam, de superstição. Estremeci, por vezes, ao reconhecer-me «neles».

Adeus, minha Amiga. Como vê, dou à língua como em sua casa. Mas assim por carta é muito menos agradável.

God bless you.

P. Teilhard, S. J.

Por outras palavras, seria preciso reconhecer oficialmente *ao mesmo tempo:*

1.º) A prioridade da Terra sobre as nações;
2.º) A primazia desigualdade dos povos e das raças.

Ora, *isto* é presentemente condenado pelo Comunismo... e pela Igreja, e *aquilo* é não menos condenado

t. 233, pp. 145-165, com o título *La crise présente. Réflexions d'un naturaliste.* O texto original foi editado em P.e Teilhard de Chardin, *Science et Christ*, Paris, Seuil, 1965, pp. 167-191.

pelos Fascismos (e os povos menos bem dotados, bem entendido!).

Então, sobre aquele que disser a verdade, toda a gente cairá ao mesmo tempo. E, todavia, *se* é que é verdade...

Paris, 12 de Novembro de 1938

Querida Amiga,

Muito obrigado pela sua simpática carta. Marguerite já me tinha dito, e eu fàcilmente o suspeitava, quanto a vida lhe tem sido pesada. Vamos ajudar-nos mùtuamente a fazer emergir o espírito do peso da Matéria...

Não me é possível encontrar um momento livre por estes dias. Mas tenho muita vontade de vê-la. Creio que podemos encontrar-nos em casa de Marguerite no próximo sábado. Nessa altura, penso poder combinar consigo um encontro na sua casa, em Neuilly, que me traz à mente tão belas recordações.

Afectuosamente.

P. Teilhard, S. J.

Levarei para casa de Marguerite o número de *Recherches* [70], se o não enviar antes.

[70] O número de *Recherches de science religieuse* em que tinha aparecido o estudo do P.e Jules Lebreton: *Sainte Monique et saint Augustin. La vision d'Ostie*, t. 28 (1938), pp. 457-472. *Mlle* Zanta prepara *Sainte Monique et son fils. La mère chrétienne*, Paris, Plon, 1941.

Paris, 21 de Novembro de 1938

Queridíssima Amiga,

Fiquei muito triste ao saber que ainda se encontrava imobilizada no sábado passado. E, para mais, tenho que partir para Lião amanhã. Que Deus abençoe ou confunda o Superior que me quer ver, em vez de me escrever coisas que se reduzirão a nada!... Regresso na sexta-feira à tarde, mas estarei ainda ocupado sábado e domingo (uma reunião a que não posso faltar). Indique-me algumas datas em que possa vê-la na semana seguinte. Gostaria tanto de estar consigo!

Que o Senhor lhe conserve a Sua paz e alegria *profundas*.

Sempre afectuosamente

P. Teilhard, S. J.

Paris, 11 de Fevereiro de 1939

Querida Amiga,

À última da hora, acontece uma coisa que torna difícil a minha visita de domingo, 12. Perdoar-me-á se não for senão no domingo seguinte, 19?... O meu caríssimo amigo Bégouën [71] parte inopinadamente para a África

[71] O conde Max Bégouën.

na segunda-feira (por três, quatro meses!), e não tenho senão o dia 12 para o ver antes da sua longa ausência. Espero que compreenda... — Se está de acordo com o dia 19 de Fevereiro, às 4 horas, não é preciso responder-me.

Afectuosamente.

P. Teilhard, S. J.

Não imagina como estou contente, e *feliz*, por sabê-la bem disposta. Procurarei levar-lhe *La Vision d'Ostie* [72]. Foi-me elogiada pelo P.e Lebreton.

Terça-feira [73]

Querida Amiga,

Também eu gostaria imenso de voltar a estar consigo, porque, evidentemente, a reunião de domingo, *óptima* para mim, ficou um pouco incompleta. Infelizmente, no domingo não estou livre. Se não for a Inglaterra, dar-lhe-ei notícias. Em todo o caso, o mais depressa possível!

Tenho continuado a pensar na imortalidade da alma. É claro que esta imortalidade se deve ao facto de que em nós a mónada (isto é, o Mundo) se ligou por fim em centro definitivo. Mas que sinal nos fará reconhecer que

[72] A obra do P.e Paul Henry, *La vision d'Ostie*, Paris, 1938. *Cf. supra.*

[73] Carta sem data, no texto autógrafo.

este fenómeno orgânico aconteceu?... Sem dúvida, o nosso poder de reflexão e de idealização. Mas há ainda outro sinal, e disso estou cada vez mais convencido: é que, sem a persistência da pessoa, seria vão o nosso mais precioso trabalho interior, não teríamos já uma razão suficiente de agir, e, depois, a perspectiva da morte seria intolerável. O duplo fardo 1.°) de ter de continuar a agir e 2.°) de ter de afrontar a morte não é admissível para um ser consciente (reflexo), a não ser que a alma seja imortal. Assim, *imortalidade e reflexão estão necessàriamente associadas,* não apenas por necessidade metafísica ou física, mas por *necessidade moral.* Um universo em que a segunda aparecesse sem a primeira seria não sòmente um Mundo absurdo mas, o que ainda parece mais grave, um Mundo odioso.

Afectuosamente seu

P. Teilhard, S. J. [74]

---

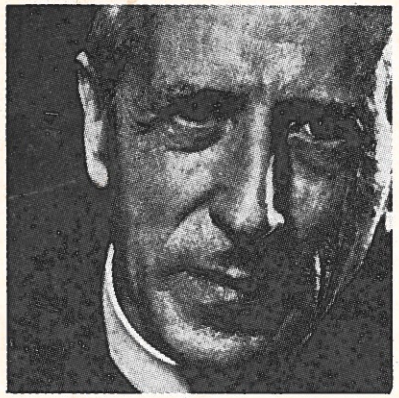
[74] *Mlle* Zanta morrerá a 14 de Junho de 1942. O P.e A.-D. Sertillanges, que lhe deu a extrema-unção, consagrou-lhe depois um artigo necrológico em *Les Voix françaises* de 17 de Julho de 1942.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Robert Garric, *O Padre Teilhard e Mademoiselle Zanta* ... 9
Henri de Lubac, *A prova da fé* 39

CARTAS 61



«O perigo das cartas é que trasmitem muitas vezes uma impressão de momento — e apenas de uma parte da alma nesse momento». Esta observação do Padre Teilhard de Chardin dirige-se muito particularmente ao leitor de hoje, introduzido na intimidade de uma correspondência de grande liberdade, cujo autor não podia suspeitar que viesse um dia a ser publicada.

De 1923 a 1939, esta correspondência cobre as grandes datas da vida e da obra de Teilhard de Chardin. Ao apresentá-la, Robert Garric e o P.e de Lubac explicam como este testemunho de Teilhard, sobre as suas reacções e sentimentos íntimos perante as crises que caracterizaram as suas relações com a sua Ordem e com a Igreja em geral, traz uma valiosíssima contribuição para o estudo de uma obra e de uma personalidade tão importantes e tão estudadas.

Aqui, Teilhard dirige-se e confia-se a uma mulher, uma intelectual de estirpe, profunda e apaixonadamente ligada à corrente feminista dos anos 20. Esta correspondência amiga e fiel permite a ambos, à militante e ao sábio cristão, porem em comum as suas preocupações, inquietações e esperanças. O Padre Teilhard revela-se aqui sob um aspecto pouco conhecido: como conselheiro atento e discreto director espiritual.

Mas, ao mesmo tempo, estas cartas são marcos de uma vida singularmente activa e tensa, e mostram-nos Pierre Teilhard, centrado sobre o nó mais íntimo da sua alma, procurando sempre retemperar as forças «na grande e pacificadora intensidade da omnipresença divina».

Pierre Teilhard de Chardin . Cartas a Léontine Zanta

TEILHARD de CHARDIN

CARTAS A LÉONTINE ZANTA

Livraria Morais Editora